



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
MESTRADO ACADÊMICO EM SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E QUESTÃO
SOCIAL**

ANA KARINA DA SILVA ALVES

**DA PRECARIZAÇÃO À ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO INFORMAL:
SITUAÇÕES DE TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS
DE MARACANAÚ-CEARÁ**

**FORTALEZA- CEARÁ
2015**

ANA KARINA DA SILVA ALVES

DA PRECARIZAÇÃO À ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO INFORMAL: SITUAÇÕES
DE TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE
MARACANAÚ-CEARÁ

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para à obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof°. Dr°. Frederico Jorge Ferreira Costa.

FORTALEZA - CEARÁ

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Alves, Ana Karina da Silva.

Da precarização à organização do trabalho informal: situações de trabalho de catadores de materiais recicláveis de Maracanaú-CE [recurso eletrônico] / Ana Karina da Silva Alves. - 2015.

1 CD-ROM: il. (algumas color); 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 130 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social, Fortaleza, 2015.

Área de concentração: Serviço Social.

Orientação: Prof. Dr. Frederico Jorge Ferreira Costa.

Coorientação: Prof.^a Dra. Ruth Maria de Paula Gonçalves.

1. Catador. 2. Trabalho. 3. Capitalismo. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Centro de Estudos Sociais Aplicados
Curso de Mestrado Acadêmico em Serviço Social,
Trabalho e Questão Social



Ana Karina da Silva Alves

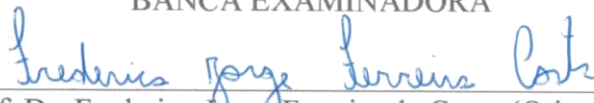
Da precarização à organização do trabalho informal: situações de trabalho de catadores de materiais recicláveis de Maracanaú-CE.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Serviço Social do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Serviço Social, Trabalho e Questão Social.


Área de concentração: Serviço Social

Aprovada em: 18 / 05 / 2015.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Frederico Jorge Ferreira da Costa (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof. Dra. Ruth Maria de Paula Gonçalves
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof. Dra. Kátia Regina Rodrigues Lima
Universidade Regional do Cariri - URCA



Prof. Dr. Emmanoel Lima Ferreira
Universidade Regional do Cariri - URCA

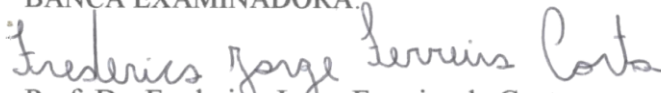
FOLHA DE AVALIAÇÃO

Título da dissertação: Da precarização à organização do trabalho informal: situações de trabalho de catadores de materiais recicláveis de Maracanaú-CE.

Nome da Mestranda: **Ana Karina da Silva Alves**

Nome do Orientador: Frederico Jorge Ferreira da Costa

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Frederico Jorge Ferreira da Costa
Orientador


Profª. Dra. Ruth Maria de Paula Gonçalves
1º Examinador


Profª. Dra Kátia Regina Rodrigues Lima

2º Examinador


Prof. Dr. Emmanoel Lima Ferreira

3º Examinador

Data da Defesa: 18/05/2015

Conceito obtido: Satisfatório

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter permitido a realização deste estudo e por guiar meus passos nesta caminhada.

À minha família que sempre me incentivou, em especial meus pais, Cláudia e Airton pelo apoio e entusiasmo incondicionais, meus irmãos, Júnior e Jhonata, também tão estimuladores das minhas escolhas.

Ao meu marido, Fabrício Barcelos, que soube respeitar a minha “ausência” nesses dois anos de estudo e dedicação acadêmica, deixando de lado outras atividades, agradeço pelo amor, cumplicidade e paciência.

À Universidade Estadual do Ceará – UECE, pela oportunidade oferecida para realização do mestrado acadêmico.

Ao meu orientador, Frederico Jorge Ferreira da Costa, pela paciência, orientação valorosa e disponibilidade nesses dois anos de trabalho conjunto.

À professora Ruth Maria de Paula Gonçalves, pelo esforço e dedicação, com que se dispôs a co-orientar esta pesquisa e cujas sugestões foram essenciais.

Aos professores Kátia Regina Rodrigues Lima e Emmanoel Lima Ferreira, por aceitarem participar da banca examinadora e pelas contribuições dadas para a elaboração desta pesquisa.

À Juliana Lúcio, pelo interesse entusiasta pela dissertação e pelo apoio tão precioso nas transcrições e no trabalho de campo;

A todos os professores do Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social, pelos ensinamentos que foram de grande relevância para minha formação.

A todas as colegas da turma do mestrado, em especial às minhas amigas, Raquel Vieira, Rebecca Rocha e Régia Prado, cujas contribuições para esta pesquisa foram fundamentais.

À professora Liana Brito, pela dedicação e profissionalismo que enriqueceram minha experiência de estágio docente, tão importante e, ainda, aos alunos da disciplina “Trabalho sociabilidade”, por terem desempenhado papel fundamental na minha iniciação à docência.

Às amigas que me estimularam com material para leitura e participaram desse trabalho mesmo que indiretamente, me dando força, em especial à minha prima e melhor amiga, Carla Farias e às companheiras da Coordenadoria de Habitação,

Rafaela Silveira, Luciana Gurgel, Kilvia Moura, Elisier Pinheiro, Luana Pereira e Luciana Portácio.

Às minhas amigas, Amanda Modesto, Welyda Lucena e Monalisa Rodrigues, pelos dias alegres e por terem me apoiado em todos os momentos.

Aos catadores de materiais recicláveis do Aterro Sanitário e da Cooperativa Coomvida de Maracanaú, e aos catadores do Bairro Acaracuzinho, pelo aprendizado e conhecimento sobre seus meios e modos de vida.

A todos os que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho e que, por ventura, não mencionei, os meus sinceros agradecimentos.

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

(Manuel Bandeira)

RESUMO

As diversas crises e reestruturações do capitalismo trazem à tona novas possibilidades de se pensar o trabalho, especialmente no que se refere à inserção do catador na indústria da reciclagem e como esta categoria se organiza na busca de melhores condições de trabalho e de rendimentos que lhes assegurem a sobrevivência cotidiana. Decorrendo dessa premissa, tem-se a necessidade de conhecer e refletir sobre as condições de trabalho do catador de materiais recicláveis, em cooperativas ou individualmente, para que se possa (re) pensar qual o sentido do trabalho, especificamente o de catação, onde os trabalhadores muitas vezes são rotulados de agentes socioambientais, sem uma compreensão destes como classe organizada que vive do trabalho de catação na qual o produto do trabalho, o lixo, após descartado pela sociedade do consumo, se reinsere na lógica de produção capitalista sob a forma de mercadoria nos processos industriais. O objetivo desta dissertação é analisar as situações do trabalho dos catadores de materiais recicláveis de Maracanaú-CE. Trata-se de pesquisa de caráter qualitativo/quantitativo e apresenta em sua matriz teórica, diferentes autores que se inserem no debate acerca do mundo do trabalho e da reciclagem. Pauta-se em explorações bibliográficas e de campo, onde foram realizadas observação participante e entrevistas semiestruturadas. Constatou-se que há uma pluralidade de catadores e que é crescente a quantidade de trabalhadores nessa atividade que a exercem de maneira precária em Maracanaú, obtendo apropriações mínimas de rendimentos. Outra constatação é que, os entrevistados percebem o lixo como sua fonte de sobrevivência e acreditam desempenhar um importante papel dentro da sociedade, se reconhecendo como vítimas do preconceito, mas tendem a negar a relação direta entre o trabalho e problemas de saúde. Não se percebem como explorados dentro do sistema capitalista, já que acreditam que dominam suas próprias condições de trabalho e não estão subordinados a ninguém.

Palavras-chave: Catador. Trabalho. Capitalismo.

ABSTRACT

The various crises and capitalist restructurings raise new possibilities of thinking about the work, especially with regard to the insertion of the collector in the recycling industry and how this category is organized in search of better working conditions and income to ensure their everyday survival. Taking place this premise, there is the need to know and reflect on the collector of the working conditions of recyclable materials, in cooperatives or individually, so you can (re) think that the meaning of work, specifically the grooming, where workers are often labeled environmental agents, without an understanding of these as an organized class who lives scavenging work in which the product of labor, garbage, discarded after the consumption society, reinsert the capitalist logic of production in the form of goods in industrial processes. The aim of this work is to analyze the situations of the work of collectors of recyclable materials Maracanaú-CE. It is qualitative research / quantitative and presents in its theoretical matrix, different authors that fall within the debate about the world of work and recycling. Is guided in bibliographic and field explorations, which were conducted participant observation and semi-structured interviews. It was found that there is a plurality of collectors and is increasing the number of workers in this activity who exercise precariously in Maracanaú, getting minimum appropriation of earnings. Another finding is that respondents perceive garbage as their source of survival and believe play an important role in society, recognizing as victims of prejudice, but tend to neglect the relationship between work and health problems, not recognizing as exploited within the capitalist system, since they believe that dominate their own working conditions and are not subject to anyone.

Key-words: Collector. Work. Capitalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Aterro Sanitário de Maracanaú.....	15
Figura 2 -	Catadores trabalhando no aterro sanitário.....	22
Figura 3 -	Catadores trabalhando no aterro sanitário.....	30
Figura 4 -	Cena do filme “Tempos Modernos” que retrata o modelo Fordista...46	
Figura 5 -	Área de descarregamento do lixo.....	54
Figura 6 -	Aterro Sanitário de Maracanaú.....	57
Figura 7 -	Fachada da Cooperativa	60
Figura 8 -	Galpão para depósito de materiais.....	61
Figura 9 -	Catadores trabalhando no aterro sanitário.....	61
Figura 10 -	Símbolo do MNCR.....	63
Figura 11-	Catadora do Lixão de Jardim Gramacho.....	65
Figura 12 -	Caminhão de coleta no Aterro Sanitário.....	71
Figura 13 -	Mapa do Bairro Alto da Mangueira onde fica situado o Aterro Sanitário.....	72
Figura 14 -	Mapa da localização do Município de Maracanaú.....	74
Figura 15 -	Caminhão da limpeza descarregando lixo na área do aterro.....	97
Figura 16 -	Catador separando material no Aterro.....	101
Figura 17 -	Galpão de triagem – Cooperativa Coomvida.....	101
Figura 18 -	Aterro Sanitário.....	110
Figura 19 -	Catadores trabalhando no aterro sanitário.....	114
Figura 20 -	Rampa de lixo do aterro sanitário.....	128
Quadro 1 -	Categoria de catadores.....	27
Quadro 2 -	Preços dos materiais recicláveis - Bairro Acaracuzinho.....	95
Tabela 1 -	População por Sexo.....	73
Tabela 2 -	Rede Municipal de Ensino.....	77
Tabela 3 -	Unidades de Saúde Ligadas ao Sistema Único de Saúde.....	78
Tabela 4 -	Estabelecimentos de saúde por tipo de unidade	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	Evolução da população de Maracanaú.....	75
Gráfico 2	–	Percentual de catadores por categoria.....	87
Gráfico 3	–	Percentual de nível de escolaridade de catadores por categoria.....	88
Gráfico 4	–	Percentual de idade catadores por categoria.....	89
Gráfico 5	–	Percentual de naturalidade de catadores por categoria.....	90
Gráfico 6	–	Percentual de forma da moradia de catadores por categoria.....	91
Gráfico 7	–	Percentual de estado civil de catadores por categoria.....	92
Gráfico 8	–	Percentual de renda de catadores por categoria.....	94
Gráfico 9	–	Preconceito.....	96
Gráfico 10	–	Conhecimento sobre a PNRS.....	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas.
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações.
CEMPRE	Compromisso Empresarial para Reciclagem.
COOMVIDA	Cooperativa de Produção dos Catadores do Conjunto Vida Nova.
FPE	Fundo de Participação dos Estados e do Distrito Federal
FMI	Fundo Monetário Internacional.
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
MNCR	Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis.
ONG'S	Organizações Não-Governamentais.
ONU	Organização das Nações Unidas.
PET	Politereftalato de Etila.
PGIRS	Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.
PVC	Poli Cloreto de Vinila.
SEMACE	Superintendência Estadual do Meio Ambiente.
SEMAM	Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Controle Urbano.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	23
3	UMA REFLEXÃO SOBRE A CATEGORIA TRABALHO E SEUS DESDOBRAMENTOS NA SOCIABILIDADE HUMANA.....	31
3.1	A DIMENSÃO HISTÓRICA E ONTOLÓGICA DO TRABALHO ENQUANTO CATEGORIA FUNDANTE DO SER SOCIAL.....	31
3.2	O DESENVOLVIMENTO HUMANO A PARTIR DO TRABALHO E SEUS IMPACTOS NA NATUREZA.....	41
3.3	PARADOXOS ENTRE CAPITAL E TRABALHO: O DESENVOLVIMENTO DE UMA CRISE AMBIENTAL.....	47
4	QUESTÃO DO LIXO X QUESTÃO SOCIAL: EXPRESSÕES MATERIALIZADAS NO TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.....	55
4.1	A DIMENSÃO SOCIAL DO LIXO: A FIGURA DO CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL.....	61
5	O CAMPO DE PESQUISA: AS SITUAÇÕES DE TRABALHO DOS CATADORES DE MARACANAÚ.....	72
5.1	O MUNICÍPIO DE MARACANAÚ: ESPAÇO DE TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL.....	74
5.2	A URBANIZAÇÃO E A PRODUÇÃO DE LIXO NO BRASIL, NO CEARÁ E EM MARACANAÚ.....	81
5.3	DISCUTINDO O PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS CATADORES.....	87
5.4	A ERGONOMIA DO TRABALHO DOS CATADORES.....	97
5.5	A RELAÇÃO ENTRE ESTADO E CAPITAL: INTERFACES NO TRABALHO DOS CATADORES.....	104
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
	REFERÊNCIAS	119
	APÊNDICES.....	122
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	123
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	124
	APÊNDICE C - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE.....	128

ANEXO.....	129
ANEXO A - FONTES PRIMÁRIAS.....	130

Figura 1 – Aterro Sanitário de Maracanaú



Fonte: Elaborada pela autora.

1 INTRODUÇÃO

A questão do lixo e do tratamento adequado dos resíduos sólidos principalmente nas áreas urbanas evidencia-se como um dos grandes problemas da sociedade, desde que os efeitos da crise ambiental, provocada pela busca incessante do Capital por lucros começaram a surgir. Com efeito, as áreas urbanas apresentam sérios problemas ambientais relacionados às formas de descarte somado à ineficiência na gestão desses resíduos.

Essa problemática decorre da aceleração do processo de industrialização e da exploração desordenada dos recursos naturais, desencadeados a partir da Revolução Industrial, em meados do Século XVIII, bem como a partir da consolidação do capitalismo. Tais fatores contribuíram sobremaneira para o aumento do processo de urbanização, implicando na migração dos homens do campo para as cidades, ocasionando um crescimento populacional desordenado.

Em face do intenso crescimento que ocorrera, o homem passou a utilizar desenfreadamente os recursos da natureza, o que levou a um aumento significativo da produção de lixo e a vários impactos ambientais que se intensificaram no século XX. Com isso, a sociedade passou a consumir de forma frenética, dentro da lógica capitalista, provocando um impulso exagerado do consumo, conseqüentemente a um rápido descarte dos resíduos.

Assim, pode-se afirmar que todos esses fatores contribuíram para o aumento das desigualdades sociais, pois, as condições de vida e de trabalho das pessoas se tornaram cada vez mais precárias, haja vista que muitas passaram a viver às margens da sociedade.

É oportuno esclarecer que, as transformações ocorridas no mundo dos homens, no modo de vida da classe trabalhadora, oriundas da reestruturação produtiva do capital, contribuíram bastante para o aumento do desemprego estrutural e a formação do exército industrial de reserva, assim como o aumento do setor informal da economia, em detrimento do formal.

Em meio ao processo de precarização das condições de trabalho e da redução dos postos de trabalhos, principalmente no setor fabril, há um desaparecimento de perspectiva de futuro e uma crescente degradação das condições de vida, acentuando o grau de desigualdade, a exemplo dos catadores de

materiais recicláveis¹, que vivenciam cotidianamente um processo de precariedade do trabalho, carência de direitos sociais, e negação dos direitos humanos por parte da sociedade e do poder público.

Esses trabalhadores tem encontrado no lixo uma alternativa de sobrevivência, tendo em vista que, estão imersos na sociedade capitalista, onde o trabalho é o criador da riqueza privada, apropriada por uma parcela de homens, que por sinal também se apropriou dos meios de produção, minimizando o trabalhador “ao nível de miserabilíssima mercadoria” (Marx,1993, p. 157).

Logo, sob os moldes do Capital, o trabalho assalariado condiciona o conjunto das atividades humanas, sendo o único meio de continuar existindo biologicamente, por isso o trabalhador vende sua força de trabalho ao capitalista, submetendo-se às piores formas de trabalho. Nesse contexto estrutural, de exploração do homem pelo homem, cuja, matriz está no trabalho alienado, encontra-se envolvido o catador de material reciclável, que se torna reflexo de uma sociedade cada vez mais injusta e contraditória.

Na atualidade, o lixo ganha visibilidade no campo do trabalho, mesmo que esse trabalho seja explorado e informal. No Brasil, boa parte dele se destina a céu aberto ou lixões e aterros sanitários e apenas uma mínima parte é reciclada. Por isso, como forma de tratamento dos resíduos sólidos, para reduzir o volume e o potencial de periculosidade, a chamada reciclagem² se expande cada vez mais, conferindo ao lixo uma imagem social.

Deste modo, o lixo não representa apenas um problema ambiental, mas também evidencia um problema de dimensão social, pois dentro de uma sociedade capitalista, ele se transforma em uma oportunidade e muitos daqueles que não tem emprego, nem condições de prover sua família, encontram nele, possibilidades e meio de sobrevivência, mesmo que de forma bem precária e subumana. Vale ressaltar que, nesse contexto, a indústria vem intensificando a cadeia de produção destrutiva, do descartável e do instantâneo.

¹ O termo “catador de material reciclável” apesar de ser revestido de eufemismo, transmitindo a imagem asséptica do catador de lixo, foi designado pelo Código Brasileiro de Ocupações (CBO) em 2002, sob o número 5192-5. Segundo a CBO cabe a este profissional “catar, selecionar, vender materiais, como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis. Brasil, 2002.

² De acordo com Magera (2013), o termo reciclagem no que se refere ao lixo, traduz o reprocessamento de resíduos que permite sua reutilização, ou seja, criar novamente o valor de troca e uso daquilo que um dia foi lixo.

Assim, para que o fenômeno da reciclagem se propague e se desenvolva e, que o capital tenha lucro garantido, é necessária a exploração do catador de materiais recicláveis, ator social indispensável que desponta, na sociedade de consumo, e que dentro dela exerce papel fundamental através da reciclagem e da coleta de lixo.

Quanto ao número de pessoas que exercem essa atividade, segundo o Movimento Nacional Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), há uma estimativa de que há cerca de 1 milhão de catadores que atuam no país. Entretanto, segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), há 387.910 mil pessoas que se declaram como catador (BRASIL, 2013)³.

O Relatório da ONU para a Sustentabilidade na América Latina e o Caribe de 2010 (UNEP, 2010), estima que cerca de 170.000 pessoas se ocupem com a reciclagem de latas no Brasil (UNEP: 2010: 304). O documento aponta ainda, o país como líder no continente em relação à reciclagem de alumínio.

Diante do crescimento de trabalhadores que exercem essa atividade e, sobretudo do pouco rendimento que esta os oferece e face ao preconceito que sofrem, uma vez que muitas vezes são associados ao lixo e aos seus estigmas, será que esses catadores têm alguma perspectiva de futuro? Em que medida?

Tendo em vista que, a importância dessa atividade na sociedade capitalista é atribuída ao objetivo de minimizar o problema dos resíduos sólidos urbanos, já que estes atores são responsáveis pela maioria dos materiais coletados e destinados à reciclagem, podendo ser vistos pela sociedade como “agentes ambientais”, será que os catadores se percebem como parte da engrenagem do ciclo produtivo da reciclagem, operada pelo capital?

Segundo pesquisas do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população do Brasil em 2010 foi de 190.755.799 pessoas. Estes brasileiros, por sua vez, produziram 60,8 milhões de toneladas de lixo no período acima referido. Ou seja, foram produzidas 195 mil toneladas de resíduos

³ Ressalta-se a divergência entre os dados apontados, no que se refere à quantidade de catadores no Brasil, haja vista que o IPEA realiza pesquisa e utiliza dados do Censo que entrevista apenas os catadores de lixo que possuem domicílios fixos e que tem esse tipo de trabalho como atividade principal, não contemplando os catadores que não possuem casa ou que trabalham também com outras atividades. A disparidade no quantitativo revela ainda quão perversa é a realidade de quem trabalha com o lixo, pois são invisíveis até diante das pesquisas oficiais.

diariamente, em todo o território nacional, o que torna ainda mais gritante a problemática da gestão de resíduos sólidos.

Ainda sobre a geração de resíduos sólidos, a ABRELPE/2010, apresenta o indicador referente à população urbana do Ceará que é de 6.343.990 habitantes que, por sua vez produz em média 8.735 toneladas por dia de resíduos sólidos, apresentando-se como o segundo maior gerador de resíduos sólidos da Região Nordeste, ficando atrás apenas da Bahia.

Devido a estes fatores, a reciclagem e a atividade de catação tem se constituído, cada vez mais, como alternativas para o destino do lixo, conferindo aos trabalhadores que a exercem, uma maior visibilidade. Ainda assim, esses trabalhadores são invisíveis para grande parte da sociedade e submetem-se a dominações indiretas e a formas precárias de trabalho, principalmente, nos lixões a céu aberto e até mesmo em aterros sanitários em diversas cidades. Nesse sentido, questiona-se: quais as estratégias de sobrevivência adotadas por esses trabalhadores além da catação?

Por conta da ênfase conferida à questão dos resíduos sólidos e, dada a necessidade de discutir melhorias nas condições de trabalho dos catadores, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei 12.305/2010), surge assim como possibilidade de inclusão⁴ social desse grupo diante das políticas públicas.

Tal política prevê que os municípios elaborem um Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, que contemple a inserção social de catadores em programas de coleta seletiva municipais e estipulou-se um prazo até agosto de 2014, para o fechamento dos lixões e constituição de cooperativas, o que desperta, dentre outros questionamentos, o interesse em compreender como os sujeitos, ora estudados, visualizam as mudanças no seu trabalho e como o poder público vem tratando a questão dos resíduos sólidos.

A crescente preocupação e valorização da “questão ambiental” por parte das grandes indústrias nas últimas décadas traz a tona, também, as possibilidades

⁴A inclusão a que se refere a supracitada lei é voltada para a capacitação para o trabalho, a inclusão produtiva. Faz-se mister ressaltar que a realidade do trabalho de catação é ambígua no que se refere à relação inclusão-exclusão, haja vista que, intenta-se “incluir-lo socialmente” através do trabalho de transformação do lixo em mercadoria de interesse das grandes indústrias mas, ao mesmo tempo, esse trabalhador é marginalizado e sofre vários tipos de exclusão na dinâmica das relações sociais e no acesso a serviços públicos, devido à atividade que desempenha. (Medeiros & Macedo, 2006).

de mudanças e perspectivas de melhorias nas relações entre os catadores e a sociedade, tendo em vista a trajetória desses trabalhadores ser marcada pela precarização da atividade e exclusão do mercado formal de trabalho, questiona-se: qual a importância do trabalho na vida dos catadores? Que tipo de inclusão é pensada para estes trabalhadores?

Vale ressaltar que, em se tratando das políticas desenvolvidas no âmbito local ou nacional, há que se destacar ainda, que, estas são direcionadas aos catadores organizados em associações ou cooperativas, o que deixa de contemplar a maioria dos catadores que trabalha individualmente nas ruas ou em lixões e aterros sanitários, como é o caso do Município de Maracanaú, onde ainda há a predominância de muitos trabalhadores exercendo a catação informalmente.

As indagações e inquietações levam a necessidade de estudar e investigar sobre a realidade desses trabalhadores. Instiga-me também compreender quais as mudanças no trabalho e no perfil dos catadores de materiais recicláveis após o advento da referida política? Quais as formas de exploração a que estão submetidos? Como se dão suas relações de trabalho?

E assim, refletindo, pois, sobre que tipos de estratégias os catadores adotam ante à precarização da atividade que exercem, levando em consideração a observância das diretrizes da Política Nacional de Resíduos Sólidos, tomamos como pergunta de partida de nossa investigação, a seguinte questão: Quais as situações de trabalho dos catadores de Materiais Recicláveis de Maracanaú-CE?

A motivação para a realização deste estudo parte desde a graduação de Serviço Social, na qual foi realizado trabalho de conclusão de curso sobre as condições de trabalho dos catadores da Cooperativa de Produção do Conjunto Vida Nova, localizada em Maracanaú-CE, com objetivo de contribuir para uma maior compreensão da realidade dos catadores de materiais recicláveis e da atividade de catação dentro da sociedade, com possibilidade de se realizar ações que visem uma transformação da realidade, oferecendo subsídios para a criação de políticas públicas destinadas ao grupo.

Os questionamentos acerca da temática não se esgotaram e, a partir da observação do contexto de trabalho dos catadores de material reciclável na referida cooperativa, ficou evidente que muitos dos trabalhadores que desempenham a catação em Maracanaú, ainda o fazem informalmente, o que ficou claro nas falas dos sujeitos pesquisados, afiliados à cooperativa, que constantemente verbalizavam

que outros catadores “preferem” trabalhar por conta própria no aterro sanitário a ficar na cooperativa, já que seus ganhos são bem maiores do que lá, já que não precisam cumprir horários formais, dentre outras exigências do trabalho formal.

Assim, o interesse pela temática aumentou, na medida em que se passou a perceber que, talvez, os catadores que estão no aterro “preferem” exercer a catação de forma autônoma pelo fato da cooperativa não possuir estrutura para abranger todos esses trabalhadores e, principalmente, por pretender entender como se desenvolvem as ações voltadas para a organização destes trabalhadores e também da coleta seletiva no município, a partir das diretrizes da PNRS-2010.

Ressalta-se além dos fatores acima, o fato de que o município de Maracanaú, já possui um aterro sanitário, considerado uma das soluções mais viáveis para o destino final do lixo, já que nele o material é compactado e recoberto e os efluentes (líquidos e gasosos), são captados e tratados de forma adequada. Os trabalhadores entrevistados também informaram que o Aterro Sanitário Metropolitano Sul, lócus desta pesquisa, também é espaço de trabalho de crianças e vários outros que residem nas proximidades da Comunidade Vida Nova no Município de Maracanaú.

A abordagem desse estudo foi estruturada em cinco capítulos. O primeiro capítulo refere-se à trajetória metodológica realizada no período da pesquisa, onde são apresentadas as dificuldades enfrentadas no percurso deste estudo. Apresentei também alguns dados censitários e considerações sobre a condição dos catadores de materiais recicláveis.

No segundo capítulo, procuramos apresentar uma discussão sobre a categoria trabalho e seus desdobramentos na sociabilidade humana, enfocando elementos teóricos levantados por diversos autores que versam sobre essa temática. Ainda, neste capítulo, fiz alusão às transformações no mundo do trabalho e os efeitos da crise ambiental, trazendo um resgate histórico sobre os marcos, documentos e lutas em defesa do meio ambiente.

O terceiro capítulo enfatiza a dimensão social do lixo e o trabalho do catador como expressão da questão social, trazendo algumas definições e legislações sobre os resíduos sólidos, assim como apresenta um breve histórico de luta e organização da categoria por reconhecimento e melhores condições de trabalho.

O quarto capítulo apresenta o campo de pesquisa, o histórico do

Município de Maracanaú e seu desenvolvimento, o qual se torna atrativo para muitos trabalhadores do campo, que migram em busca de novas oportunidades. O capítulo também aponta o perfil socioeconômico dos entrevistados, traçando um paralelo entre catadores do aterro sanitário, cooperativa e catadores de rua. Após o quarto capítulo são apresentadas as considerações finais.

Figura 2 – Catadores do Aterro Sanitário de Maracanaú



Fonte: Elaborada pela autora.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

“Se apenas houvesse uma única verdade, não poderiam pintar-se cem telas sobre o mesmo tema.”

(Pablo Picasso)

O caminho que procuramos percorrer para desenvolver a presente pesquisa foi fundamental para atingir nossos objetivos, pois, procuramos ir além dos aspectos aparentes, assim como preconiza Marx, ao inferir que a investigação científica começa sempre no âmbito da aparência do fenômeno a ser estudado, o real concreto.

A partir do momento em que há o estudo e a análise da situação problema e dos complexos que a constituem, chega-se ao abstrato. Fase em que o pesquisador questionará o fenômeno, procurando compreendê-lo a fundo, atingindo então o concreto pensando, ou seja, a realidade não mais vista em sua aparência, mas sim em sua essência.

Tivemos como objetivo geral da presente pesquisa: Analisar as situações de trabalho dos catadores de materiais recicláveis do Município de Maracanaú-CE. Quanto aos objetivos específicos, tínhamos: Identificar o perfil socioeconômico dos catadores entrevistados; Conhecer a história de vida dos catadores e quais formas de trabalho já exerceram; Identificar a existência ou não de programas de coleta seletiva no Município de Maracanaú; Analisar as condições e jornadas de trabalho dos catadores; Identificar quais os vínculos com os atravessadores de materiais; Conhecer as relações de trabalho nas quais os catadores de materiais recicláveis estão envolvidos.

A pesquisa tem como ponto de partida o aporte oferecido por Marx (1978 e 1987), no sentido de compreender as relações de trabalho, a acumulação capitalista e as suas inflexões sobre a classe trabalhadora, bem como as contribuições de seus estudiosos, como György Lukács (2007) e Sérgio Lessa (2008), com o debate sobre a categoria basilar e fundante do ser social, qual seja, o trabalho.

Abordamos também em nossa matriz teórica, a contribuição de István Mészáros (2002), um dos pensadores que também deu continuidade aos estudos marxistas, no que tange às mudanças no mundo do trabalho no decorrer dos anos,

a reestruturação produtiva e a crise estrutural do capital. Também tomamos por base os estudos de Ricardo Antunes (1995 e 2000).

É importante considerar dentro das dimensões onde está envolvido o catador de material reciclável, a precarização do trabalho, como uma consequência da exploração da classe trabalhadora, onde destacamos a contribuição do autor Giovanni Alves (2007 e 2013), que em suas obras trata da questão dessa temática e a autora Ana Elizabete Mota(2002).

Para discutirmos a figura do catador no contexto da produção de lixo dentro do sistema capitalista e a questão ambiental, utilizamos os estudos de Guilherme Folladori (1999, 2001). A fim de compreender o contexto em que estão envolvidos os sujeitos desta pesquisa, bem como conhecer suas relações de trabalho e quais as implicações da Política Nacional de Resíduos Sólidos em seu trabalho, utilizamos neste estudo a metodologia qualitativa. Segundo Demo (1983, pág. 19):

Metodologia é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia.

Esse tipo de pesquisa resgata a palavra, a linguagem e concepções dos sujeitos inseridos em um contexto histórico e social, auxiliando o pesquisador a compreender o comportamento, as práticas e as condutas mediante a exploração de emoções, possibilitando também a compreensão dos aspectos da experiência humana e das relações sociais que perpassam o objeto estudado.

De acordo com Löwy (1978, p.), “o método de observação adequado às Ciências Sociais deve reconhecer que seu objeto de estudo possui um caráter histórico, ou seja, suscetível de transformação pela ação humana.” Neste caso a relação entre sujeito e objeto do conhecimento é parcial, uma vez que este se apresenta como parte atuante da vida do pesquisador.

Nesse processo de investigação do real, o sujeito se depara não só com o objeto estudado, mas com a totalidade na qual este se encontra inserido. Esse processo exercerá influência sobre seu estudo, pois sua intenção teleológica sofrerá interferência da causalidade na qual se encontra o objeto social, podendo originar resultados diferentes dos pretendidos, já que a realidade se encontra em

constante mutação. (LESSA, 2007).

Objetivando complementar os dados qualitativos, também serão apresentados dados quantitativos para demonstrar a situação de trabalho dos catadores de materiais recicláveis, assim como será utilizado diagnóstico elaborado pelo IPEA (2013) e documento da Prefeitura de Maracanaú-CE (2008), que traça o perfil dos trabalhadores do Aterro Sanitário.

A pesquisa será bibliográfica, haja vista que terá como base o material extraído de trabalhos literários, acadêmicos e científicos; documental, devido à necessidade de acessar fontes documentais que possibilitem a investigação do histórico do local da pesquisa e desse segmento; e, por fim, também será uma pesquisa de campo, pois haverá contato com os sujeitos informantes, o que ultrapassa os limites de uma pesquisa meramente bibliográfica.

Inicialmente Os procedimentos metodológicos baseiam-se também em observações diretas e não participantes⁵, realização de entrevistas livres, as quais consistem em perguntas abertas, onde o informante tem realizaram-se visitas de conhecimento ou exploratórias ao aterro, com o acompanhamento de um funcionário da SEMAM, com o intuito de explicar aos catadores os objetivos do trabalho e conhecer o contexto em que se dá a atividade de coleta.

Realizaram-se três visitas em novembro de 2013, onde foi possível conversar com alguns catadores e obter esclarecimentos complementares sobre as atividades de coleta e sobre o cotidiano do aterro. Foi a partir deste contato que identificamos o quanto é heterogêneo o grupo que trabalha no aterro sanitário. Há trabalhadores que estão lá há muitos anos e há também aqueles que iniciaram há pouco tempo na atividade.

Há que se destacar, as dificuldades encontradas pela pesquisadora no acesso ao local onde está sendo realizado o estudo, que não contempla linhas de ônibus e fica distante de todos os outros bairros de Maracanaú, o que, agrava ainda mais a situação dos trabalhadores do local, que já carregam um histórico de estigmas e invisibilidade por parte da sociedade.

Avalia-se como entrave para esta pesquisa, o fato de que os sujeitos ora

⁵ A observação não participante, de acordo com Richardson (1999), é uma técnica onde o investigador apenas observa os acontecimentos sem tomar parte nos mesmos, não se envolvendo no contexto observado. Essa técnica necessita de uma delimitação do campo de investigação tanto temporal como espacialmente.

estudados se sentem meros objetos para pesquisas de cunho acadêmico, pois muitos afirmam que através de sua história de vida, vários estudantes recebem títulos, enquanto os interlocutores da pesquisa, nada recebem em troca.⁶ Por isso, alguns apresentam resistência em conversar sobre seu trabalho.

Importante ressaltar que, de início, a proposta era entrevistar os catadores que trabalham diretamente no aterro e traçar um paralelo com os catadores cooperativados daquela área, através de pesquisa direta realizada em 2012 em trabalho de conclusão de curso. Entretanto, no decorrer da pesquisa e dada à dificuldade de entrevistar os trabalhadores daquela área, recorremos a outros trabalhadores deste segmento que utilizam as ruas de Maracanaú como espaço de trabalho e sobrevivência.

E, ao refletir sobre esta etapa do trabalho, percebemos que, ao considerarmos na pesquisa direta somente os catadores que trabalham no aterro, os quais por sua vez vivenciam diversas dificuldades em seu trabalho, mas que apesar de tudo, possuem um ponto fixo onde aguardam a chegada do material e também analisando os dados referentes aos cooperativados, que possuem um nível maior de conhecimento e acesso às informações sobre seu trabalho, poderíamos estar deixando de lado outro universo mais amplo deste segmento que são os catadores que trabalham nas ruas, sozinhos e que se deslocam por longos percursos em busca do material.

Além do mais, esta é uma categoria que possui várias nuances e é fundamental para atingir os objetivos da pesquisa, trazer os elementos que se diferenciam no trabalho dos catadores.⁷ Nessa direção, observamos os pontos de maior concentração destes trabalhadores na cidade de Maracanaú e traçamos uma estratégia de abordagem, pois esta teria que ser no momento de seu trabalho pelas ruas. Outra forma de contato com os interlocutores foi através da Coordenadoria de Habitação, local onde a pesquisadora trabalha e onde muitos catadores procuram atendimento, seja através de demanda espontânea⁸ ou encaminhamento da rede

⁶ Durante as conversas com os interlocutores, foi explanado o objetivo deste estudo, esclarecendo que o retorno a ser dado é a possibilidade de políticas públicas destinadas ao grupo e a visibilidade da categoria perante o poder público.

⁷ No decorrer deste trabalho, será apresentada tabela com as três categorias que o segmento apresenta, quais sejam: catadores cooperativados, catadores de lixão/aterro sanitário, catadores que trabalham nas ruas. Este último segmento ainda se encontra dividido em duas situações: carrinho próprio e carrinho de outrem.

socioassistencial⁹.

Vale ressaltar que, em nossa análise, buscamos entrevistar os catadores que utilizam as ruas do bairro Acaracuzinho, localizado na periferia de Maracanaú, sendo considerado um dos bairros mais populosos do município¹⁰. A seguir, apresentamos um quadro sintetizando as diversas categorias entrevistadas em nossa pesquisa de campo:

Quadro 1- Categoria de catadores

CATEGORIAS DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS			
CATADORES VINCULADOS À COOPERATIVA		Não trabalham nas ruas, nem no aterro. Tem horário e renda fixa. Possuem compradores certos para os materiais.	
CATADORES DE LIXÃO/ATERRO			
Catam diretamente no aterro e sanitário e fazem a negociação do material diretamente no local. Neste estudo identificamos duas subcategorias:			
CATADORES DE ATERRO ATRAVESSADORES	Estes ora estão no aterro catando, ora estão pagando para que outros catadores que chegaram no aterro há menos tempo catem o material para que possam vender diretamente aos deposeiros. Geralmente aqueles que têm mais tempo no aterro tem essa prática devido a um maior poder barganha	CATADORES DE ATERRO NÃO ATRAVESSADORES	Estes apenas recebem determinado valor para encher os BAG's de material e vendem aos catadores mais antigos. Também recebem para separar e limpar o material. Na pesquisa identificamos que estes não sabem o preço de cada material e não tem ideia de quanto os atravessadores lucram com a venda dos materiais.
CATADORES DE RUA/NÃO VINCULADOS A COOPERATIVAS			
Catam nas ruas onde já são conhecidos e vendem o material diretamente no depósito. Em nossa pesquisa identificamos duas subcategorias:			
CATADORES DE RUA QUE SÃO AUTÔNOMOS	São proprietários dos carrinhos e possuem mais liberdade para vender os materiais, pois não estão vinculados a deposeiros.	CATADORES DE RUA QUE NÃO SÃO AUTÔNOMOS	Estes são subordinados aos donos dos carrinhos e não podem escolher para quem e por quanto vão vender os materiais que catam.

Fonte: Elaborado pela autora

⁸ Usuários que por iniciativa própria procuram atendimento na Coordenadoria de Habitação.

⁹ Encaminhamentos de famílias oriundas de áreas de risco ou de moradias condenadas pela precária estrutura

¹⁰ Conforme Diagnóstico da Assistência Social (2012), o referido bairro é composto por 2.232 domicílios.

Após o período de observação, deu-se início às entrevistas semiestruturadas para que os entrevistados tivessem maior liberdade de expor seus pensamentos. Para Minayo (1994), a entrevista semiestruturada permite captar a subjetividade dos indivíduos entrevistados, que encontra-se embutida nos valores, opiniões e condutas dos mesmos.

Dessa forma, as entrevistas contribuíram para a construção do perfil socioeconômico do público-alvo da pesquisa, e foram organizadas em cinco tópicos: sobre o perfil dos catadores; o exercício da catação; sobre as condições de trabalho e renda e saúde. Com a autorização dos sujeitos da pesquisa, foi utilizado um gravador. Essa técnica foi enriquecida com a observação, permitindo conhecer a rotina de trabalho dos catadores e auxiliada com o diário de campo¹¹ para o registro das informações e percepções.

Durantes as visitas ao aterro foram identificados dois tipos de perfis: trabalhadores que já atuam na catação há mais 10 anos (os quais atualmente estão em posição 'superior' aos demais, já que devido ao tempo de experiência, não estão mais na coleta ou separação e sim na compra direta dos materiais) e os que iniciaram há pouco tempo na atividade e, que estão em contato direto com o lixo e sendo ainda mais explorados na ponta desse ciclo de produção.

Ressaltamos ainda que realizamos entrevistas semiestruturadas com representantes do setores diretamente envolvidos com a gestão dos resíduos sólidos em Maracanaú, Coordenador de Limpeza Pública de Maracanaú e um Técnico da Secretaria de Meio Ambiente. Com o intuito de preservar a identidade dos catadores informantes, considerando as questões éticas, optamos por utilizar codinomes de pedras preciosas, ao invés de seus próprios nomes.

A análise dos dados tem sido compreendida a partir de uma reflexão crítica-dialética, levando-se em conta os processos históricos, a totalidade das categorias referenciadas no presente estudo, bem como as particularidades do objeto, ora estudado, haja vista que, mesmo através da história oral de um único indivíduo, pode-se captar não somente a sua perspectiva ou sua individualidade, já que sua visão de mundo expressa também aspectos coletivos, decorrentes do processo de socialização, juntamente com suas particularidades.

11 O diário de campo é pessoal e intransferível. [...] o pesquisador se debruça no intuito de descobrir detalhes que no seu somatório vai congrega os diferentes momentos da pesquisa (CRUZ NETO, 1996, p. 63).

Assim sendo, a pesquisa foi analisada à luz da teoria marxista, que concebe a realidade como algo complexo, que se dá mediante um processo e uma construção histórica, fruto do seu movimento dialético. Tal realidade se configura como “[...] um objeto histórico, em construção, e ao mesmo tempo concreto, que existe independente do sujeito que a conhece, [...] se mostra ao sujeito de forma complexa, confusa, caótica.” (MARX, 1991 apud ARAUJO, 2003, p.261).

Nessa perspectiva, o presente estudo buscou compreender e considerar as inter-relações que envolvem o trabalho dos catadores que trabalham no aterro sanitário, considerando também as particularidades das suas questões cotidianas.

Cabe salientar, ainda, que a presente pesquisa ancora-se em uma posição política e de classe definida, sendo, este estudo analisado de acordo com o entendimento que os catadores estão numa posição desfavorável dentro do sistema capitalista, mas que são inerentes a esse sistema, que necessita da pobreza, do exército industrial de reserva e do subemprego para se perpetuar como sistema dominante.

Figura 3 – Catadores do Aterro Sanitário de Maracanaú



Fonte: Elaborada pela autora.

3 UMA REFLEXÃO SOBRE A CATEGORIA TRABALHO E SEUS DESDOBRAMENTOS NA SOCIABILIDADE HUMANA

“Sem trabalho eu não sou nada
 Não tenho dignidade
 Não sinto o meu valor
 Não tenho identidade”
 (Legião urbana)

Neste estudo, destacamos a importância de refletir sobre o trabalho e as mudanças ocorridas na sociedade capitalista para melhor entendimento da atividade de catação e, partindo do pressuposto de que o trabalho é o elemento central na vida humana e condição eterna de transformação da natureza pelo homem, tal discussão também contribuirá para entender a dinâmica e metabolismo entre homem e natureza.

Sob esse prisma, Marx (1982) define o trabalho como a atuação do homem sobre a natureza externa para dar utilidade aos seus recursos, como forma de satisfazer as necessidades humanas, configurando-se como dispêndio de força humana, física e mental sobre a natureza, para a produção de valores de uso:

O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é a atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais. (Marx, 1985, Tomo I, p. 53).

Assim, o autor parte do pressuposto de que a concepção histórica humana é materialista e, assevera “a existência de indivíduos humanos vivos” (p.45). Neste sentido, os homens produzem seus meios de vida, a partir das condições postas pela natureza e, diferente dos animais, modificam-na de acordo como suas necessidades, através de suas ações no decorrer da história.

A compreensão acerca os vieses do trabalho na sociabilidade humana faz-se necessária para vislumbrar a inserção da atividade de catação no sistema de produção capitalista, assim como entender as relações e conflitos no mundo do trabalho, como frutos de uma sociedade dividida em classes que, mediante a essa forma de sociabilidade, gestada sob os ditames do capital, também gera a exploração do homem pelo homem.

Destarte, faz-se mister destacar a relação entre trabalho e questão ambiental, pois entende-se o trabalho como eixo central do modo de produção

capitalista, o qual por sua vez, é caracterizado pela produção destrutiva e utilização desenfreada dos recursos da natureza, trazendo à tona a problemática ambiental e, por consequência, responsável pelo surgimento e agravante da Questão Social¹², que tem suas expressões materializadas no trabalho do catador de material reciclável.

Este estudo considera ainda a discussão sobre a categoria trabalho e sua dimensão histórica e ontológica enquanto categoria fundante do ser social¹³, que por sua vez, fornece elementos para a compreensão de como os catadores de materiais recicláveis constituem suas identidades e trajetórias, mediadas pelo trabalho e pelas relações sociais.

3.1 A DIMENSÃO HISTÓRICA E ONTOLÓGICA DO TRABALHO ENQUANTO CATEGORIA FUNDANTE DO SER SOCIAL

Lessa (2007, p.36), afirma, a partir dos pressupostos de Lukács, que o trabalho é a forma primária de todo o agir humano e se apresenta como fundamento ontológico de todas as formas da práxis social. Com base no legado de Marx, o autor considera que o trabalho é a relação do homem com a natureza, e afirma que através do trabalho, o homem vive em constante modificação do meio natural e de si mesmo, distanciando-se cada vez mais do ser natural, regido por leis biológicas, constituindo a processualidade do ser social.

Dito de outro modo, o trabalho se torna resultado de um processo entre o homem e a natureza, no qual esta é regulada e transformada pela ação do homem. De acordo com (LUKÁCS, 2007, p.05), tal processo tem o objetivo de transformar objetos naturais em valores de uso, ou seja, em produtos que o homem usa para a reprodução de sua existência. Por conseguinte, através do trabalho, o homem passou a se relacionar consigo e com os outros homens, criando o ser social, que possibilitou o agir coletivo e o desenvolvimento da sociedade (MARX, 1978, p.126).

Afim a esta perspectiva, ENGELS (1876), discorre sobre o papel do

¹² Entende-se por questão social o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada monopolizada por uma parte da sociedade. (IAMAMOTO: 2006).

¹³ Neste estudo, a relação entre a identidade e o caráter ontológico do trabalho assim como a importância de sua centralidade na vida dos indivíduos é subsidiada pelo aporte teórico de MARX, 1996, e ENGELS, 2004 e LUCKACS).

trabalho na transformação do macaco em homem e, enfatiza a diferença da mão desses animais em relação à mão do homem, lapidada pelo trabalho, reafirmando assim, o caráter ativo e consciente das respostas dadas pelo homem à natureza, a partir de suas necessidades:

[...] a posição ereta havia de ser para os nossos peludos antepassados primeiro uma norma, e logo uma necessidade, daí se depreende que naquele período as mãos tinham que executar funções cada vez mais variadas. Mesmo entre os macacos existe já certa divisão de funções entre os pés e as mãos. Como assinalamos acima, enquanto trepavam as mãos eram utilizadas de maneira diferente que os pés. As mãos servem fundamentalmente para recolher e sustentar os alimentos, como o fazem já alguns mamíferos inferiores com suas patas dianteiras. Certos macacos recorrem às mãos para construir ninhos nas árvores; e alguns, como o chimpanzé, chegam a construir telhados entre os ramos, para defender-se das inclemências do tempo. A mão lhes serve para empunhar garrotes, com os quais se defendem de seus inimigos, ou para os bombardear com frutos e pedras. Quando se encontram prisioneiros realizam com as mãos várias operações que copiam dos homens. Mas aqui precisamente é que se percebe quanto é grande a distância que se para a mão primitiva dos macacos, inclusive os antropoides mais superiores, da mão do homem, aperfeiçoada pelo trabalho durante centenas de milhares de anos. (ENGELS, 1876, p. 272).

O autor afirma que não só o trabalho, mas também a palavra articulada foi um dos estímulos principais sob que possibilitou que o cérebro do macaco se transformasse gradualmente em cérebro humano.

Da mesma forma que o desenvolvimento gradual da linguagem está necessariamente acompanhado do correspondente aperfeiçoamento do órgão do ouvido, assim também o desenvolvimento geral do cérebro está ligado ao aperfeiçoamento de todos os órgãos dos sentidos. (IDEM, 1876, p. 273).

Todo esse processo foi fundamental para que, tanto o homem quanto a própria sociedade se desenvolvesse como um todo, uma vez que, devido ao domínio que o homem teve sobre a natureza, com o desenvolvimento da mão, através do trabalho, ele ampliou seus horizontes e descobriu nos objetos, novas propriedades que até então não conhecia.

Vale ressaltar o caráter teleológico¹⁴ dessa atividade humana, intercâmbio com a natureza, cujas características centrais a diferenciam da atividade realizada pelos animais. Com efeito, MARX (2003, p. 211-212) reafirma:

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto

¹⁴ Na perspectiva de Lukács (2007), representa o estudo filosófico dos fins.

da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. **No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador.** Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato fortuito. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é mister a vontade adequada que se manifesta através da atenção durante todo o curso do trabalho. E isto é tanto mais necessário quanto menos se sinta o trabalhador atraído pelo conteúdo e pelo método de execução de sua tarefa, que lhe oferece por isso menos possibilidade de fruir da aplicação das suas próprias forças físicas e espirituais. (p. 211-212, grifos nossos).

Ou seja, através do trabalho, o homem não só realiza uma transformação da forma da matéria natural, ele efetua, ao mesmo tempo, na matéria, o seu objetivo, por isso dizemos que ele – o trabalho – é uma posição teleológica, posta a partir de causalidades dadas que limitam o campo de ação do indivíduo.

No trabalho estão presentes os fundamentos e elementos constitutivos do processo histórico, quais sejam: a teleologia e a causalidade, que é dividida em causalidade dada (natural) e causalidade posta (modificada pelo homem). A síntese desses dois fundamentos é a objetivação ou finalização do trabalho. Para LUKÁCS (1979, p. 17):

[...] com o ato da posição teleológica do trabalho, temos em si o ser social. O processo histórico da sua explicitação, contudo implica a importantíssima transformação desse ser em-si num ser para-si; e, portanto, implica a superação tendencial das formas dos conteúdos de ser meramente naturais em formas e conteúdos sociais mais puros, mais específicos.

Autor também faz distinção entre as posições teleológicas primárias e secundárias, as quais tratam-se, respectivamente, do domínio dos homens sobre a natureza e de si mesmos; e o domínio dos homens sobre si enquanto gênero, que intensiona a mudança da consciência do outro.

Iluminado pelos lineamentos teóricos de Marx, e baseando-se em seu complexo categorial, o autor vai desenvolver a ontologia do ser social, na qual o trabalho configura no ato-gênese do homem. Dessa forma, LUKÁCS (2007, p. 4-5) postula:

É anunciada a categoria ontológica do trabalho: através dele realiza-se, no âmbito do ser material uma posição teleológica que dá origem a uma nova objetividade. Assim, o trabalho torna-se modelo de toda práxis social, na qual, com efeito – mesmo através de mediações às vezes muito complexas – sempre são transformadas em realidade posições teleológicas, em termo que, em última análise, são materiais.

A ontologia lukacsiana tem o objetivo de reafirmar a possibilidade ontológica da emancipação humana, partindo do pressuposto de que essa constante busca é o caminho para a superação da alienação, do capitalismo no sentido de eliminar a exploração do homem pelo homem. LUKÁCS (2007, p.11) também afirma a existência de três esferas ontológicas, articuladas entre si, a saber: a esfera inorgânica (ou mineral), a esfera biológica (da vida) e o ser social.

É importante salientar que, para o autor, o ser social depende das outras esferas, uma vez que para que a socialização seja compreendida é preciso entender que entre esta e a natureza há uma relação efetiva. A esfera inorgânica ou mineral limita-se ao processo de tornar-se e permanecer mineral, pois não possui vida em sua especificidade. Dela fazem parte os seres inorgânicos. Acerca dessa esfera, LESSA (2007, p. 22) afirma que “seu processo de transformação, sua evolução, nada mais é senão um movimento pelo qual algo se transforma em algo distinto”.

A esfera biológica, por sua vez, possui a especificidade da “reprodução da vida”, elemento que Lukács considera fundamental na esfera orgânica, tendo em vista que os seres orgânicos passam pelo mesmo processo de todos os outros seres humanos (nascem, crescem, reproduzem-se e morrem). Dessa forma, o homem pertence à esfera da vida, mas não perde a condição de ser orgânico em sua evolução, tendo o ser social, sua origem em um processo evolutivo, em que ele consegue dar um salto qualitativo, ontológico que o diferencia do ser orgânico.

Nesse sentido, LUKÁCS (2007, p.225) afirma que existe entre as três esferas, uma ruptura ontológica, concluindo que o ser orgânico jamais se transformará em social, ou o inorgânico em biológico, pois desde o início da formação de novas categorias, há um corte na processualidade das categorias preexistentes, caracterizando essa ruptura. Vale ressaltar que, não obstante a ruptura, as esferas ontológicas continuam a se desenvolver, sendo apenas interrompidas para o aperfeiçoamento de novas categorias.

Com isso, LUKÁCS (2007, p.226), afirma que “[...] o ser em seu conjunto é visto como um processo histórico [...]” Destarte, Marx e Lukács entendem que o salto ontológico é o momento da ruptura de uma categoria que dá origem a novas categorias, caracterizando então, um processo histórico. Em consonância com a perspectiva marxista, Silva (2005, p.18) infere que esse salto ontológico é uma consequência do trabalho consciente, que faz com que o homem se distancie da natureza imediata. Nas palavras de LESSA (2007, p. 141):

Trata-se mesmo, de um salto: o surgimento da espécie humana não configura uma necessidade da evolução biológica nem o desdobramento de uma programação genética – é uma autêntica ruptura nos mecanismos e regularidades naturais. O surgimento da vida trouxe à existência uma nova categoria, a reprodução biológica; de modo análogo, a gênese do ser social corresponde ao aparecimento de uma categoria radicalmente nova, que não pode ser derivada da natureza: a reprodução social.

É válido ressaltar que nesse ponto a consciência exerce um papel fundamental, pois é através dela que ocorre o distanciamento da atividade inicial de intercâmbio da natureza sem, contudo, anular sua origem ontológica em relação ao trabalho consciente. Nessa perspectiva, LESSA & TONET (2008, p.18) asseveram que:

[...] a transformação da natureza é um processo muito diferente das ações das abelhas e formigas. Em primeiro lugar porque a ação e seu resultado são sempre projetados na consciência antes de serem construídos na prática. É essa a capacidade de idear (isto é, de criar ideias), antes de objetivar (isto é, construir objetiva ou materialmente) que funda, para Marx, a diferença do homem em relação à natureza, a evolução humana.

É possível afirmarmos, então, que trabalho é exclusivamente humano, pois existe “planejamento que antecede a ação” (LESSA, 2007, p. 37). Ou seja, o homem elabora na mente sua construção antes de transformar a realidade. Assim, o homem se diferencia do animal através da prévia ideação do trabalho que será realizado.

Essa prévia ideação, apesar de ocorrer em um momento abstrato, deve ser efetivada, ou seja, o criador deve colocá-la em prática para que seja originado o objeto que, por sua vez, de acordo com LESSA (2007, p.38), é ontologicamente diferente de quem o criou.

Tal distinção, segundo LUKÁCS (2007, p.138) é o que explica a alienação do ser social em relação ao objeto, pois como explica LESSA (2007, p.26-27), “[...] a alienação é a distinção concreta, real, ontológica (isto é, no plano do ser) entre o sujeito e o objeto que vem a ser pela objetivação de uma prévia ideação. “[...] Ser humano, para Lukács, significa uma crescente capacidade de objetivar/alienar – isto é, transformar o mundo segundo finalidades socialmente postas.”

Com efeito, entre sujeito e objeto, há uma unidade, nunca identidade, considerando que o novo objeto, idealmente previsto, uma vez criado, passa a ser movido por uma relação de causas e efeitos, externa à consciência. Como

reconhece LESSA (2007, p.137), “[...] à esfera subjetiva, a consciência se contrapõe o mundo objetivo.”

Como já foi dito anteriormente, o homem transforma a natureza a partir de suas necessidades, para atingir seus objetivos. Nesse sentido, o trabalho estrutura o intercâmbio social entre o homem e a natureza, revelando-se como resultado desse processo.

Assim, entre o ser social e a natureza existe uma relação que se estabelece a partir do trabalho e das necessidades do homem para manter sua existência. Ao mesmo tempo em que ele transforma a natureza, transforma a si mesmo, possibilitando a transição do ser biológico para o social. Daí, a afirmação de LUKÁCS (2004), de que o trabalho possui um caráter expressamente transicional.

SILVA (2005, p.18) afirma que o trabalho, enquanto apropriação consciente dos elementos naturais para a satisfação das necessidades do homem torna-se condição natural da vida humana e que, através da ontologia marxista, o homem age teleologicamente, através do trabalho, para responder a uma determinada causalidade dada.

Ressalta-se também, a importância que Marx confere aos meios de trabalho, ao citar os elementos simples do processo de trabalho (atividade orientada a um fim, seu objeto e seus meios) como forma de compreender o grau de desenvolvimento da capacidade humana:

O que distingue as diferentes épocas econômicas não é o que se faz, mas como, com que meios de trabalho se faz. Os meios de trabalho servem para medir o desenvolvimento da força humana de trabalho e, além disso, indicam as condições sociais em que se realiza o trabalho. Os meios mecânicos, que em seu conjunto podem ser chamados de sistema ósseo e muscular da produção, ilustram muito mais as características marcantes de uma época social de produção, que os meios que apenas servem de recipientes da matéria objeto de trabalho e que, em seu conjunto, podem ser denominados de sistema vascular da produção, como, por exemplo, tubos, barris, cestos, cântaros etc. Estes só começam a desempenhar papel importante na produção química (Marx, 1985, p. 151)

No trabalho, sob a ótica do modo de produção capitalista, Marx (1985) acrescenta que embora o produto possua um valor de uso, o interesse do capitalista em sua produção se dá devido ao valor de troca, por isso o autor infere que o capitalista “quer produzir um valor de uso que tenha um valor de troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria”.

Nesse ínterim, o autor observa dois fatores em sua análise do processo de trabalho e de valorização do produto sob a égide do capital, onde o a força de trabalho humana, por sua vez, é apropriada pelo capitalista:

O trabalhador trabalha sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida em que o trabalho se realize de maneira apropriada e em que se apliquem adequadamente os meios de produção, não se desperdiçando matéria-prima e poupando-se o instrumental de trabalho, de modo que só se gaste deles o que for imprescindível à execução do trabalho.

Além disso, **o produto é propriedade do capitalista, não do produtor imediato, o trabalhador.** O capitalista paga, por exemplo, o valor diário da força de trabalho. Sua utilização, como a de qualquer outra mercadoria, por exemplo, a de um cavalo que alugou por um dia, pertence-lhe durante o dia. Ao comprador pertence o uso da mercadoria, e o possuidor da força de trabalho apenas cede realmente o valor-de-uso que vendeu, ao ceder seu trabalho. Ao penetrar o trabalhador na oficina do capitalista, pertence a este o valor-de-uso de sua força de trabalho, sua utilização, o trabalho. O capitalista compra a força de trabalho e incorpora o trabalho, fermento vivo, aos elementos mortos constitutivos do produto, os quais também lhe pertencem. Do seu ponto de vista, o processo de trabalho é apenas o consumo da mercadoria que comprou, a força de trabalho, que só pode consumir adicionando-lhe meios de produção. **O processo de trabalho é um processo que ocorre entre coisas que o capitalista comprou, entre coisas que lhe pertencem. O produto desse processo pertence-lhe do mesmo modo que o produto do processo de fermentação em sua adega.** (Marx, 1985, p. 154, grifos nossos).

Decorrendo dessa premissa, evidencia-se, conforme o legado de Marx, que sob o capitalismo, o trabalhador torna-se mercadoria, o que acarreta na alienação¹⁵, concebida pelo autor em duas perspectivas: histórica, onde o homem se aliena em relação ao produto e em relação a sua própria atividade e, em uma perspectiva ontológica, que corresponde à alienação do homem consigo mesmo.

Assim, no trabalho alienado, Marx (1983) conclui que o homem transforma sua atividade vital em simples meio de existência, sentindo-se livre apenas em suas funções animais, “enquanto nas funções humanas se vê reduzido a animal. O elemento animal torna-se humano e o humano animal” (p. 162).

Reportando-nos a ANTUNES (2000, p.136), percebemos que o trabalho “possibilita o salto ontológico das formas pré-humanas para o ser social”. O autor considera que, através do trabalho, “um pôr teleológico que (previamente) o ser social tem ideado em sua consciência”, esse ser social cria e recria suas próprias condições de reprodução.

Ainda na concepção de ANTUNES (1995, p.80), o trabalho embora seja “ineliminável” da condição humana, não é um objeto natural, e sim uma ação

¹⁵ Para Lukács a alienação “é um fenômeno exclusivamente histórico-social, que se apresenta em determinada altura do desenvolvimento existente, a partir desse momento, assume na história formas sempre diferentes, cada vez mais claras” (p.559).

fundamental para estabelecer as relações entre o homem e a natureza, e entre as sociedades e a natureza. A esse respeito, LESSA (2007, p. 134) considera que:

As leis sociais referem-se a fenômenos e processos produzidos pela ação humana, e, portanto, são mutáveis e suprimíveis em função desta ação; as leis naturais referem-se a fenômenos e processos que independem da atuação humana, ainda que sobre eles os homens possam agir. Em outras palavras, como o homem não criou a natureza pode transformá-la, porém, jamais, aboli-la.

Na mesma perspectiva, MEDEIROS & MACÊDO (2007, p.27) concordam com os autores mencionados acima e acrescentam que o trabalho é elemento integrante da vida das pessoas, seja ele em sua forma assalariada, ou não, pois, na sociedade atual ele possibilita a construção de uma identidade, tanto profissional como pessoal do indivíduo, tendo um significado essencial no universo da sociabilidade humana, caracterizando a forma de vida das pessoas.

Partindo do entendimento dos autores acima mencionados, entende-se, que o trabalho não significa apenas um meio de sobrevivência, mas de construção da própria identidade, já que a profissão caracteriza um modo de vida, tendo espaço central na vida do ser humano, uma vez que é dedicada maior parte do seu tempo a ele.

Decerto, o trabalho é atividade através da qual o homem se cria e se transforma, configurando-se como atividade vital e condição eterna da vida humana. No entanto, dentro da sociedade capitalista, ele é mercadoria (com valor de uso, valor de troca e que produz mais-valia, força de trabalho) e, realizado de forma que suas potencialidades emancipatórias sejam negadas, sendo, seu caráter de atividade livre, consciente, universal e social invertido.

Faz-se mister, destacar ainda que na sociedade de classes, o trabalho tem como objetivo a reprodução da propriedade privada da classe dominante, por isso os pores teleológicos se colocam a serviço da dominação, que leva a divisão do trabalho em trabalho intelectual e trabalho braçal, caracterizada como um produto histórico do surgimento da exploração do homem pelo homem.

Isso faz com que os indivíduos que o realizam não se reconheçam nele, como sujeitos, o que é reforçado por Silva (2005), quando afirma que o trabalho em si é a essência da gênese humana, mas perdeu seu caráter humanizador quando foi apropriado pelo capital.

Em se tratando da atividade de catação, vale salientar que este estudo parte da compreensão de que esta se trata de trabalho produtivo, que segundo

Marx (1980) é aquele que possibilita a produção do capital e que “produz mais valia para o empregador ou que transforma as condições materiais de trabalho em capital e o dono delas em capitalista, por conseguinte trabalho que produz o próprio produto em capital”.

Também partimos da compreensão de Lessa (2002), o qual afirma que o que determina se o intercâmbio com a natureza é ou não trabalho, não é a matéria a ser transformada e sim a função que exerce na reprodução social. Assim, tendo em vista que a função do trabalho é a produção dos meios de produção e de subsistência, a atividade de catação é considerada trabalho, principalmente por que tem o papel de realizar o metabolismo com a natureza e o catador participa deste processo como trabalhador coletivo.

3.2 O DESENVOLVIMENTO HUMANO A PARTIR DO TRABALHO E SEUS IMPACTOS NA NATUREZA

Desde os primórdios da sua existência, o homem se relaciona com a natureza. Entretanto, nas primeiras sociedades, essa relação não era conflituosa, pois nessa época, ele era coletor do que a natureza fornecia para a sua subsistência. Engels (1876, p.270), afirma que o homem foi utilizando e modificando a natureza, através do trabalho, característica que o diferencia dos animais.

Esse processo de desenvolvimento foi fundamental para que, tanto o homem quanto a própria sociedade se desenvolvesse como um todo, pois, devido ao domínio que teve sobre a natureza, com o desenvolvimento da mão, através do trabalho, o homem ampliou seus horizontes e descobriu nos objetos, novas propriedades que ele até então não conhecia.

Assim, podemos afirmar que, de certa forma, “o trabalho criou o próprio homem” (ENGELS, p. 269) e conseqüentemente, possibilitou seu domínio sobre a natureza. Ele - o trabalho – conforme Engels admite, é “condição básica e fundamental de toda a vida humana”, vez que possibilitou a evolução gradativa do homem e sua adaptação à natureza.

Não obstante, o autor esclarece:

Graças à cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro, não só em cada indivíduo, mas também na sociedade, os homens foram aprendendo a executar operações cada vez mais complexas, a propor-se

e alcançar objetivos cada vez mais elevados. (Engels, 1876).

Percebemos então, que a relação do homem com a natureza se modificou ao longo dos anos através de seu desenvolvimento, pois, a cada passo de sua evolução, ele foi sentindo novas necessidades e por isso precisou procurar outros meios de supri-las, passando a controlar os recursos da natureza, a oferta de alimentos e modificando o meio em que vive.

Para uma melhor compreensão desse desenvolvimento, convém determo-nos a um breve resgate histórico das mudanças ocorridas nas sociedades primitivas até as sociedades modernas, em que o homem precisou criar soluções para enfrentar as barreiras impostas pela natureza, transformando a relação harmoniosa que se estabelecia até então, em uma relação conflituosa, que iria trazer sérias consequências ao planeta.

Na era paleolítica, por exemplo, os homens eram nômades e quando uma determinada região não possuía mais recursos naturais suficientes, se deslocavam em busca de comida em outros territórios, pois até então, eram desprovidos de maiores habilidades e técnicas.

Magera (2013) afirma que a construção de ferramentas se deu nesse período e tinha por objetivo a proteção e a caça. Na transição do período paleolítico para o neolítico, denominada de mesolítico, o homem já domesticava animais e nessa época, houve o domínio do fogo e um princípio de agricultura, bem como a domesticação de animais, que se desenvolveu mais ainda no período Neolítico.

A Revolução Neolítica ou Revolução Agrícola, por sua vez, propiciou uma intensa transformação na relação entre o homem e a natureza durante o período Neolítico. É, pois, a partir daí que ocorre a fixação do homem a terra, deixando ele se ser nômade, iniciando a formação das aldeias, o que, conseqüentemente modifica sua relação com a natureza e o meio ambiente (Magera, 2013).

Este fato permitiu um maior controle da produção de alimentos, resultando em um aumento populacional e a produção de excedentes, que por sinal, permitiu as trocas de produtos, dando início a um princípio de comércio. A primeira condição para o surgimento das cidades foi a fixação do homem a terra, e a condição seguinte seria um nível de organização social mais complexo, que até então não existia nas aldeias. Tal complexidade só seria possível através da divisão social do trabalho. Sposito (2001, p.14).

Com a divisão do trabalho, houve um conseqüentemente desenvolvimento das cidades e das relações comerciais, que culminou na instalação do sistema feudal¹⁶, que emergiu devido às invasões bárbaras, no século V e tinha por base a economia agrária voltada para a subsistência. Nesse sistema, a sociedade era hierarquizada e dividida em nobreza, que detinha o poder e as terras; o clero (ordem religiosa)¹⁷ e os servos¹⁸, que eram muito explorados e obrigados a pagar tributos aos senhores feudais para o uso da terra. Logo, este fator tornava-se condição para a diferenciação de classes.

No feudalismo, o homem detinha os meios de produção e da sua força de trabalho, por isso, era chamado de artesão. É oportuno destacar que, à época, o sistema feudalista sofreu crises que impossibilitaram a absorção de toda a massa de povos que vivia nos feudos, que por sua vez, consistia de uma aldeia com terra arável, onde o povo da aldeia trabalhava, ocasionando a fuga de muitos servos, que construíram fortificações, chamadas de burgos, sendo eles, a partir de então, denominados de burgueses¹⁹.

Diante desse cenário, o conflito de interesses se dava, a partir daí, entre os burgueses e trabalhadores e não mais entre reis e nobres ou senhores e servos. Isto posto, podemos afirmar sem dúvidas, que a desigualdade de classes sempre existiu, mesmo em outros modos de produção anteriores ao capitalismo.

Os burgos, posteriormente se tornaram Cidades, ainda que situados dentro dos feudos, fato que impedia os burgueses de serem totalmente livres dos senhores feudais, o que gerou conflitos entre ambos, pois os burgueses queriam expandir seu modo de produção, que visava principalmente o lucro. Dessa forma, os burgueses se aliaram ao Reis da época, para reforçar o fortalecimento da burguesia, objetivando derrubar o feudalismo, e por fim, tornaram-se a classe dominante.

Nesse contexto, em meados do século XV, surge o sistema capitalista, ainda no bojo da sociedade feudal, com uma doutrina mercantilista, denominado de

¹⁶ Huberman (1981), infere que a sociedade feudal era constituída de três classes principais: sacerdotes, guerreiros e trabalhadores, sendo que esta última sustentava as outras duas primeiras.

¹⁷ “A igreja foi a maior proprietária de terra do sistema feudal [...] bispos e abades se situaram na estrutura feudal da mesma forma que os condes e duques [...]” (idem, p. 13)

¹⁸ “[...] chamava-se servo a maioria dos arrendatários [...] em latim servus = escravo, mas eles não eram escravos no sentido que empregamos a palavra [...]” (idem, 1981, p.6).

¹⁹ Os burgueses eram “os escritores, os doutores, os professores, os advogados, os juizes, os funcionários - as classes educadas [...] que já tinham direito e queriam mais. Acima de tudo, queriam - ou melhor, precisavam - lançar fora o jugo da lei feudal numa sociedade que realmente já

capitalismo comercial (primeira etapa do capitalismo). O sistema capitalista caracteriza-se pela propriedade privada dos meios de produção, a busca pelo lucro e o uso de mão de obra assalariada livre (Singer, 1979).

No capitalismo comercial a cidade era o centro econômico, social e político. Nesse período iniciaram-se as expansões marítimas, que ampliaram as bases de desenvolvimento desse sistema, que objetivava o acúmulo de capital através do comércio. Em meados do Século XVIII, houve a consolidação do modo de produção capitalista, fase marcada pelo chamado capitalismo industrial, em que a base do lucro não era mais o comércio e sim, a produção de mercadorias.

A acumulação de capital, que veio do comércio primitivo, mais a existência de uma classe de trabalhadores sem propriedades, prenunciavam o início do capitalismo industrial, O sistema fabril em si proporcionou a acumulação de uma riqueza ainda maior. Os donos dessa nova riqueza, educados na crença de que o Reino dos Céus era deles, se economizassem e reinvestissem suas economias, empregavam novamente seu capital em fábricas. Assim, o sistema moderno, tal como o conhecemos, começou a existir. (Huberman, 1981, p. 183).

Por conseguinte, a necessidade de reprodução do capital e do aumento da produtividade, bem como a busca incessante por lucros, fez com que emergisse o trabalho assalariado, o que criou as condições do advento da Revolução Industrial, fase em que o capitalismo amadurece e a dominação sobre a natureza se acentua. “Uma das principais causas da problemática ambiental foi atribuída ao processo histórico do qual emerge a ciência moderna e a Revolução Industrial. “ (LEFF, 2001, p.60).

Todo esse processo, juntamente com o aumento do processo de urbanização, ocasionou a migração dos homens do campo para as cidades, desencadeando um crescimento populacional desordenado, que fez com que o homem passasse a utilizar ainda mais os recursos da natureza para se adaptar a esse crescimento.

Esse aumento populacional aliado à substituição do homem pela máquina gerou, conseqüentemente, um excesso de mão de obra que acarretou no desemprego em massa, aumentando a pobreza. Conforme postula Marx (1964, p.159):

[...] O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto

não era feudal. Precisavam deitar fora o apertado gibão feudal e substituí-lo pelo folgado paletó capitalista.” idem, 1981, p.136).

maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se a si mesmo e ao trabalhador como mercadoria, e justamente nessa proporção com que produz bens.

O referido autor trata a gênese da geração de produtos, enfatizando o estranhamento entre o sujeito e objeto, o que leva ao desprezo pelo valor de uso das mercadorias, preocupando-se apenas com a transformação dos recursos da natureza, visando o seu valor de troca, o lucro.

As transformações econômicas, sociais e ambientais discorridas até então, causaram um maior grau de exploração dos trabalhadores, que eram obrigados a submeter-se a salários baixíssimos, acentuando o agravamento de múltiplas expressões da questão social.

Magera (2013), afirma que a partir da Revolução Industrial a influência do homem sobre o meio ambiente é realmente significativa e, no período compreendido entre a metade do século XVIII o fim do século XIX, aproximadamente, o capitalismo entra em uma nova fase: o capitalismo concorrencial, onde a luta de classes se intensifica cada vez mais.

Durante o século XIX, houve o surgimento dos monopólios - caracterizados pela concentração e centralização de capital nas mãos de grandes capitalistas – ocasião em que os bancos também mudaram de função, deixando de ser intermediários de pagamentos e passando a ser participantes ativos do processo de centralização do capital.

Esses fatores, conforme afirmam Braz & Netto (2006), foram fundamentais para o capitalismo iniciar sua fase imperialista, dividida na fase clássica (1890 a 1940); os anos dourados (fim da 2ª guerra ao início dos anos 70, o binômio taylorismo/fordismo) e a fase do capitalismo contemporâneo (dos anos 70 até os dias de hoje).²⁰

²⁰ Neste modelo objetivava-se aumentar a produtividade, mediante controle das máquinas e dos homens no processo de produção. No caso, o empregado executava o maior número de tarefas em tempo mínimo possível.

Figura 4 - Cena do filme “Tempos Modernos”



Fonte: Página do filme no site Adoro Cinema²¹.

A figura acima retrata o modelo Fordista em que também apresentava como característica a produção em massa, homogeneizada e verticalizada, com redução do tempo e aumento do ritmo de trabalho, intensificando as formas de exploração do trabalhador.

O capitalismo contemporâneo surge em resposta à crise estrutural do capital, que se iniciou a partir da década de 70 e que acarretou no fim dos anos dourados. Esse processo de reestruturação do capital tem em suas raízes a reestruturação produtiva, a financeirização e a ideologia neoliberal, como forma de recuperar as taxas de lucros e de criar novas formas de exploração do trabalho, fragmentando os direitos sociais e econômicos, como postula, Harvey (1999):

O capital é um processo, e não uma coisa. É um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias [...] cria novos desejos e necessidades, explora a capacidade do trabalho e do desejo humanos [...] gera problemas de superacumulação. (p.307).

Diante da amplitude que toma o mundo do trabalho, ocorrem várias transformações, decorrentes do processo de acumulação capitalista e as novas formas de acumulação flexível, que passam a exigir novas estruturas nos serviços financeiros, modificando as tendências no mercado de trabalho e trazendo consequências para a classe trabalhadora, conforme adverte-nos Magera (2013):

²¹ Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filme-1832/fotos>.

Essa passagem para a acumulação flexível com a descentralização produtiva determina a fragmentação não só do capital como também do trabalho e, consecutivamente, da classe operária, tornando difícil a consciência de classe, por que acaba fragmentando o coletivo do trabalho. (p.44)

Dessa forma, há uma redução nas demandas de trabalhadores, que acarreta na dispensa da mão de obra, fazendo com que a classe trabalhadora se polarize, e grande parte dessa classe tendo que submeter-se a trabalhos extremamente precários. Para Juncá (2004), em sua fase contemporânea, o capitalismo leva a sociedade um impulsivo e exagerado consumo, e ao mesmo tempo a um rápido descarte e, nas palavras da autora:

A cada dia, a produção e o lançamento de novos produtos e/ou acessórios tornam os modelos anteriores obsoletos. Como consequência, se descarta o que anteriormente era utilizado, processando-se sua imediata substituição por aquilo que é mais moderno e representa uma inovação. Nesta dinâmica entra em cena um forte impacto na natureza, uma vez que a extração de matéria-prima tem sido feita de modo contínuo e sem critérios.

Por esse motivo, além do aumento da produção do lixo, a criação de novas tecnologias e a ideologia do consumo em massa, propiciaram diversos impactos ambientais e um processo de degradação do meio-ambiente que vêm afetando e desequilibrando significativamente o clima na Terra e tem aumentado cada vez mais.

3.3 PARADOXOS ENTRE CAPITAL E TRABALHO: O DESENVOLVIMENTO DE UMA CRISE AMBIENTAL

[...]O chão que era coberto por folhas secas, hoje está encoberto pelo concreto. O homem já criou cérebros e bombas e esqueceu do verde. O homem não pensa muito na hora de explorar, por mais que destrua vidas, só pensa em lucrar. Sua vida, minha vida, nossas vidas dependem do verde. Dependem do verde já!

(POZZI, E.; POZZI, P., 1989).

Através da capacidade de criar e desenvolver novas tecnologias, o

homem foi fazendo uso inconsequente da natureza, não atentando ao fato de que ela não é uma fonte inesgotável de recursos, causando agressões ao meio ambiente, que ocasionaram uma crise ambiental.

Foladori (1999, p. 117) entende que, “Quando a extração de recursos ou a geração de dejetos é maior do que a capacidade do ecossistema de reproduzi-los ou reciclá-los estamos frente à depredação e/ou poluição, as duas manifestações de uma crise ambiental”. Leff (2001), traz uma definição para as causas da problemática ambiental:

Uma das principais causas da problemática ambiental foi atribuída ao processo histórico do qual emerge a ciência moderna e a Revolução Industrial. Este processo deu lugar à distinção das ciências, ao fracionamento do conhecimento e à compartimentalização da realidade em campos disciplinares confinados, com o propósito de incrementar a eficácia do saber científico e a eficiência da cadeia tecnológica da produção (p.60).

Essa depredação do meio ambiente se intensificou após a Segunda Guerra mundial, onde alguns países se desenvolveram bastante com a globalização, levando a uma crescente utilização de recursos da natureza e ao processo de industrialização. No Brasil, de acordo com Magera (2013), o processo desordenado de urbanização²² ocorrido na década de 50, Na região sudeste e nas outras regiões a partir da década de 70, foi determinante para os impactos ambientais.²³

Ademais, com o crescimento da economia global, consolidou-se uma sociedade pautada na produção e no consumo em massa, que se desenvolveu desde o processo de industrialização, que aliado ao aumento da população, bem como ao processo de urbanização, trouxeram mais opções de consumo, propiciando o aumento expressivo de resíduos, trazendo sérios problemas de ordem ambiental para a sociedade.

Todos esses fatores acarretaram na degradação do meio-ambiente e na geração de toneladas de lixo, que vem atingindo e causando desequilíbrios no clima do planeta. Segundo Foladori (2001), isso ocorre por que a natureza tem um

²² Em 1970, 57% da população era urbana, percentual que na década de 1990 eleva-se para 81,4% e segundo o Censo do IBGE (2010), mais de 90% da população vive em áreas urbanas.

²³ O impacto ambiental é entendido como qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam: I - a saúde, a segurança e o bem-estar da população; II - as atividades sociais e econômicas; III - a biota; IV

ritmo de recuperação diferente do ritmo da economia capitalista, levando, mais rapidamente, a transformação dos recursos renováveis em não renováveis.

De acordo com Meszáros (2002), o sistema capitalista possui um ritmo de produção intenso, que evidencia claramente a não preocupação com o meio ambiente e com os resíduos gerados a partir da produção de mercadorias, sendo a escassez dos recursos da natureza, iminente:

"O capitalismo contemporâneo operou, portanto, o aprofundamento da separação entre, de um lado, a produção voltada genuinamente para o atendimento das necessidades e, de outro, as necessidades de sua auto-reprodução. E, quanto mais aumentam a competitividade e a concorrência intercapitais, mais nefastas são suas consequências, das quais duas são particularmente graves: **a destruição e/ou precarização, sem paralelos em toda a era moderna, da força humana que trabalha e a degradação crescente do meio ambiente, na relação metabólica entre homem, tecnologia e natureza**, conduzida pela lógica societal subordinada aos parâmetros do capital e do sistema produtor de mercadorias." (p.114, grifos nossos).

Assim, sendo, pode-se supor que o aumento no ritmo de consumo e a consequente industrialização, esgotam os recursos da terra, acentuando a tensão entre o homem e a natureza. Estes fatores reforçam que a relação estabelecida entre a sociedade capitalista e a natureza é extremamente diferente da forma como as sociedades pré-capitalistas se relacionavam, onde o lixo não representava riscos à qualidade de vida das pessoas.

A crise ambiental se intensificou gradativamente e no fim da década de 1950²⁴, as preocupações com o meio ambiente aumentaram, incentivando os órgãos a buscar alternativas ao modelo atual de gestão do meio-ambiente.

Devido a essas mudanças de pensamento e comportamento observou-se então a necessidade de buscar alternativas ao modelo atual de gestão do meio-ambiente e, a problemática ambiental deixou de ter uma dimensão local, onde cada país tratava do seu problema, para se tornar de caráter universal, em que deveria haver uma cooperação mútua em prol da coletividade.

Por esse motivo, durante esse período foram realizados diversos

- as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente. Resolução CONAMA Nº. 001, de 23 de janeiro de 1986. Disponível em: <http://www.mma.gov.br> Acesso em: 16 de maio de 2012.

²⁴ Em 1949, ocorre a Conferência Científica da ONU, tratando da conservação e utilização dos recursos naturais que impulsionou o crescimento do movimento ambientalista, que em meados do ano de 1950 culminou na Revolução Verde, que por sua vez, tratava da questão da produtividade agrícola.

encontros mundiais, acordos e relatórios com diretrizes voltadas para a preservação do meio ambiente, como por exemplo, a Conferência de Copenhague, realizada em 1945 que contemplava as questões sobre o meio ambiente e erradicação da pobreza e, o Fundo Mundial para a Natureza, criado em 1961 pela ONU, que possibilitou a internacionalização dos problemas ambientais, que antes dele eram tratados como problemas locais.

Em Estocolmo na Suécia, no ano de 1972, ocorreu a Conferência das Nações Unidas²⁵ sobre o Ambiente Humano e a publicação do Relatório elaborado pelo Clube de Roma. Esse período foi marcado pela publicação do estudo Limites do Crescimento Econômico, que criticava o aumento do consumo estimulado pelo modelo de desenvolvimento capitalista e apontava para a necessidade de crescimento zero, em virtude da não renovação dos recursos naturais.

No Quênia, em 1982, ocorreu também a Sessão Especial do Conselho de Administração do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente que também apontava os impactos provocados pelo homem na biosfera. Outra produção importante foi o Relatório Brundtland, formulado em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente que identificou a pobreza como uma das causas para os problemas ambientais e apresentou a proposta do desenvolvimento sustentável²⁶

Essa medida emergiu como uma estratégia do capitalismo para manter sua ideologia, pois para que a sociedade se torne “cada vez mais consumista tornou-se oportuno construir uma proposta eficaz para assegurar o crescimento econômico de forma menos destrutiva para o meio ambiente, um desenvolvimento ecologicamente sustentável.” SILVA (2002, p.72).

O citado autor também reitera que a proposta do desenvolvimento sustentável surge imbuída de um transformismo, onde as classes dominantes se apropriam das reivindicações historicamente ligadas às classes trabalhadoras, e lhes conferem uma direção social, com base em seus interesses.

Em meados da década de 1980, ocorreu em diversos países uma inversão e direcionamento no papel do Estado, que passou a defender majoritariamente os interesses do capital e, por conseguinte, passou a intervir

²⁵ Conforme elucidam Jimenez e Terceiro (2009), a Conferência de Estocolmo foi a primeira Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente e reuniu chefes de 113 Estados para discutir sobre os vínculos existentes entre desenvolvimento e meio ambiente, defendendo uma concepção pautada no Ecodesenvolvimento.

minimamente na área social, devido à implementação e o aprofundamento do ideário neoliberal²⁷.

Essa retração dos investimentos do Estado em políticas públicas e na área social, aliada à privatização de serviços básicos, abre espaço para atuação de empresas privadas, que passam a valorizar ações de responsabilidade social e ambiental, como “empresas cidadãs”, e passam a adotar medidas que se sobrepõem às responsabilidades do Estado.

Ademais, há nas empresas capitalistas, a propagação de um capitalismo verde que incentiva a produção sem agredir o meio ambiente, sendo socialmente responsável, através da interação na comunidade em que está inserido (através de execução de projetos sociais, esportivos, culturais e educacionais). Tais empresas promovem a satisfação dos clientes e aumento da lucratividade.

A questão ambiental também é contemplada na Constituição Federal do Brasil de 1988, que em seu artigo 225, a enfatiza da seguinte forma: “Todos têm direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.” A partir de então, outras ações foram realizadas para institucionalizar na sociedade a preocupação com a temática do meio ambiente, objetivando a sua sustentabilidade.

No ano de 1992, ocorreu a Conferência das Nações Unidas Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Rio-92 ou ECO'92, que teve a participação de 170 países, representantes do FMI (Fundo Monetário Internacional), Banco mundial e 3.000 ONG's. Na ocasião foi discutido sobre a relação existente entre meio ambiente e desenvolvimento, bem como foram elaborados alguns documentos, como a Carta da Terra ou Declaração do Rio e a Agenda 21²⁸. Sobre estes marcos Foladori (2001), arremata:

²⁶ O termo é entendido como “aquele que responde às necessidades do presente de forma igualitária, mas sem comprometer a possibilidade de sobrevivência e prosperidade das gerações” (FOLADORI, 2001, p.17).

²⁷ No modelo denominado neoliberal o mercado é o principal mecanismo de regulação social, onde “o Estado desencadeia intervenções e políticas voltadas para o fortalecimento do mercado: este é um outro Estado, que não se pauta pelo keynesianismo nem pelo liberalismo, já que não é o Estado mínimo smithiano, mas o Estado “máximo para o capital e mínimo para os trabalhadores”. (Behring, 2008, p. 286).

²⁸ A Agenda 21 fixava direitos e deveres individuais e coletivos no horizonte do desenvolvimento sustentável (Jimenez e Terceiro)

[...] fica claro que a preocupação manifestada se dá em torno de como reduzir os níveis de poluição, de depredação e de pobreza e superpopulação, sem toca na forma social de produção, ou seja, no capitalismo. Em que medida essas melhorias que vão aparentemente contra a lógica da própria dinâmica capitalista, conseguem ser suficientemente eficazes é algo que somente dentro de algumas décadas poderemos saber. (p.119)

O Protocolo de Kyoto, ocorrido em 1997, no Japão contou com a presença de 160 países e pretendeu verificar a possibilidade da redução de gases poluidores na atmosfera. De acordo com esse tratado, os países industrializados que firmassem o acordo deveriam reduzir a emissão de gases de efeito estufa em aproximadamente 5% abaixo dos níveis até 2012, tendo como referência o ano de 1990.

Entretanto, o país que mais polui, os EUA, não aderiu ao tratado, justificando prejuízos em suas indústrias e no mercado. Em 2002, em Johannesburgo na África do Sul ocorreu a Conferência Rio +10, dez anos depois da RIO-92 para discutir sobre os desafios ecológicos do planeta e avaliar os avanços e entraves aos compromisso assumidos na Rio -92.

Alguns anos depois, ocorreu em 13 de junho de 2012, a Conferência Rio +20 no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. O evento reuniu líderes mundiais para discutir medidas que promovam o progresso aliado à preservação do meio ambiente nas próximas décadas e estabeleceu algumas metas para a preservação do meio ambiente.

Todos esses acontecimentos incentivaram a criação e modificações na legislação de proteção ambiental que, no Brasil, tem início com o Código Civil em 1916 e dentre Leis, Regulamentos e Decretos, instituiu-se a Política Nacional de Resíduos Sólidos, sancionada em 2010 pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em seu último ano de Mandato.

É oportuno esclarecer que, apesar das tentativas em firmar acordos mundiais e de produzir documentos com vistas a diminuição da poluição do meio ambiente, o processo de degradação ambiental permanece crescente uma vez que a raiz do problema continua inalterada: a lógica do sistema capitalista, que de acordo com Silva (2002, p.76) “[...] não é atingida, pelo contrário, é reinventada, renovada com práticas e idéias de um ambientalismo mercadológico que abre o caminho para a (re) apropriação da natureza na *nova* ordem econômica”.

De acordo com Foladori (2001), vivemos num ciclo vicioso, onde a produção determina os moldes de consumo, por isso a degradação do meio

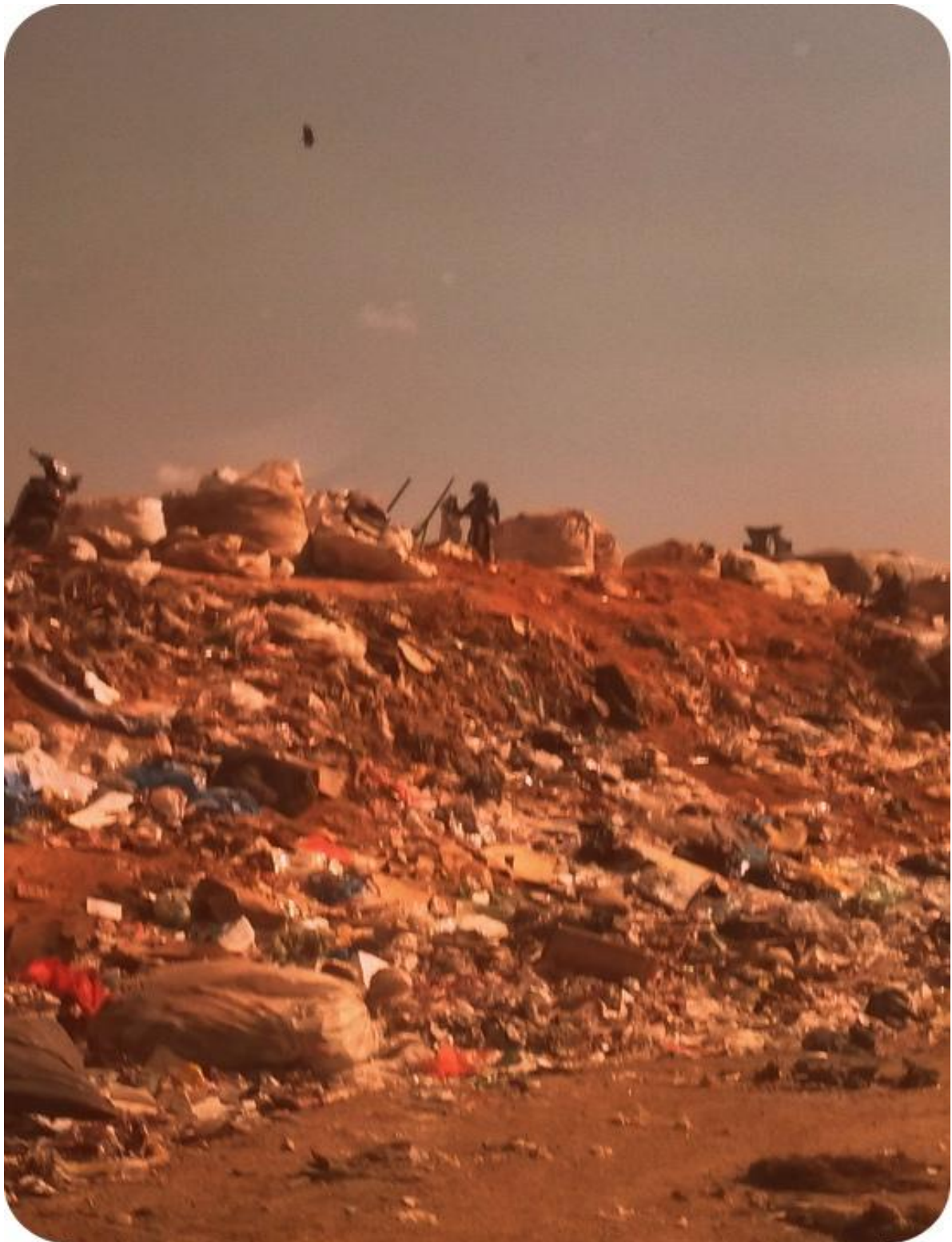
ambiente está intimamente ligada ao produtivismo ilimitado, característica do sistema capitalista, não podendo desligar a crise ambiental das configurações históricas da sociedade. O autor infere que é preciso entender a crise ambiental partindo da compreensão da dinâmica econômica da sociedade capitalista, pois

A tendência à produção ilimitada é o resultado direto e necessário de uma organização econômica que gira em torno da produção de lucro e não da satisfação das necessidades. Por isso, é impossível entender a crise ambiental sem partir da compreensão da dinâmica econômica da sociedade capitalista. (1999).

Ou seja, essa ideologia de consumo é uma tendência na sociedade capitalista e nessa perspectiva é oportuno destacar a outra tendência que o autor considera ainda mais grave do capitalismo, que é a geração de uma população excedente.

Dessa forma, é visível que o avanço da tecnologia e exploração descontrolada do homem sobre a natureza não só proporcionou consequências negativas e prejudiciais à sociedade e ao planeta, mas também levou a um aumento da pobreza em massa e ao que Marx chamou de “exército industrial de reserva” que acentuou a precarização da classe trabalhadora.

Figura 5 – Área de descarregamento do lixo



Fonte: Elaborada pela autora.

**4 QUESTÃO DO LIXO X QUESTÃO SOCIAL: EXPRESSÕES MATERIALIZADAS
NO TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.**

4 QUESTÃO DO LIXO X QUESTÃO SOCIAL: EXPRESSÕES MATERIALIZADAS NO TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.

[...]Nada a temer senão o correr da luta
 Nada a fazer senão esquecer o medo
 Abrir o peito a força, numa procura
 Fugir às armadilhas da mata escura (Milton
 Nascimento)

Quando se pensa em lixo²⁹, logo vem à mente uma imagem de tudo o que sobra, que não tem valor, associado sempre a uma imagem negativa, algo que se deve descartar. O lixo é consequência da relação entre o homem e a natureza e anteriormente à Revolução Industrial era constituído somente por excrementos. Em épocas posteriores, o lixo passou a constituir-se por restos da produção e objetos utilizados. O termo lixo vem do latim, significando *lix* (cinzas) e segundo MAGERA (2013), essa definição pode variar, dependendo da época e do lugar.

Na linguagem corrente, o termo resíduo é tido praticamente como sinônimo de lixo. Lixo é todo material inútil. Designa todo material descartado posto em lugar público. Lixo é tudo aquilo que 'se joga fora'. É o objeto ou a substância que se considera inútil ou cuja existência em dado meio é tida como nociva. (SABETAI CALDERONI, 1996 *apud* MAGERA, 2003, p. 36)

A Norma NBR 10004 classifica o lixo da seguinte forma: Resíduos Classe I são aqueles resíduos considerados perigosos, que apresentam risco à saúde pública e ao meio ambiente e possuem uma das seguintes características: inflamabilidade, corrosividade, reatividade, toxicidade, patogenicidade; Os Resíduos Classe II ou não-inertes apresentam propriedades, tais como combustibilidade, biodegradabilidade ou solubilidade em água e, por fim, os Resíduos Classe III ou inerte, são aqueles resíduos que não tiveram nenhum de seus constituintes solubilizados a concentrações superiores aos padrões de potabilidade de água.

Os resíduos provêm de diversas naturezas, caracterizando-se como biodegradáveis, não biodegradáveis, recalcitrantes e contrários à vida e que acabam por muitas vezes deteriorando a qualidade de vida das pessoas,

²⁹ O lixo também é denominado de "resíduos sólidos". Essa definição é denominada pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas - ABNT, a partir da NBR nº 10.004.

principalmente aquelas mais carentes que vivem próximo aos lixões. (Magera, 2013, p.36).

O lixo também é classificado quanto à sua origem ou natureza, pois dependendo da origem, ele terá um destino final diferente. Podem ser agrupados em cinco classes: lixo doméstico ou residencial, lixo comercial, lixo público, lixo domiciliar especial (entulho de obras, pilhas e baterias, lâmpadas fluorescentes, pneus), lixo de fontes especiais (lixo industrial, lixo radioativo, lixo de portos, aeroportos e terminais rodoviários e ferroviários, lixo agrícola, resíduos de serviços de saúde).³⁰

Na atualidade, o lixo ganha visibilidade no campo do trabalho e no Brasil, boa parte dele se destina a céu aberto ou lixões³¹ e aterros sanitários³² e Aterros controlados³³. Apenas uma mínima parte é reciclada.

[...] os lixões representam um problema social, ambiental e sanitário. Esses tipos de depósitos de resíduos sólidos, de origem desconhecida e sem qualquer medida de controle ou proteção, aumentam significativamente os impactos ao meio ambiente e à saúde pública. (Gonçalves, 2004, p.28).

Os lixões são a forma menos adequada de disposição final do lixo, pois nela não há o controle dos resíduos, o que oferece riscos potenciais ao meio ambiente, podendo gerar a contaminação do solo e dos recursos hídricos pelo chorume³⁴ e a procriação de vetores de doenças, que afetam a saúde humana.

³⁰ O lixo doméstico ou residencial são os resíduos gerados no dia-dia nas residências. O Lixo comercial trata-se de resíduos gerados por instituições comerciais e podem ser dividido em dois subgrupos: os pequenos geradores (instituições que geram até 120 litros de lixo por dia.) e os grandes geradores (acima de 120 litros de lixo por dia). Há também o lixo público, constituído por resíduos presentes nos ambientes públicos que podem advir da natureza ou descartado indevidamente pela população e lixo domiciliar especial, que abrangem os entulhos de obras (resíduos da construção civil), pilhas e baterias, lâmpadas fluorescentes e pneus. Os lixos de fontes especiais são resíduos que necessitam de manejo e disposição final de especial devido suas características peculiares. Por fim, existem os lixos radioativos (emitem radiações acima dos limites permitidos pelas normas ambientais) e resíduos de serviços de saúde (resíduos gerados nas instituições de saúde). Magera, 2013.

³¹ Lixão, é uma forma inadequada de disposição final de lixo, que se caracteriza pela simples descarga sobre o solo, a céu aberto, sem medida de proteção ao meio ambiente ou à saúde pública. Gonçalves (2005, p.40)

³² Processo que permite o confinamento seguro em termos de controle de poluição, fundamentado em critérios de engenharia e normas operacionais específicas. (Idem, 2005, p.41).

³³ Aterro Controlado é basicamente uma forma de dispor o lixo em valas, com recobrimento manual diário utilizando areia (com auxílio de pás, enxadas e carros de mão) e compactação somente após o preenchimento da mesma. O terreno é isolado (cerca, muro, etc) e vigiado para manter o controle sobre catadores e animais (IPLANCE,2000).

Figura 6 - Aterro sanitário de Maracanaú



Fonte: Elaborada pela autora.

A imagem acima deixa dúvidas se o aterro de Maracanaú não se trata de um lixão, pois, mesmo havendo tratamento para o chorume, os trabalhadores que ali atuam, estão expostos a todos os riscos relatados acima.

Sobre tal problemática, Cozetti (1996), nos adverte que o destino do lixo é um dos grandes problemas em nossa sociedade, pois se trata de saber como se livrar do que é inservível e de reconhecer que estamos diante de um problema ambiental, tendo em vista que se consome sem qualquer preocupação com o destino do lixo e com a sustentabilidade dos recursos naturais.

Magera (2013), afirma que, a disposição final do lixo gera muitas vezes a massa de pessoas excluídas que sobrevive e faz dele sua única fonte de sobrevivência, uma vez que o lixo é produzido por todas as camadas da sociedade e está presente em qualquer atividade que seja realizada, possibilitando que muitos consigam sobreviver a partir dos restos de várias atividades, considerados pelos geradores como inúteis e indesejáveis,

³⁴ Chorume é o líquido originado pela decomposição do lixo, que contém compostos orgânicos e íons metálicos (IPLANCE, op.cit.).

No contexto estrutural de exploração do homem pelo homem, cuja, matriz está no trabalho alienado e, que contribui para o agravamento das expressões³⁵ da questão social, é que encontram-se envolvidos os catadores de matérias recicláveis, como frutos da dinâmica da sociedade moderna, onde sua condição é tratada por esta sociedade como fatalidade, ou como mera situação individual, a partir da naturalização da questão social.

Cabe ressaltar, que os catadores entrevistados também relataram em suas falas essa ideia de naturalização, pois para eles o seu trabalho é autônomo, ou avulso e o interpretam como uma alternativa as dificuldades de inserir no mercado formal, como se fosse uma oportunidade que eles mesmos criaram, não se reconhecendo como explorados dentro do sistema capitalista, já que acreditam que dominam suas próprias condições de trabalho e não estão subordinados a ninguém, conforme observamos na fala abaixo:

[...] Aqui no aterro nois que faz nosso horário, se quiser vem no dia, se num quiser num vem... tem ninguém para mandar trabalhar aqui nois ganha é mais. (DIAMANTE, 42 anos, trabalhador do Aterro).

Neste ponto, é importante traçar um paralelo entre as falas dos interlocutores desta pesquisa com os sujeitos da pesquisa monográfica³⁶, primeiro por que, em ambos os casos, os entrevistados acreditam estar livres da relação patrão x empregado³⁷:

[...]Aqui na cooperativa os patrões somos nós. Não tem supervisor, nem ninguém ganhando nosso dinheiro, aqui tudo é dividido e todo cooperado ganhar um salário. (ESMERALDA, 37 anos, trabalhadora da cooperativa).

Vale ressaltar que na cooperativa, nem todos ganham um salário mínimo, como é o caso do presidente e do tesoureiro que ganham em torno de R\$

³⁵ As mais importantes expressões da questão social são: o retrocesso no emprego, a distribuição regressiva de renda e a ampliação da pobreza, acentuando as desigualdades nos estratos socioeconômicos, de gênero e localização geográfica urbana e rural, além de queda nos níveis educacionais dos jovens. (IAMAMOTO, 2007, p. 147).

³⁶ Trabalho de conclusão de curso realizado intitulado: condições de vida e trabalho de catadores cooperativados: um estudo na cooperativa de produção dos catadores do conjunto vida nova de Maracanaú-CE. (Alves, 2012).

³⁷ O estudo monográfico concluiu ainda, a partir dos pressupostos de Marx que mesmo através da constituição da cooperativa não há uma superação da auto alienação do trabalho em sua plenitude, devido ao fato de que as cooperativas estão incluídas no modo de produção capitalista e acabam por traduzir-se em uma alternativa de resistência ao desemprego, porém, limitada, uma vez que, por mais que os trabalhadores sejam os donos dos meios de produção, estes não tem o controle da

1.500. O segundo ponto que pode ser comparado é acerca da necessidade de organização da categoria, pois os trabalhadores cooperados acreditam que sua condição depende da iniciativa deles próprios em se unir em busca de melhores condições de renda, trabalho e reconhecimento por parte da sociedade. Ou seja, na visão desses trabalhadores, os catadores que não buscam se organizar são responsáveis por sua condição de informalidade.

[...]Eles fica no aterro por que a prefeitura num expulsou ainda, mas quando a lei valer mesmo quero saber pra onde eles vão. Por isso que eles num ganha as coisa que nois ganha, cesta básica e doação que quando vem pra cooperativa eles querem ganhar mais eles num querem se unir com a gente não. (RUBI, 42 anos, trabalhadora da cooperativa).

A naturalização acima referida advém do pensamento de que as desigualdades sempre existiram e sempre irão existir como assevera Pastorini (2004):

[...] percebe-se como as diferenças sociais, econômicas, educacionais etc. ficam encobertas sob a ilusória igualdade enquanto cidadãos portadores de direitos universais e até em certos casos naturais. Assim, a separação entre Estado e sociedade civil cria uma igualdade fictícia que confirma e acentua as diferenças existentes no mundo burguês. (PASTORINI, 2004, 109).

A pobreza é vista como algo alheio ao social, em que inúmeros desempregados e excluídos do mercado formal de trabalho não conseguem se inserir no mundo globalizado, sendo considerados incapazes de se adequar a modernidade e qualificações exigidas pelo capital.

Entretanto, o que vivenciamos na contemporaneidade são refrações de uma questão social latente, que se apresenta através de inúmeras disparidades sociais inerentes ao capitalismo, consumando cotidianamente a barbárie no mundo globalizado.

Nesta cena contemporânea, a questão social é a própria expressão da miséria, da barbárie e no contexto da mundialização do capital, essas expressões aumentam cada vez mais e se materializam na imagem do catador de lixo. Imagem esta, que além de impactante, é muito desafiadora, já que explicita a pobreza, decorrente da exploração do homem pelo homem e quando se revela dessa forma, provoca desconforto na sociedade, que trata este trabalhador “[...] como se ele

fosse outro distinto dos valores e regras adotadas” (MOTA, 2005, P.103).

Figura 7 – Fachada da cooperativa com cobertas adaptadas para guardar o material



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 8 - Galpão para depósito de materiais



Fonte: Elaborada pela autora.

4.1 A DIMENSÃO SOCIAL DO LIXO: A FIGURA DO CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL

Figura 9 : Catadores trabalhando no aterro sanitário



Fonte: Elaborada pela autora.

As condições de vida e de trabalho dessas pessoas são precárias, pois se submetem a horas exaustivas de trabalho em contato direto com o lixo, estando expostos diariamente a vários tipos de doenças, expressando a degradação do ser humano e evidenciando, inclusive o que elucida Iamamoto, quando afirma que a questão social “é mais do que pobreza e desigualdade. Ela expressa a banalização do humano, resultante de indiferença frente à esfera das necessidades das grandes maiorias e dos direitos a elas atinentes”. (IAMAMOTO, 2008, p.123).

Pode-se caracterizá-los como indivíduos que vivem dos restos descartados pela sociedade, além de sua realidade ser permeada por precariedade e fragilidades. Um trabalho que expressa à própria degradação humana e, que à luz da análise de Marx, encontra-se em situação de lumpemproletariado³⁸.A

³⁸ De acordo com Marx & Engels(1845), proletariado em farrapos. Elementos desclassificados, miseráveis e não organizados do proletário urbano. Vale ressaltar que, de acordo com Marx, o

ocupação do catador³⁹ está inserida nas dimensões da precarização do trabalho disfarçado⁴⁰ de estratégia de sobrevivência.

Essas pessoas (homens, mulheres, crianças e idosos) trabalham de sol a sol, muitas vezes em condições subumanas, puxando uma carroça e percorrendo por vários pontos das cidades. Assim, estes trabalhadores são pauperizados não só por não participarem do mercado formal de trabalho, mas pela própria degradação da atividade que exercem, em que muitas vezes são confundidos com o próprio lixo.

As diversas variações das denominações para esses trabalhadores variam de acordo com os locais, por exemplo, “Zabbaleen” no Cairo, “Badameiros” em Salvador e “catadores de papel” em Belo Horizonte. (Gonçalves, 2005).

Os catadores mesmo semianalfabetos e pobres não são destituídos de conhecimento e sabedoria e tomam decisões baseadas numa compreensão e avaliação precisa das suas necessidades, enfatizando ainda, que eles próprios podem construir saídas para a sua situação de exclusão social, a partir das suas experiências (ABREU 2001, Apud MAGERA, 2003, p.30).

No Brasil, o trabalho da catação tem sua origem na década de 50⁴¹, entretanto, nessa época os catadores apresentavam-se como uma parcela esquecida e sem visibilidade para a sociedade, representavam apenas pessoas que saíam nas ruas coletando lixo para garantir o seu sustento.

Em 1999, os catadores começaram a se organizar politicamente, através do 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel e Material Reaproveitável, onde foi criado oficialmente o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

lumpemproletariado surge como resultado a pauperização da classe trabalhadora, porém não pode ser visto como “excluído” a sociedade do capital.

³⁹ Para Juncá (2001, p.62), o catador é um personagem antigo no contexto Brasileiro, pois: “[...] No Brasil, é a figura do ‘velho garrafeiro’, do começo do século XX, que põe em evidência tal atividade, que se expande com o desenvolvimento da sociedade industrial”. Os catadores de lixo são também conhecidos como “andarilho, rampeiro, margarida, xepeiro, badameiro e bóia-fria do lixo” (LEGASPE, 1996, p.14). Na maioria das vezes, sua imagem está associada a estereótipos preconceituosos, de malandros, marginais, preguiçosos e vagabundos.

⁴⁰ O termo aqui utilizado faz referencia ao fato de que, para muitos desses trabalhadores a catação de lixo, principalmente aquela exercida na informalidade, é uma alternativa a não inserção no mercado formal de trabalho. Entretanto, este estudo parte do pressuposto de que esta atividade em todas as modalidades está subordinada aos ditames do capital, que sempre cria formas de aproveitar o proletariado, mesmo aquele que não está no setor fabril, sendo a atividade de catação inerente a esse sistema, que necessita da pobreza, do exército industrial de reserva e do subemprego para se manter e produzir mais-valia.

⁴¹ Silva (2006, p.10), afirma que de acordo com relatos orais, a catação no Brasil tem gênese na década de 50 sendo este trabalho, ampliado nas décadas posteriores devido ao aumento do desemprego.

(MNCR), que objetiva garantir a independência e o protagonismo popular da classe. O Movimento tem como pautas reivindicatórias centrais a autogestão, a luta por direitos e a organização do trabalho dos catadores.

Figura 10 – símbolo do MNCR



Fonte: MNCR (2014).

Os objetivos específicos do Movimento são: a) Coleta de materiais recicláveis feita por catadores; b) pagamento aos catadores pelos serviços de coleta de materiais; c) controle dos catadores sobre a cadeia produtiva de materiais recicláveis; d) conquista de moradia, saúde, educação, creches para os catadores e suas famílias; e) fim dos lixões e sua transformação em aterros sanitários, com o devido deslocamento dos catadores para galpões que garantam a sobrevivência digna de todos.

O Movimento estrutura-se em bases orgânicas, que congregam cooperativas, associações, entrepostos e grupos de catadores espalhados principalmente pelas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil, onde o movimento tem maior expressão (GONÇALVES, 2005).

No ano de 2001, houve 1º Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis na cidade de Brasília, onde foi elaborada a Carta de Brasília. Em 2002, a ocupação de catador de material reciclável foi incluída na CBO - Classificação Brasileira de Ocupações⁴². Mesmo com todo o histórico de lutas desses trabalhadores ao longo dos anos, as conquistas em relação à formalização dos catadores não foram suficientes, pois muitos ainda trabalham na informalidade e sob condições precárias.

⁴² A CBO é o documento que reconhece, nomeia e codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro.

Tudo isso por que o sistema capitalista gera e precisa dessa gama enorme de trabalhadores que são obrigados a se sujeitarem a condições cada vez mais precárias, Marx salienta que essa parte sobranete é fundamental para a reprodução do capital, como escreve abaixo:

A população trabalhadora excedente é produto necessário da acumulação de riqueza com base no capitalismo, complementando, ela constitui um exercito industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se ele tivesse criado a sua própria casa. (MARX, 1985).

Esses trabalhadores são peças fundamentais por isso continuam sendo explorados, mantendo-se na informalidade, sem garantias trabalhistas, sem reconhecimento social e permeados pelo preconceito. Devido a todas as dificuldades em exercer seu trabalho com dignidade e de ter seus direitos garantidos, os catadores lutam para a constituição de políticas públicas destinadas para a atividade, bem como pelo reconhecimento efetivo desta como profissão.

Figura 11- Imagem de uma catadora do Lixão do Jardim Gramacho



Fonte: Documentário Lixo Extraordinário (2010).

A figura acima é de uma catadora do Lixão do Jardim Gramacho, local onde foi realizado o documentário acima mencionado, onde o principal objetivo era aproximar os catadores daquela região com a arte. Podemos relacionar essa imagem entendendo o lixo que a catadora carrega também como a indústria da reciclagem, da qual o catador faz parte e, mesmo estando na ponta desse processo, é ele o ator principal, mesmo sem o devido reconhecimento e retorno

financeiro.

A pesquisa publicada pelo IPEA em 2013⁴³, a qual demonstra situação social dos catadores de materiais recicláveis do Nordeste, aponta que no Brasil 387.910 pessoas exercem a atividade de catação de material reciclável e reutilizável como atividade remunerada principal. (BRASIL, 2013). Deste total, 116.528 pertencem à região Nordeste, o que representa 30,6% do total de catadoras e catadores no Brasil. Os estados que concentram maior número de trabalhadores deste segmento, com 63% do total, são: Bahia, com 34.107 trabalhadores, Pernambuco, 20,166 e Ceará com 18.734.

O estudo revela ainda, a idade média deste segmento, a saber: 38 (trinta e oito) anos, estando os homens representados por um total de 70,7%, percentual semelhante ao nacional que por sua vez, corresponde a 68,9%. Segundo o documento, a predominância do sexo masculino nesta atividade, tem a ver com a cultura de que as mulheres devem realizar atividades domésticas, o que faz com que estas, não se identifiquem tanto com a atividade de catação.

Sobre a questão racial, o relatório enfatiza que os negros são maioria entre os catadores, já que 78,5% desses trabalhadores na região Nordeste, são negros ou pardos. Neste caso, relevante mencionar que, o percentual ultrapassa o indicador apontado no Censo Demográfico de 2010, o qual revela que a população de negros e negras corresponde a 52% da população brasileira, evidenciando a desigualdade racial no Brasil.

O documento aponta ainda que a renda média nacional, segundo os próprios trabalhadores, é de R\$ 571,56. Na região nordeste, o valor declarado foi de R\$ 459,34, que por sua vez, apresentou-se como o valor de renda média mais baixo do país. Dos trabalhadores entrevistados, 53,8% daqueles que vivem na região Nordeste, tem buscado as proteções sociais oferecidas pela Previdência. Entretanto, devido à informalidade da atividade que exercem os catadores não sabem se existe regularidade nesse processo.

Sem nenhuma garantia social e muito longe de exercer seus direitos e cidadania, os catadores lutam que as políticas públicas, contemplem suas necessidades e sua realidade. Bosi (2008, p.113) aponta que “[...] as ocupações

⁴³ A pesquisa sobre Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável, publicada em 2013, elaborou uma análise descritiva da situação social desses trabalhadores no Brasil, com foco na distribuição geográfica pelos estados e regiões. Apresenta uma síntese da caracterização nacional dos indicadores, seguida pelo detalhamento e comparação dos dados estaduais em cada região, organizados por temas e Políticas Sociais. Foram selecionados temas por área de interesse das políticas sociais.

tidas como 'informais' vêm ganhando relevância no mundo do trabalho exatamente porque têm sido acionadas como forma de produção preferencial do capital e não como escolha exclusiva dos trabalhadores”.

No período da realização da pesquisa que subsidiou o relatório mencionado, foi identificado que a taxa de analfabetismo entre os catadores corresponde a 34%, sendo que, apenas 20,4% dos que tem idade a partir de 25 anos, possuem o ensino fundamental. Este dado é preocupante, pois ultrapassa o percentual de analfabetismo do Brasil, constatado pelo IPEA no mesmo ano, qual seja: 9,8%.

Em se tratando de ensino médio, esse percentual é ainda menor: 9,7%. A ausência de escolaridade e de qualificação profissional são fatores que agravam a situação precária e informal a que muitos catadores estão submetidos, haja vista que contribuem para que esses trabalhadores não acessem o mercado de trabalho formal, devido às suas exigências.

Os dados analisados evidenciaram o acirramento das desigualdades sociais e a constatação das remunerações desiguais e conseqüentemente, de pobreza, verificada entre os catadores dos segmentos ocupacionais informais. É importante ressaltar que as informações da pesquisa supramencionada são subsidiadas através de pesquisa domiciliar, o que não considera em seu universo, os trabalhadores que não tem domicílio fixo definido, evidenciando a dificuldade de mensurar a quantidade de pessoas que trabalham com esta atividade.

De acordo com COSTA (2005), as informações e dados sobre essa população são obtidos, muitas vezes em trabalhos universitários ou através de pesquisas realizadas por municípios ou por entidades não governamentais sobre a realidade desses segmentos tão pauperizados.

Cabe frisar que, conforme Meireles (2009), além de cooperativas ou associações, onde esses trabalhadores se organizam autonomamente no mundo precarizador da vida e das condições de sobrevivência, eles também se organizam através da venda de seu material para os deposeiros, donos de depósitos de sucata e materiais recicláveis.

Nesse contexto as cooperativas e associações emergem como alternativas de sobrevivência dos explorados no mundo do trabalho, para gerar renda, criando, ao mesmo tempo, o fortalecimento dos valores dos trabalhadores, como por exemplo, a autonomia, a cooperação e organização.

Mészáros, (2002), concorda que as cooperativas e associações de trabalhadores são experiências práticas de auto-organização dos trabalhadores,

mas acrescenta que estas podem ser potencializadas numa conjuntura de transformação social que tenha em vista a transcendência do trabalho alienado.

Por conseguinte, conforme avaliam Coelho & Godoy (2011), essa organização coletiva do trabalho foi criada a partir da reflexão sobre a questão social, quando pensadores começaram a questionar sobre o funcionamento estrutural do capitalismo e os seus impactos no contexto social, formando, posteriormente, correntes de pensamento que buscavam refletir e prescrever saídas para essa situação legada aos trabalhadores, tida como insustentável.

Singer (1998, 2000) também assinala que a formação desses empreendimentos é uma possibilidade de uma contra-revolução socialista em curso. Em anuência com essa consideração, Meszáros (2002) complementa que, a organização coletiva do trabalho pode ser uma nova forma de inserção no capitalismo que adere ao capital, de forma mais velada, colocando o trabalho e o indivíduo como foco e excluindo a segregação proprietário x trabalhadores.

Em se tratando de cooperativismo, Marx, infere que “[...] os meios de trabalho não precisam ser monopolizados, servindo como um meio de dominação e de exploração contra o próprio operário; e que, assim como o trabalho escravo, e o trabalho servil, o trabalho assalariado é apenas uma forma transitória e inferior, destinada a desaparecer diante do trabalho associado que cumpre a sua tarefa a contento.

Para o autor, a concepção e a evolução do cooperativismo vai bem mais além do que subverter os direitos de propriedade dos meios de produção aos trabalhadores. Com efeito, assim como assinala Meszáros (2002), Marx também infere que é possível utilizar o cooperativismo como uma ação política contra o capitalismo e como forma de superação da alienação⁴⁴ do trabalho, através da “expropriação dos expropriadores”, ou seja, através do controle global da produção pelos produtores/trabalhadores associados.

Esses trabalhadores levam uma rotina extremamente cansativa que, segundo Magera (2003), [...] muitas vezes, ultrapassa doze horas ininterruptas; um trabalho exaustivo visto as condições a que estes indivíduos se submetem com seus carrinhos puxados pela tração humana (p.34). O referido autor relaciona o

⁴⁴ A alienação, de acordo com o viés marxista, é um fenômeno que transcende os limites da firma individual. Mesmo que uma firma passe a ser de propriedade dos trabalhadores, a alienação dos mesmos persistirá, porque o regime de propriedade privada no restante da economia continuará determinando preços e salários, através das forças impessoais de mercado. [...] Os trabalhadores proprietários, mesmo que não tenham sentimentos de alienação no trabalho, podem tornar-se impotentes perante as forças competitivas do mercado, (Storch, 1985, p.145)

crescimento do número de catadores de lixo com as exigências para o acesso ao mercado formal de trabalho e também o aumento do desemprego.

Por não participarem do mercado de trabalho formal e sobreviver dos restos que são descartados pela sociedade, os catadores também podem ser considerados agentes ambientais, mesmo que consciente ou inconscientemente, a partir da transformação de sua própria realidade e também da realidade da sociedade como um todo. Assim, encontraram na coleta de lixo, uma alternativa e estratégia de sobrevivência, uma vez que, desprovidos da qualificação exigida pelo mercado, pelo menos tinham trabalho e renda e isso “parecia traduzir o seu ingresso no mundo dos normais(JUNCÁ, 2005, p.172).

Através da atividade de catação informal de papéis e outros materiais encontrados nas ruas e lixões, os catadores de materiais recicláveis sustentam a indústria de reciclagem do Brasil e não são os principais beneficiados com o processo, apesar de serem os principais agentes da cadeia produtiva de reciclagem, pois:

O setor industrial é o maior beneficiado da reciclagem do lixo promovida pelos catadores e cooperativas de lixo no Brasil. É através do sucateiro, seu intermediário e ‘comparsa’ que as indústrias ficam com o maior valor primário extraído dos catadores de lixo. (MAGERA, 2005:41)

Os altos índices de reciclagem que ocorrem no Brasil, se dão devido à expressiva atuação dos catadores e segundo Abes (2001), *apud* Cury (2003, p.63), esses trabalhadores são responsáveis pela recuperação de 78% das latas de alumínio consumidas, 40% das embalagens de vidro, 25% de embalagens PET, 15% dos demais plásticos, 71% do papel ondulado e 16 % de papel de escritório.

No Brasil, estima-se que 800 mil pessoas são catadores de materiais recicláveis segundo o Movimento Nacional Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), dos quais, 70% são mulheres, chefes de família e presença cada vez mais constantes nas cooperativas de trabalho.

Atualmente, os catadores são reconhecidos como categoria, mas começam como autônomos e muitos permanecem dessa forma, encontrando nessa atividade uma alternativa de sobrevivência, tendo em vista que as possibilidades de emprego estão cada vez mais escassas, principalmente para esse grupo.

As condições de vida e de trabalho dessas pessoas são precárias, pois

vivem em contato direto com o lixo e estão expostos diariamente a doenças, correndo riscos de acidentes. Isso por que eles não vêem outra forma de sobrevivência, então se submetem a horas exaustivas de trabalho e o material que coletam ao fim do dia, é vendido muitas vezes por um preço ínfimo que não garante seu sustento digno.

Sobre tal aspecto é relevante mencionar uma entrevista do catador Diamante, a qual revela o quão árduo é o trabalho realizado nas ruas e quanto é irrisório o valor recebido ao final do dia. Ele e alguns catadores entrevistados, principalmente aqueles que trabalham nas ruas, não sabem nem ao certo, quanto recebem por mês, conforme observamos em sua fala a seguir:

Num tenho base não por que tem dia que eu tiro 2,80 por dia, se esse carrinho aqui der três real tá bom demais ai as vezes dá quarenta por semana, aí depende ne [...] às vezes encho esse carrinho de novo. TALISMÃ, 37 anos. Catador de rua.

Durante esta entrevista, o catador diamante se mostrou até satisfeito com o trabalho, dizendo que recebe auxílio dos moradores da região, tais como alimentos, roupas, etc. Afirma que conhece bem a região que cata e também se mostrou disposto apesar de ter dito que quase não descansa e que trabalha até aos domingos. Ele se mostrou bastante receptivo às nossas indagações e responde com atenção a todos os questionamentos.

Diamante é só mais um dos vários catadores que trabalha muito e não é compensado por isso e, por não ter conseguido outra ocupação (no seu caso, depois de um acidente, não conseguiu mais emprego, nem aposentar-se), é mais um explorado pelos deuseiros.

Figura 12 - Caminhão de coleta no Aterro Sanitário



Fonte: Elaborada pela autora

5 O CAMPO DE PESQUISA: AS SITUAÇÕES DE TRABALHO DOS CATADORES DE MARACANAÚ

5 O CAMPO DE PESQUISA: AS SITUAÇÕES DE TRABALHO DOS CATADORES DE MARACANAÚ

“Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.”

(Thiago de Mello)

Este capítulo irá abordar sobre os catadores de materiais recicláveis que trabalham em Maracanaú. Será apresentado um breve histórico e perfil dos entrevistados, traçando um paralelo com os catadores que trabalham nas ruas de Maracanaú e no aterro (moradores da comunidade do Mutirão Vida Nova que está diretamente ligado ao Aterro Sanitário de Maracanaú, e fica nas proximidades do Mutirão, no bairro Alto da Mangueira- vide figura 13). Em seguida os dados a pesquisa de campo foram analisados revelando a situação atual dos catadores de Maracanaú.

Figura 13 – Mapa do bairro Alto da Mangueira onde fica situado o Aterro Sanitário



Fonte: Google Earth (2014).

Em 2008 a Prefeitura de Maracanaú realizou um diagnóstico da área a fim de conhecer o cenário sócio-econômico da comunidade Vida Nova, visando a implementação de ações que possibilitassem melhoria na qualidade de vida da população. Com os resultados foi elaborado o Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos Urbanos de Maracanaú – CE⁴⁵ que apontava o perfil dos trabalhadores do Aterro, bem como as ações previstas para serem realizadas na comunidade local.

A partir desse diagnóstico verificou-se a falta de infraestrutura na comunidade, o que ocasiona grande índice de doenças, além da má utilização da água, a forma incorreta de condicionamento do lixo e a falta de conscientização dos problemas de origem sanitária e ambiental por parte da comunidade.

O documento identificou a presença de 58 catadores de materiais recicláveis trabalhando no Aterro, dos quais As mulheres representam 37.9% e os homens 62,1%. (Maracanaú, 2008), conforme se vê na tabela abaixo:

Tabela 1 - População por Sexo

DISCRIMINAÇÃO	QUANTIDADE	%
Homens		62.1
Mulheres		37.9
Total		100

Fonte: Elaborada pela autora.

5.1 O MUNICÍPIO DE MARACANAÚ: ESPAÇO DE TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL.

⁴⁵ O Plano Social de inserção comunitária dos cooperados do aterro sanitário e de suas famílias no município de Maracanaú traz como linha interventiva a execução de ações de inclusão social, apresentando propostas voltadas para a capacitação em diversas áreas e sensibilização quanto à questão ambiental, focalizando suas diretrizes na população afetada ou interessada na implementação das intervenções físicas.

Figura 14 – Mapa da localização do Município de Maracanaú



Fonte: Elaborada pela autora.

O município de Maracanaú integra juntamente com Fortaleza, Caucaia, Pacatuba, Guaiúba, Itaitinga, Aquiraz, Euzébio, Pacajus, Horizonte, São Gonçalo do Amarante, Chorozinho, Cascavel, Pindoretama e Maranguape a RMF/Região Metropolitana⁴⁶ de Fortaleza, criada pela Lei Complementar Federal Nº14, em 1973, que instituía, também, outras regiões metropolitanas brasileiras. Está localizado a 25 quilômetros da capital. Sua dimensão territorial é de 111,3 km².

Ocupa uma área de cerca 108 km², limitando-se ao norte com Fortaleza e Caucaia, ao sul e a leste com Pacatuba e a oeste com Maranguape. A situação física indica 3°48' 08" e 3° 56' 12" de latitude sul e 38° 32' 39" e 38° 40' 42" de longitude oeste, registrando uma altitude média de 48.00m. Maracanaú, segundo município pólo (cujo primeiro é a capital Fortaleza), criado em função da proposta de consolidação do I DIF (Distrito Industrial de Fortaleza), é hoje a segunda cidade do Estado em importância de arrecadação e PIB (Produto Interno Bruto), caracterizando-se como o principal centro industrial do Estado.

Posiciona-se de forma estratégica, pois se apresenta com relações de equidistância entre os demais municípios da Região Metropolitana, com suas

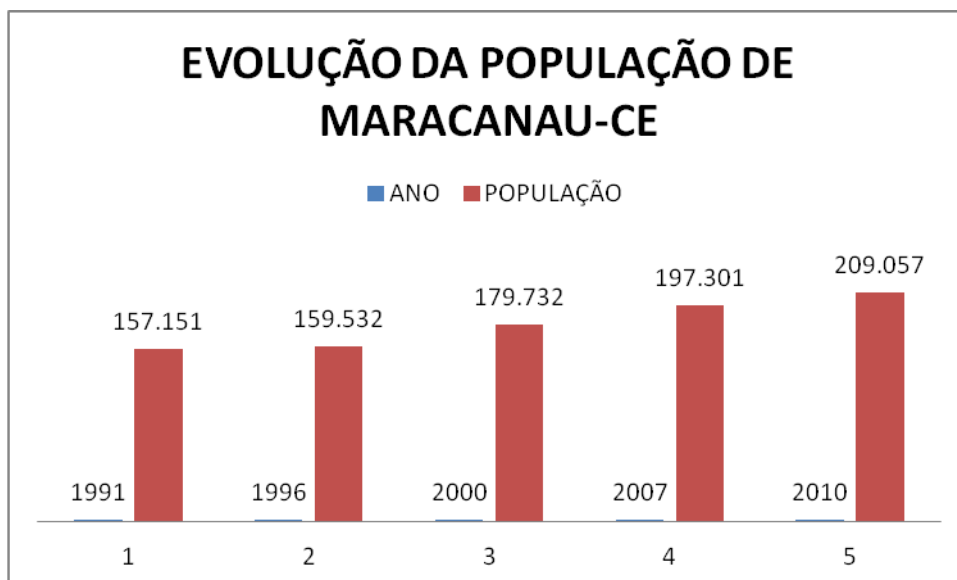
⁴⁶ As Regiões metropolitanas se formam devido ao processo de metropolização, .Segundo Silva (2005), são recortes espaciais que, institucionalmente, possuem dois ou mais municípios integrados para exercerem funções de interesses comuns, entendendo que tais aglomerados pertencem a uma única realidade urbana (SILVA, 2005).

ligações garantidas através da malha rodoviária existente, formada pela CE 060, CE 251 e CE 065 e o 4º Anel Viário de Fortaleza, continuadas pelas BR 222, BR 020 e BR 116 e da CE 040, as quais mitigam as consequências da dificuldade de integração entre os municípios, entendendo que o transporte coletivo ainda é muito caro e pouco abrangente e considerando que quase a totalidade dos equipamentos urbanos concentra-se ainda em Fortaleza.

As ligações entre o município e Fortaleza é reforçada pela ligação ferroviária através da linha Tronco Sul e com perspectivas de intensificar seus fluxos, a partir da implantação do Metrofor, o qual viabilizará um fluxo mais intenso de pessoas para o município de Pacatuba.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE (2010), Maracanaú possui a terceira maior população do Estado do Ceará, com 209.057 habitantes, ocupando 111,33 km², com o Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 4.100.336.000,00 (IPECE, 2013) e Produto Interno Bruto per capita de R\$ 19.549,00 (IPECE, 2013):

Gráfico 1 – Evolução da população de Maracanaú- Fonte: IBGE-2010



Fonte: Elaborada pela autora.

O gráfico acima ilustra a evolução populacional do Município de Maracanaú do período compreendido entre 1991 e 2010. Esta evolução decorre das transformações econômicas que interferem na dinamização da sua economia urbana.

Através dos dados do Cadastro Único (2012), constatou-se que 73,7% dessa população encontra-se nesta base, totalizando 40.711 famílias; Dessas, 20.693, recebem o Bolsa Família. O que significa que 140.790 mil pessoas de uma população de 209.057 habitantes estão no Cadastro Único de Maracanaú e declaram renda *per capita* de meio salário-mínimo (R\$ 339,00), demonstrando um acentuado grau de desigualdade social existente no município.

No tocante à hidrografia, os principais recursos hídricos do município são os seguintes: rio Maranguape; riachos Santo Antônio, Timbó (Lameirão), Taboqueira e Urucutuba; lagoas: Maracanaú, Jaçanaú, Jupaba e do Mingau. No entanto, o município de Maracanaú, tal qual as demais cidades brasileiras de médio e grande porte, sofre com o problema da poluição dos seus rios, lagos e lagoas.

Devido ao despejo de dejetos e lixos (doméstico e industrial), desmatamento das margens e a retirada indevida de areia e argila dos entornos desses locais para atender a demanda das olarias e da construção civil, grande parte dos recursos não oferece condições de utilização.

Quanto à educação, o município possui 240 estabelecimentos de ensino sendo 97 de ensino pré-escolar, 123 de ensino fundamental e 20 de ensino médio, conforme discriminado na tabela abaixo que por sua vez, também revela os números de alunos matriculados na rede de ensino. Os dados referidos podem ser visualizados na tabela abaixo:

Tabela 2 – Rede Municipal de Ensino

Rede de ensino	Quantidade de estabelecimentos	Alunos matriculados
Pré-escolar (público)	51	4.277
Pré-escolar (privado)	46	2.963
Ensino fundamental (público)	86	29.707
Ensino fundamental (privado)	37	8.015
Ensino médio (público)	16	11.370
Ensino médio (privado)	04	636
Total		59.968

Fonte: Secretaria de Educação de Maracanaú-CE. (SEDUC) 2013.

O processo de industrialização de Maracanaú possui raízes no modelo de urbanização desordenado, aliado à migração de pessoas de diversas partes do estado do Ceará em busca de inserção nas indústrias, contexto esse em que as desigualdades sociais afloram, sendo a pobreza uma das expressões da questão social.

Com o passar dos anos o município passou a atrair também novos usos do espaço urbano, que antes eram de domínio da capital e, que não são apenas relacionados à atividade industrial, e sim, ligados ao comércio e outros serviços.

Todo esse crescimento acarretou também grandes problemas que são inerentes as grandes cidades urbanas, decorrentes da macrocefalia urbana, que ocorre em circunstâncias onde as populações crescem de maneira acelerada e desordenada, sem planejamento e acompanhamento dos serviços públicos, produzindo cidades completamente desprovidas de infraestruturas, o que provoca, também, outros problemas sociais.

Tais problemas sociais, em Maracanaú se expressam através da situação precárias de várias localidades que ainda apresentam deficiência na saúde pública e escassez de equipamentos sociais. Conforme observamos na tabela abaixo, o município de Maracanaú atualmente possui poucos estabelecimentos de saúde:

Tabela 3- Unidades de Saúde Ligadas ao Sistema Único de Saúde

Tipo de prestador	Quantidade
Pública	30
Privada	06
Total	36

Fonte: Secretaria da Saúde do Estado do Ceará (SESA) 2013.

Tabela 4- Estabelecimentos de saúde por tipo de unidade

Tipo	Número
Hospital municipal	01
Unidades Básicas de Saúde	30
Ambulatório	01
Unidade de vigilância sanitária	01

Unidades de saúde mental	03
Total	36

Fonte: Secretaria da Saúde do Estado do Ceará (SESA) 2013.

Em alguns bairros, tais como o Alto da Mangueira⁴⁷, um dos locais em que residem os catadores entrevistados nessa pesquisa, não há acesso aos serviços básicos de esgoto, abastecimento e tratamento de água e drenagem urbana. Ressalta-se que no tocante à hidrografia, os principais recursos hídricos do município são os seguintes: rio Maranguape; riachos Santo Antônio, Timbó (Lameirão), Taboqueira e Urucutuba; lagoas: Maracanaú, Jaçanaú, Jupaba e do Mingau. No entanto, o município de Maracanaú, tal qual as demais cidades brasileiras de médio e grande porte, sofre com o problema da poluição dos seus rios, lagos e lagoas.

A coleta e tratamento do lixo também se apresentam como grandes desafios ao Poder Público Municipal, assim como os altos índices de violência e desemprego. Devido ao despejo de dejetos e lixos (doméstico e industrial), desmatamento das margens e a retirada indevida de areia e argila dos entornos dos locais acima mencionados para atender a demanda das olarias e da construção civil, grande parte dos recursos não oferece condições de utilização.

Os fatores mencionados revelam que a urbanização e o desenvolvimento de Maracanaú também trouxeram muitos impactos ambientais. A experiência da Capital Cearense, onde o fluxo migratório causou a constituição de favelas, fez com que as instâncias governamentais financiadas pelo Banco Nacional de Habitação encontrassem na construção de vários conjuntos habitacionais populares uma possível solução para o crescimento populacional que ocorreria.

Conforme dados do Diagnóstico Social de Maracanaú⁴⁸ (2012), os Conjuntos Habitacionais foram erguidos à margem da linha férrea e transformaram significativamente a paisagem e as características da cidade. No decorrer dos anos, houve um acréscimo de 20.000 (vinte mil) novas moradias e, conseqüentemente, aumento do índice populacional: 1970 (15.685 habitantes);

⁴⁷ Iremos detalhar mais adiante localização e características deste bairro.

⁴⁸Elaborado por equipe técnica especializada, no ano de 2012, enquanto exigência da Norma Operacional Básica do SUAS (NOB/SUAS).

1980 (37.844 habitantes). Em 1991, a população da cidade totalizava 157.150 habitantes, ou seja, um acréscimo significativo de 13,8% ao ano.

Importa ressaltar que, aproximadamente, 1/3 (um terço) dos moradores maracanaenses residem nesses conjuntos: Conjunto Industrial I e II (1978); Timbó (1979); Acaracuzinho (1980); Novo Oriente (1983); Jereissati I (1984); Jereissati II (1985); Maracanaú (1986) e Novo Maracanaú.

Há em Maracanaú Os bairros do município mais atingidos por riscos ambientais e, conseqüentemente, sociais são: Alto Alegre; Alto da Mangueira; Jardim Bandeirante; Olho D'Água; Pajuçara (loteamento Menino Jesus de Praga e Flamengo) e Siqueira. Com relação às áreas de risco de Maracanaú, têm-se a região da Pajuçara (Área verde), onde foram identificadas 37 (trinta e sete) famílias residentes em casas localizadas entre as Ruas Antônio Germano e Santa Helena.

O Bairro Menino Jesus de Praga (região alagável), local em que foi construído um duto para o escoamento do rio Timbó; E, o Rio Maranguapinho (Vila Vintém, Jardim das Maravilhas e Beira Rio, locais em que foram realizados 269 (duzentos e sessenta e nove) cadastros de famílias que estavam às margens. Atualmente, o governo do estado do Ceará é o responsável pela execução do projeto e trabalho técnico social.

De acordo com pesquisa documental realizada na Coordenadoria de Habitação, setor vinculado a Secretaria de Infraestrutura e Controle Urbano, responsável pela gestão, execução e arquivamento dos programas habitacionais realizados no município, identificou-se no período de 1994 a 2012, a execução de 11 (onze) projetos habitacionais, desenvolvidos pelo poder público ou em parceria com Organizações Não-Governamentais (ONG's), totalizando 1.274 moradias.

Vale ressaltar que, mesmo com a construção das unidades habitacionais o município não foi contemplado na sua totalidade, no que se refere à infraestrutura básica dos conjuntos habitacionais, refletindo vários problemas ambientais para a cidade.

Atualmente, observa-se que algumas ações pontuais são realizadas no sentido de prover uma melhor urbanização para o município, entretanto é importante ressaltar que as ações voltadas para preservação e urbanização são em sua maioria direcionadas para as áreas onde se tem um maior interesse comercial e imobiliário.

Observa-se ainda algumas ações nas áreas mais pobres, quando estas

recebem algum empreendimento do Programa Minha Casa, Minha Vida, onde o Município, ao assinar o projeto de construção se compromete, em contrapartida, a construir equipamentos sociais e a realizar melhorias nas áreas contempladas. Ainda assim, o que mais se observa é a sobrecarga nas equipes de saúde, assim como nas escolas.

Quando não há interesse econômico por determinadas áreas do município, são necessários longos processos de luta e de discussão política entre os conselhos municipais e associações comunitárias, para que sejam realizadas ações efetivas de melhoria na qualidade de vida da população.

Nesse ínterim, as expressões da questão social se tornaram mais evidentes revelando, a produção e reprodução do fenômeno da catação no município que, vinculada ao processo de urbanização e industrialização, é também uma das expressões da pobreza inerente à produção da riqueza no Capitalismo.

Devido a todos os agravantes citados acima é que Maracanaú tem se tornado uma grande produtora de lixo. A ausência de um planejamento municipal aliada de pouco investimento em relação aos problemas da geração e acúmulo de lixo resultou na insuficiência para o atendimento da coleta, tratamento, acondicionamento e destinação final do lixo.

5.2 A URBANIZAÇÃO E A PRODUÇÃO DE LIXO NO BRASIL, NO CEARÁ E EM MARACANAÚ

“[...]A cidade não pára, a cidade só cresce E de cima sobe e o debaixo desce.
A cidade não pára, a cidade só cresce.
O de cima sobe e o debaixo desce”
(Chico Science & Nação Zumbi).

De acordo como Magera (2013), o processo de urbanização no Brasil foi um dos fatores responsáveis pela problemática social e ambiental nas cidades. Em 1970 57% da população era urbana, já na década de 1990 esse número aumenta para 81,4% e em 2010, de acordo com o IBGE, mais 90% da população vive em áreas urbanas do país. Isso se deve à expansão das atividades industriais nas grandes metrópoles, que fez com que muitas pessoas que viviam nos campos, fossem atraídas na perspectiva de encontrar nas cidades uma possibilidade de melhores condições de vida, empregos, saúde e educação.

Porém as cidades não tinham capacidade, nem infraestrutura de absorver todo esse contingente demográfico decorrente desses processos

migratórios, resultando em um crescimento urbano desordenado, intensificação da pobreza, carência de moradias, habitações em condições precárias, construídas em áreas de risco, sem saneamento básico levando ao agravamento do processo de degradação ambiental. Essas pessoas, por não serem absorvidos pela indústria ou pelo comércio, vão buscar no lixo uma alternativa:

Sem destino, que ficam vagueando pelos centros urbanos, são expulsos para sua periferia, que por sua vez, já abriga os lixões [...] só lhes sobrando sua força de trabalho que também não sendo mais aceita. Assim, uma matilha de meio-homem, meio-vira-latas, caminha para os lixões como a última esperança de vida, para lá levam sua família e do lixo passam a viver. (Legaspe, 1996, p.120).

Waldman infere que os problemas de ordem econômica se misturam aos de ordem social, política e ambiental, afirmando que em meados do século XXI “[...] a imagem das grandes cidades está marcada por favelas, poluição do ar e das águas, enchentes, desmoronamentos, crianças abandonadas e violência” (2003, p.551). O autor afirma, inclusive que, “os problemas urbanos relacionam-se diretamente com um significativo rol de problemas ambientais básicos vivenciados pelo povo brasileiro entre eles, [...] a questão da destinação dos resíduos sólidos, dos recursos hídricos e da poluição do ar.

Mike Davis, em seu livro *Planeta Favela* (2006)⁴⁹, traz um panorama sobre o surgimento e a generalização das favelas, afirmando que houve uma espécie de empurramento segregacionista da população do campo para as áreas desprivilegiadas de assistência social e para a periferia, atitude esta, derivada do comportamento colonial arraigado na estrutura social dos países ex-coloniais do Sul.

A desestruturação urbana contribui para a geração e o acúmulo de um grande contingente de resíduos sólidos, inclusive de resíduo eletrônico (PNUMA, 2012). Segundo pesquisas do IBGE–Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população do Brasil em 2010 foi de 190.755.799 pessoas. Estes brasileiros, por sua vez, produziram 60,8 milhões de toneladas de lixo no período acima referido.

Ou seja, foram produzidas 195 mil toneladas de resíduos diariamente, em todo o território nacional, o que torna ainda mais gritante a problemática da gestão de resíduos sólidos. Ainda sobre a geração de resíduos sólidos, a

⁴⁹ A obra é composta por oito capítulos e traz uma discussão sobre o crescimento da pobreza nas cidades do Terceiro Mundo, pensando no crescimento da periferia como um grande

ABRELPE/2010, apresenta o indicador referente à população urbana do Ceará que é de 6.343.990 habitantes que, por sua vez produ em média 8.735 toneladas por dia de resíduos sólidos, apresentando-se como o segundo maior gerador de resíduos sólidos da Região Nordeste, ficando atrás apenas da Bahia e, seguido de Pernambuco.

Assim, como não há em muitos municípios uma adequada condição de armazenamento e tratamento do lixo onde a coleta ocorre de forma precária, o resultado é a contaminação do meio ambiente e proliferação de vetores de doenças. Sobre tal problemática, Stillwaggon *apud* Davis (2006), denuncia que “as doenças relacionadas à água, esgoto e lixo matam 30 mil pessoas e representam 75% das moléstias que afligem a humanidade”.

Em sua assertiva, Davis enfatiza ainda que esgotos a céu aberto e a água contaminada são infestados de parasitas intestinais que contaminam a população das cidades pobres, sendo as doenças do trato digestivo, oriundas da má condição sanitária e poluição de água potável, a principal causa de morte do mundo.

Há ainda que se ressaltar outros elementos do processo degradação, tais como a exploração da madeira, dos animais, as queimadas, desmatamentos, o uso e a ocupação do solo da Amazônia pela pecuária, por madeiras e pela agricultura de subsistência, visualizados através da destruição dos ecossistemas, poluição dos rios, erosão, alteração nas comunidades locais e povos indígenas.

Assim como os biomas, as cidades também vem acompanhando o ritmo de degradação, a exemplo do município de São Paulo que é considerado como principal poluidor da atmosfera com gases de efeito estufa no Brasil. Outro exemplo é o aparecimento de tornados, com grande capacidade de destruição com ventos que superam 115 km/h, fenômeno antes nunca visto na região sul do Brasil.

No decorrer dos anos, à medida que ocorriam os encontros internacionais, o Brasil também passa a colocar em pauta as questões ambientais, por isso em 1965 foi instituído o Código Florestal Brasileiro, que visava à conservação dos recursos florestais.

Em 1973 a partir do Decreto nº. 73.030, foi criada no Brasil a SEMA - Secretaria Especial do Meio Ambiente – que defendia dois principais objetivos: a

problema ainda sem solução do século XXI, o autor propõe que mudanças sejam necessárias para que esse quadro fosse ao menos minimizado.

diminuição da poluição, principalmente a industrial e a proteção do meio ambiente. Em 1981 foi instituída a Política Nacional do Meio Ambiente e através dela criou-se o SISNAMA (Sistema Nacional de Meio Ambiente), colegiado ao CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente).

A Constituição de 1988 possibilitou uma evolução em relação aos Estados e Municípios, que a partir de então, poderiam formular suas próprias políticas. Em 1989 foi criado o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, através da Lei nº. 7.735, de 22 de fevereiro do mesmo ano. O citado órgão formou-se pela fusão da Secretaria do Meio Ambiente – SEMA; Superintendência da Borracha - SUDHEVEA; Superintendência da Pesca – SUDEPE, e o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal – IBDF.

Em 1989, foi criada a Secretaria do Meio Ambiente da Presidência da República – SEMAM subordinada ao IBAMA que seria órgão gerenciador da questão ambiental, responsável por formular, coordenar, executar e fazer executar a Política Nacional do Meio Ambiente. Em 1992, a Lei nº. 8.490, de 19 de novembro Art. 21, transforma a SEMAM, em Ministério do Meio Ambiente – MMA, órgão de hierarquia superior, com o objetivo de reestruturar a política do meio ambiente.

A partir dos anos 2000 surgem novas diretrizes para promover a gestão ambiental compartilhada entre governo federal, estadual e municipal. O início do governo Lula também marca um grande avanço na luta pela preservação ambiental com a nomeação de Marina Silva para Ministra do Meio Ambiente em 2003, a qual lutou intensamente por uma política de preservação da Amazônia e elaborou 43 projetos, entre eles: Projeto da Lei de Acesso à Biodiversidade; Projeto do FPE Verde; Projeto do Orçamento Social; Projeto da Responsabilidade Social.

Em 2006 foi elaborado o Relatório de Mudanças Climáticas globais e seus Efeitos na Biodiversidade Brasileira, através do Ministério do Meio Ambiente. O documento, por sua vez, chamava atenção para uma mudança nas atitudes do homem para com o meio ambiente e alertava sobre as seguintes consequências: Na Amazônia, o aquecimento pode chegar a 8 °C ; Aumento da temperatura média no ar pode chegar até 4°C acima da média em 2100; Elevação do nível do mar que pode variar entre 30 cm e 80 cm nos próximos 50 a 80 anos e, ameaça da biodiversidade devido ao grande processo de degradação e destruição de habitats naturais.

Em 2007 foi criado o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, através da Lei 11.516/2007, momento em que o IBAMA passa a ser responsável pelo licenciamento e fiscalização ambiental e o referido Instituto, pela gestão das Unidades de Conservação. No ano de 2009 o Brasil aprovou a Política Nacional de Mudanças Climáticas onde foi estabelecida meta voluntária de redução de gases estufa para 2020.

Em 2010 foi aprovada a Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS, criada pela Lei nº 12.305/2010 e regulamentada pelo Decreto 404/20120, que estabelecem diretrizes e estipulam a obrigatoriedade de elaboração dos Planos de Gerenciamento de Resíduos, de implantação da coleta seletiva, reaproveitamento e reciclagem dos resíduos gerados, e a instituição da logística reversa para alguns setores da economia.

O documento reúne o conjunto de princípios e objetivos, instrumentos, diretrizes, metas e ações do governo federal isoladamente ou em regime de cooperação com Estados, Distrito Federal, Municípios ou particulares, com vistas à gestão integrada e ao gerenciamento adequado dos resíduos sólidos (Brasil, 2010).

A implantação da referida lei incentiva a redução da geração, reutilização e a reciclagem de resíduos sólidos e possibilita a inserção de diretrizes do desenvolvimento sustentável. Entretanto, há que se ressaltar que, passados 04 anos desde a publicação da lei e ainda não conseguimos visualizar as mudanças e benefícios que promete trazer aos catadores do país. De acordo com a política, toda a sociedade é responsável pelos resíduos gerados. Aos municípios cabe a responsabilidade de:

(...) gestão integrada de resíduos sólidos gerados nos respectivos territórios sem prejuízo das competências de controle e fiscalização dos órgãos federais e estaduais do SISNAMA SNVS e do SUASA, bem como a responsabilidade do gerador pelo gerenciamento de resíduos consoante o estabelecido nesta lei. (Art.10)

Para que o município possa acessar os recursos para investir nas políticas voltadas para a questão dos resíduos sólidos ou empreendimentos de limpeza urbana, assim como receber incentivos federais é necessário que se elabore o plano municipal de gestão integrada de resíduos sólidos, conforme art. 18 da citada lei, que por sua vez, prevê ainda, em seu artigo 44 a possibilidade de

custeio das ações e programas, mediante normas para a concessão de incentivos fiscais.

Art. 44. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no âmbito de suas competências, poderão instituir normas com o objetivo de conceder incentivos fiscais, financeiros ou creditícios, respeitadas as limitações da Lei Complementar no 101, de 4 de maio de 2000 (Lei de Responsabilidade Fiscal), a:

I - indústrias e entidades dedicadas à reutilização, ao tratamento e à reciclagem de resíduos sólidos produzidos no território nacional;

II - projetos relacionados à responsabilidade pelo ciclo de vida dos produtos, prioritariamente em parceria com cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda;

III - empresas dedicadas à limpeza urbana e a atividades a ela relacionadas.

Relevante mencionar, ainda que a Política Nacional de Resíduos Sólidos contempla ainda, conforme se verifica em seu artigo 8º, dentre outros, os seguintes instrumentos: A coleta seletiva, os sistemas de logística reversa e outras ferramentas relacionadas à implementação da responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos; a educação ambiental; a cooperação técnica e financeira entre os setores público e privado para o desenvolvimento de pesquisas de novos produtos, métodos, processos e tecnologias de gestão, reciclagem, reutilização, tratamento de resíduos e disposição final ambientalmente adequada de rejeitos;

Incluem-se aí, também, os termos de compromisso e os termos de ajustamento de conduta; o incentivo à adoção de consórcios ou de outras formas de cooperação entre os entes federados, com vistas à elevação das escalas de aproveitamento e à redução dos custos envolvidos.

5.3 DISCUTINDO O PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS CATADORES

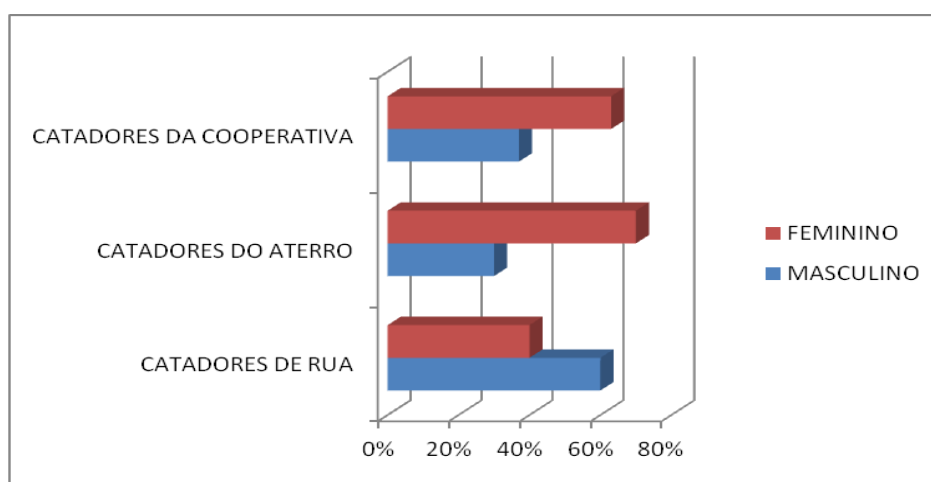
Utilizando os dados oficiais divulgados no Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos – PGIRS de Maracanaú, que diagnosticou a situação dos catadores do aterro sanitário de Maracanaú em 2008, e com base em nossas entrevistas tanto aos catadores do aterro sanitário, como os catadores de rua, assim como a utilização dos dados da pesquisa realizada em 2012 com os catadores da cooperativa pela pesquisadora, apresentamos a seguir o perfil dos catadores de Maracanaú.

No tocante ao gênero desses trabalhadores, a pesquisa oficial apontou que 62,1% eram do sexo masculino e 37,9% do sexo feminino. Em nossa pesquisa de campo também comprovamos o fato de que, os homens são maioria nessa atividade, principalmente nos setores informais e entre os que trabalham nas ruas, dos quais, 60% dos entrevistados são do sexo masculino.

Ao contrário, a cooperativa possui maior presença das mulheres e, este dado denota tanto o potencial de organização feminino, como também reflete uma característica marcante na atividade: a força e resistência física que um catador que trabalha na rua e no aterro deve possuir. Tal constatação é enfatizada pelo Movimento Nacional dos Catadores, que também reforça a presença e potencial feminino na atividade.

Dos catadores que trabalham no aterro, observamos grande presença do público masculino, mas do total de entrevistados deste estudo, a maioria são mulheres (70%), principalmente por que o Mutirão Vida Nova, localidade onde residem a maioria dos catadores daquela área, os beneficiados com unidades habitacionais tem em sua maioria o público feminino, mulheres chefes de família, mães solteiras, critério priorizado na concessão de casas pelo governo. Esses dados podem ser visualizados no Gráfico 02, a seguir.

Gráfico 2 - Percentual de catadores por categoria



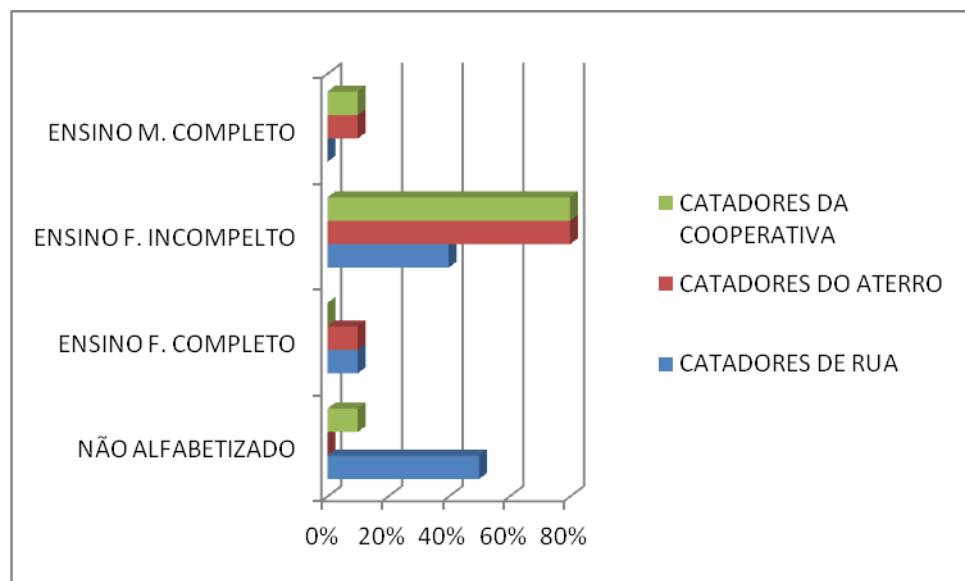
Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à escolaridade dos participantes (dados apresentados no Gráfico 03, logo abaixo), em nossa pesquisa identificamos que 80% da amostra de

catadores do aterro sanitário declaram ter cursado o ensino fundamental incompleto, assim como os catadores da cooperativa. O PGRS da prefeitura também apontou este perfil, constatando que 72% dos catadores possuía ensino fundamental incompleto à época.

Em relação aos catadores que trabalham nas ruas, 50% do total refere-se aqueles que estão no mesmo nível de escolaridade acima citado, declarando-se, os demais, como não analfabetos. Essa realidade comprova o perfil das famílias que sobrevivem da catação, pois muitos iniciam cedo na atividade para complementação da renda familiar e isso reflete, diretamente, na vida escolar, através da desistência dos estudos.

Gráfico 03- Percentual de nível de escolaridade de catadores por categoria



Fonte: Elaborado pela autora.

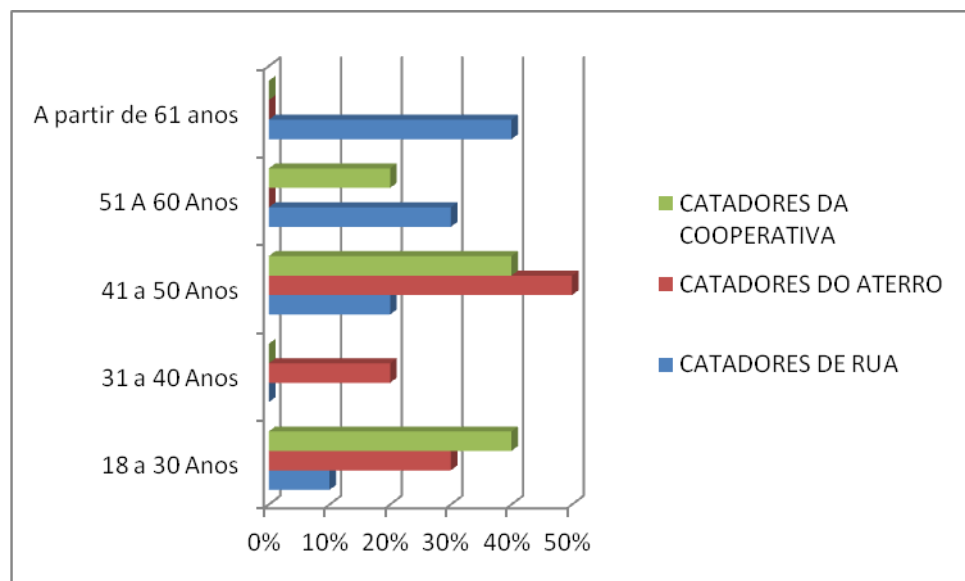
Ressalta-se ainda, que, a baixa escolaridade foi um dos motivos para recorrer à atividade de catação, citados pelos entrevistados e, avaliada como entrave para a inserção no mercado formal de trabalho, conforme fica evidente na fala abaixo:

[...] Gostar eu num gosto não mas eu não tenho outra opção, num sei ler, num sei escrever, num posso trabalhar em firma, por causa da idade, né, quarenta e tantos anos já num entra mais em firma nenhuma, ai já fica difícil, o jeito é trabalhar que eu num posso ficar parado em casa. SAFIRA, 48 anos, catador no Bairro Acaracuzinho.

Essa realidade realmente os distancia dos postos de trabalhos formalizados e contribui para com aumento do número de desempregados e pessoas trabalhando na informalidade em Maracanaú. Observamos ainda na fala do entrevistado a conformação da condição de catador, afirmando que não gosta atividade, mas que não tem outra opção.

Em relação à faixa etária (Cf. Gráfico 04), o documento da prefeitura destaca a presença de crianças e idosos no aterro, assim como aponta um perfil com idade variando entre 27 a 60 anos. Esta variante também condiz com o público da cooperativa. Em nossa pesquisa com os catadores informais do aterro identificamos a variante entre 18 e 50 anos, sendo que, 50% dos entrevistados se encontram na faixa de 41 a 50 anos.

Gráfico 4 - Percentual de idade catadores por categoria



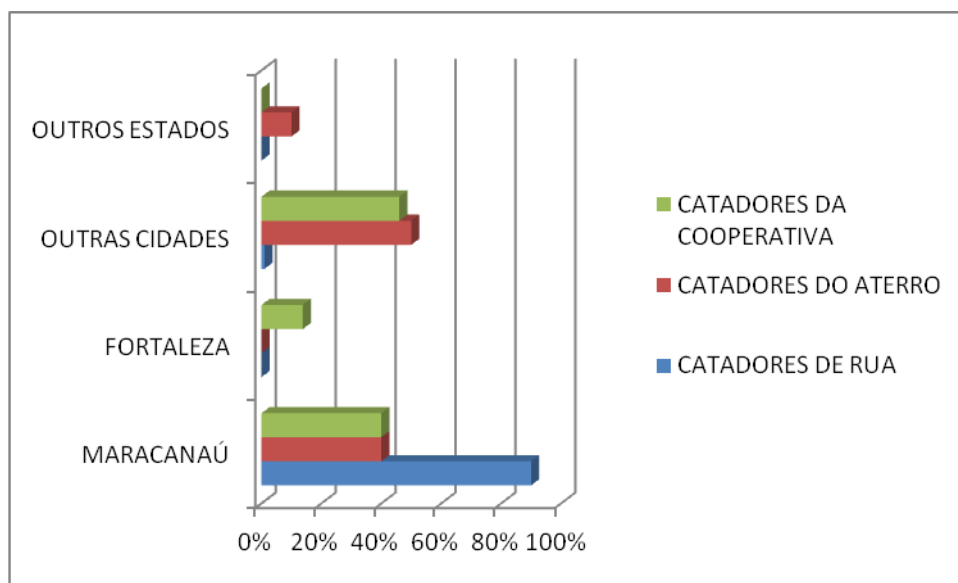
Fonte: Elaborado pela autora.

Os catadores de rua também apresentam a variante de 46 a 64 anos. O perfil encontrado reflete a situação da população que possui esta faixa etária, que, muitas vezes não tem nem acesso ao mercado de trabalho e, aqueles que tem e são excluídos, tem poucas chances de se reinserir.

Sobre a naturalidade dos catadores (Cf. Gráfico 05), o diagnóstico da prefeitura apontou que um total de 27,6% dos catadores vieram de cidades diversas, tais como, Redenção, Mulungu e Itapiuna. 22,4% residiam em Maranguape, 13,8% Fortaleza, 8,6% baturité e 6,9% Quixadá.

Todavia, Em nossas entrevistas nas ruas, encontramos muitos catadores que são naturais de Maracanaú, assim como os catadores que entrevistamos no aterro e aqueles que trabalham na cooperativa, o que demonstra que esses trabalhadores não necessariamente vieram tentar a vida em Maracanaú devido ao polo industrial, muitos nasceram no município e, sequer tiveram a oportunidade de entrar no mercado de trabalho, refletindo os problemas decorrentes do espaço urbano.

Gráfico 05- Percentual de naturalidade de catadores por categoria

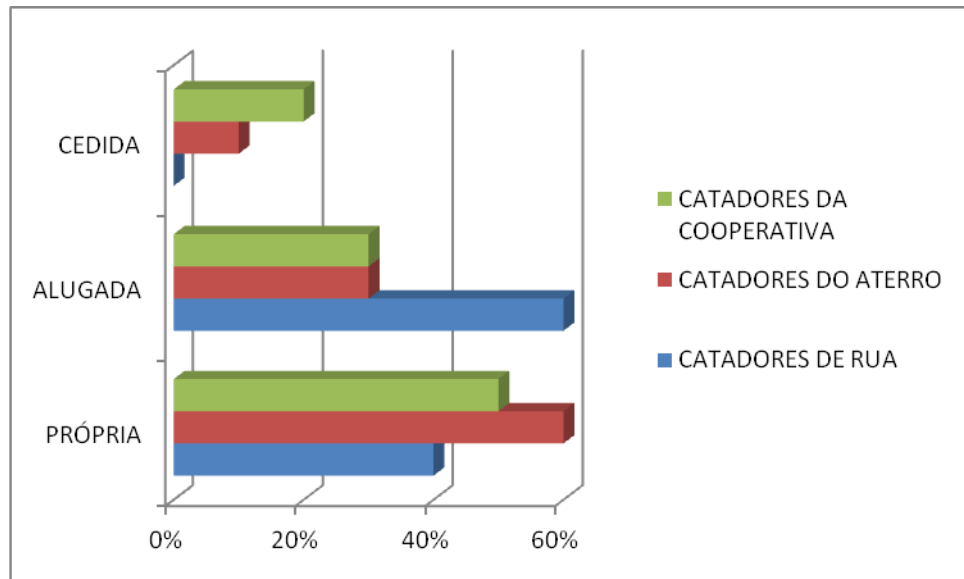


Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados do gráfico acima expressam a particularidade do município de Maracanaú, que desde 1970 enfrenta os altos índices de concentração populacional em virtude da urbanização acelerada e desordenada da capital, como consequência das migrações oriundas do interior do estado devido à seca e da busca por melhores condições de vida.

Referente às formas de moradia dos catadores (Cf. Gráfico 06), o documento da prefeitura não apresentou este dado, mas em nossa pesquisa de campo, identificamos que 60% dos catadores informais do aterro possui casa própria, concedida pelo governo, através do regime de mutirão.

Gráfico 06 - Percentual de forma da moradia de catadores por categoria



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme ilustrado no gráfico acima, na pesquisa realizada com os catadores da cooperativa também foi expressivo o número de trabalhadores com casa própria, residentes no Mutirão Vida Nova. Ainda assim, é visível o quanto a situação da comunidade em que os catadores residem é precária, pois, falta infraestrutura e, muitas moradias na localidade já estão com a estrutura bastante comprometida, visto que os catadores não possuem condições de realizar melhorias habitacionais.

Quanto aos catadores de rua foi verificado que mais de 60% deles moram em casas alugadas ou cedidas, mas relatando também que as condições das casas não são boas. Esse dado evidencia que os catadores comprometem a renda familiar com pagamento de aluguel, a qual poderia ser revertido para outras finalidades, como educação, saúde, lazer e etc, caso possuíssem casa própria. Há que se ressaltar ainda, que, as situações de moradias cedidas, expressam uma particularidade do município de Maracanaú e evidencia condições vulneráveis de habitabilidade.

Cabe ressaltar que em Maracanaú há uma quantidade significativa de catadores que se encontram mais precarizados ainda e que moram nas ruas. A prefeitura não dispõe deste quantitativo, mas em contato com o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua-Centro POP do

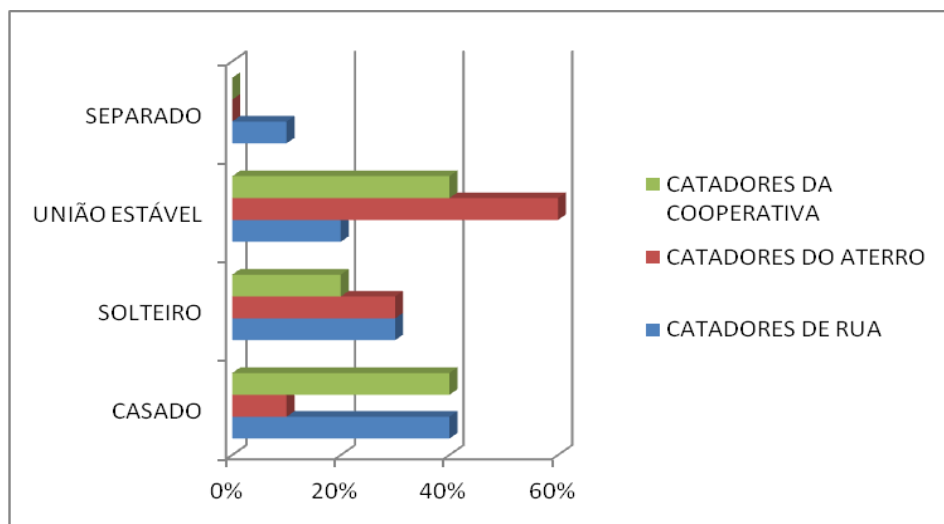
município, obtivemos a informação de que há um grande número de pessoas nessa situação exercendo a atividade de catador.

Foi possível constatar este dado também através da Coordenadoria de Habitação, onde muitos usuários procuram atendimento e, através das entrevistas identificou-se um número significativo de pessoas que exercem essa atividade e moram nas ruas.

Quanto ao estado civil e à situação familiar dos catadores (Cf.Gráfico 07), verificamos em nossa pesquisa que tanto os catadores de rua quanto os que trabalham informalmente no aterro são, em sua maioria, casados ou vivem em união estável e, um percentual de 80% deles possuem filhos, os quais, estudam, segundo os informantes, mas também auxiliam no trabalho com a catação.

É importante ressaltar, a partir dos dados apresentados no gráfico abaixo, a complexidade da situação familiar deste segmento, haja vista que é na família que se reflete toda a crise da sociedade e tudo que ocorre na sociedade reflete-se nela de forma intensa e significativa, pois, as relações conflituais também repercutem na sociedade, que é a estrutura social mais ampla.

Gráfico 07 - Percentual de estado civil de catadores por categoria



Fonte: Elaborado pela autora.

Ressalta-se ainda que, frente a essa realidade e ao rearranjo de mudanças na dinâmica da família, as dificuldades econômicas passam a exigir a participação de um número maior de membros da família na composição do

orçamento doméstico, e, na falta do pai provedor, a mãe e os filhos passam a ocupar a função mantenedora, situação bastante evidente entre os catadores do aterro sanitário, que devido à falta de fiscalização por parte da Prefeitura municipal, levam os filhos para trabalhar no local. Essa situação também foi revelada pelos entrevistados, conforme a fala abaixo:

[...] Esse pequeno sempre vem comigo mas ele num faz nada não, só fica o olhando. Só o mais velho que ajuda, o de 15 anos. Se ele num me ajudar não consigo encher o 'Bag' e não garanto o do dia. (ESMERALDA, 39 anos, trabalhadora do aterro sanitário.)

Sabe-se que é mediante ao agravamento do desemprego estrutural que afeta a sociedade capitalista, da barbárie oriunda das relações sociais de dominação de uma minoria que vive do trabalho alheio, ou seja, da maioria explorada, decorrente da questão social, que a família é cada vez mais responsabilizada pela sua condição, na medida em que se torna vulnerabilizada pelo desemprego, os seus membros são obrigados a criarem mecanismos que assegurem a sua sobrevivência dentro do sistema regido pelos ditames do capital.

Ressalta-se também que fatores como a precária situação socioeconômica dos catadores, conduzem o mantenedor – pai, mãe ou outro responsável – a jornadas extenuantes de trabalho, ao trabalho informal e, também provocam mudanças no interior da família e alteram as relações sociais. Acresce-se a isso o fato de que, o sistema capitalista através de sua dominação e dos processos de fragmentação do trabalho, impõe aos trabalhadores estas atividades degradantes.

Importante destacar, ainda, que no cotidiano das famílias da classe trabalhadora todo processo de precarização das condições de trabalho e de suas vidas reflete ainda na sua responsabilização para assumir as funções que anteriormente eram assumidas pelo Estado, como por exemplo, a função de proteção social.

Quanto à renda, 80% dos catadores do aterro declararam que conseguem ganhar até 40,00 por dia e contam com a ajuda de familiares para a realização desta tarefa chegando a apurar entre quinhentos a setecentos reais mensais.

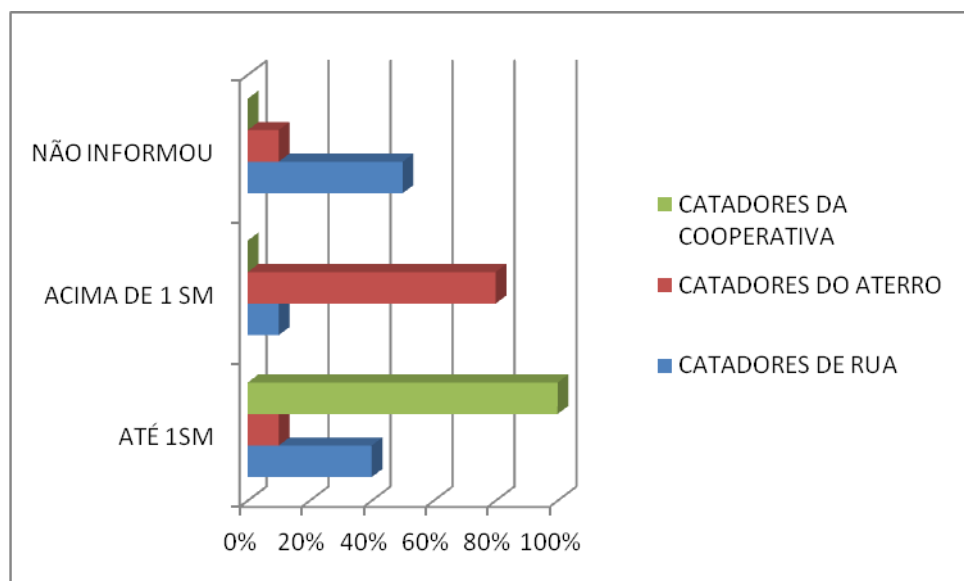
[...] Aqui num dá pra tirar muito não, por que pra encher uma sacola dessa a gente leva a manhã toda e cada sacola é vinte reais, e eu

num posso vim todo dia pra cá por que levo o pai pra fazer tratamento e os meninos pra escola. (ESMERALDA, 39 anos, trabalhadora do aterro sanitário).

A renda mensal dos cooperativados é de 01 salário mínimo, e estes, quando fazem hora extra, recebem um valor excedente, motivo pelo qual, anseiam por maiores doações de empresas para que possam aumentar sua renda. Já os catadores de rua não informaram o valor exato que ganham por mês, apenas afirmaram que ganham menos de um salário mínimo.

A pesquisa divulgada pela prefeitura de Maracanaú também apontou que as famílias apresentam uma renda significativamente baixa, onde 48,3% recebem acima de 500,00 e 25,9% recebem até R\$ 400,00; 24,1% recebem até 500,00. Estes dados podem ser visualizados no gráfico abaixo:

Gráfico 8- Percentual de renda de catadores por categoria



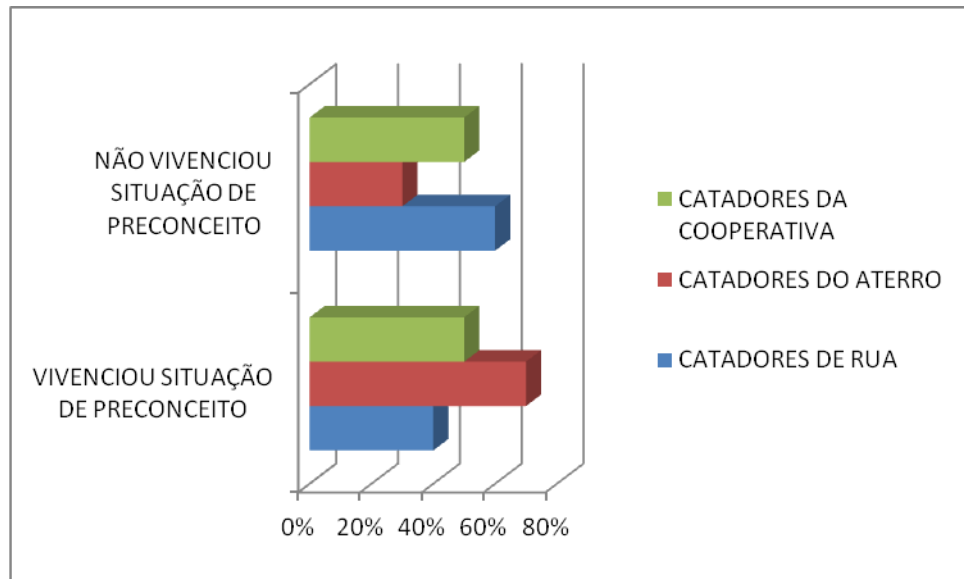
Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 02, abaixo apresenta a tabela de valores dos materiais informados pelos entrevistados, revelando o quanto são mínimas suas apropriações:

Quadro 2- Preços dos Materiais Recicláveis Praticados no Deposito do Bairro Acaracuzinho		
QUANTIDADE	DESCRIÇÃO	VALOR
Kg	PAPELÃO	R\$ 0,10
Kg	FERRO MISTO	R\$ 0,15
Kg	PAPEL BRANCO	R\$ 0,18
Kg	PAPEL MISTO	R\$ 0,17
Kg	PLASTICO	R\$ 0,50
Kg	PET	R\$ 0,50
Kg	JORNAL	R\$ 0,17
Kg	FILME MISTO	R\$ 0,30
Kg	FILME BRANCO	R\$ 0,50
Kg	PVC CANO	R\$ 0,70
Kg	PVC CADEIRA, MESA	R\$ 1,00
Kg	AÇO INOX	R\$ 0,00
Kg	ALUMÍNIO PANELA	R\$ 2,00
Kg	ALUMINIO LATINHA	R\$ 1,30
Kg	FERRO FUNDIDO	R\$ 1,30
Kg	COBRE	R\$ 8,50
Kg	MELISSA	R\$ 0,40
Kg	VIDRO CACO	R\$ 0,03

Fonte: Elaborado pela autora.

Em nossas entrevistas, outro elemento presente no discurso dos trabalhadores entrevistados que é a afirmação de que não sentem vergonha de trabalhar com o lixo e que não sofrem preconceito na comunidade em que vivem. Entretanto, ao mesmo tempo foi muito recorrente em algumas de suas falas a preocupação de que seus filhos tornem-se catadores, segundo eles, devido à dificuldade do trabalho. O gráfico abaixo apresenta dados referentes ao preconceito:

Gráfico 9 – Preconceito

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda em relação a preconceito, os catadores que trabalham nas ruas afirmaram ser vítimas em algumas situações, como se vê na fala do Catador Diamante, que diz “só o que tem...dos moradores. A gente vai pedir água as vezes não, às vezes fecha a porta, pensa que a gente vai é roubar”.

Sua fala revela que vivencia frequentemente situações discriminatórias. Inclusive, ao expor sobre tal assunto, o catador considera que é melhor catar lixo do que mexer no que é alheio, afirmando que prefere trabalhar como catador a estar em meio ao crime, como ocorreu com alguns de seus conhecidos.

Os catadores que trabalham na rua são constantemente vítimas de formas de preconceito e violência. Os catadores da cooperativa também, porém estão menos expostos do que os que trabalham de forma individual. Quanto aos catadores do aterro, segundo o relato catadora Rubi, é frequente as situações de violência e preconceito na comunidade em que moram.

[...]Aqui tem até briga de gangue, disputa do pessoal da Colônia e daqui do Mutirão, já teve até tiroteio. Eles quando vem catar aqui, marca o espaço deles e ai de quem mexer. Eu fico só num cantinho, é por isso que ganho pouco por que não pra pegar os melhores materiais.

5.4 A ERGONOMIA DO TRABALHO DOS CATADORES

Figura 15 – Catador separando material no Aterro



Fonte: Elaborado pela autora.

A figura acima representa um dos movimentos mais realizados pelos catadores em sua rotina de trabalho: o de agachar seja para catar ou para separar o material, no aterro ou nas ruas. No decorrer de nossa pesquisa, foi possível identificar que, tanto os catadores da cooperativa, quanto aqueles que atuam na informalidade, seja no aterro ou nas ruas de Maracanaú, estão expostos a diversos riscos⁵⁰ ergonômicos. Neste sentido, conseguimos visualizar através da observação direta do trabalho dos catadores, as técnicas por eles utilizadas em sua rotina laboral e consideramos importante, determo-nos a uma breve conceituação da ergonomia.

O termo ergonomia foi definido inicialmente como “estudo científico das relações entre o homem e seu ambiente de trabalho” (Murrell, 1975 apud Maciel, 2014), cabendo ressaltar que o termo ambiente de trabalho abrange também os equipamentos, métodos e técnicas utilizadas pelo trabalhador para realizar suas atividades. O referido termo deriva da junção de duas palavras: *ergos*, que significa trabalho e *nomos* (lei dos). (Grandjean, 1949 apud Maciel, 2014).

No Congresso Internacional de Ergonomia, 1969, o termo foi assim definido: “É o estudo científico da relação entre o homem e seus meios, métodos e espaço de trabalho.” Tem como objetivo elaborar um corpo de conhecimentos, através da contribuição de diversas disciplinas científicas que a compõem,

resultando numa melhor adaptação ao homem dos meios tecnológicos e dos ambientes de trabalho e de vida.

Com o passar dos anos a ergonomia foi evoluindo e ampliando o seu olhar para além de identificar causas no trabalho e nos ambientes de trabalho que geram desconfortos ao trabalhador. Passando a voltar sua atenção para aspectos do trabalho e do ambiente que, de forma isolada ou em conjunto, podem levar a desconfortos, doenças ou acidentes. Essa disciplina é importante por que passa olhar o trabalhador no centro da arena do trabalho, com uma visão de totalidade do trabalho real⁵¹.

De acordo com Wisner (2004), o que é mais peculiar na ergonomia, é que, assim como a psicologia, é que ela não deve apenas investigar as propriedades particulares do indivíduo, mas também tentar entender como ele utiliza tais propriedades em termos de sua história e como suas experiências são trazidas para a situação de trabalho.

O referido autor também chama a atenção para uma técnica utilizada por essa disciplina, que seria a Análise Ergonômica do Trabalho (AET), que busca entender a organização e as condições de trabalho, assim como propõe modificações no ambiente de trabalho, visando evitar ou minimizar fatores que possam interferir nas características psicofisiológicas do trabalhador, causando desconforto ou afetando sua saúde, desconfortos e acidentes.

Couto (1995), afirma que os riscos ergonômicos podem provocar distúrbios psicológicos e fisiológicos, gerando danos à saúde do trabalhador, haja vista que produzem alterações no organismo e estado emocional comprometendo sua produtividade, saúde e segurança, como por exemplo: cansaço físico, dores musculares, hipertensão arterial, alteração do sono, diabetes, doenças nervosas, gastrite, úlcera, tensão, ansiedade, problemas de coluna, etc.

Sobre os riscos relacionados à saúde constatou-se que nenhum dos catadores se refere às doenças como algo problemático no trabalho com o manejo do lixo, o que denota a dificuldade nas condições objetivas de existência, que os

⁵⁰ O termo risco é definido como “possibilidade real ou potencial capaz de causar lesão e/ou morte, danos ou perdas patrimoniais, interrupção de processo de produção ou de afetar a comunidade ou o meio ambiente” (OLIVEIRA, 2009, p. 148).

⁵¹ Há que se ressaltar aqui, a distância entre a tarefa (aquilo que é prescrito) e a atividade ou trabalho real, pois aquela é exterior ao trabalhador, aquilo que deve ser realizado, enquanto esta envolve a subjetividade do trabalhador, incluindo suas experiências, suas limitações e conhecimento sobre tal tarefa. (Maciel, 2014, p.164)

leva a aceitar o que está posto, caracterizando um processo de alienação, oriundo do trabalho explorado.

Para Marx (1964, p.160) essa alienação ocorre tanto na relação do trabalhador com o produto de seu trabalho, como na própria atividade produtiva, uma vez que o trabalho não pertence à natureza do trabalhador, sendo visto apenas como condição para que este sobreviva, ainda que minimamente. Por esse motivo, o trabalhador é obrigado a se adequar às suas condições de trabalho e se esgota, não se realizando de forma plena em suas capacidades mentais e físicas.

As autoras Dall’Agnol & Fernandes (2007), afirmam que o conceito de saúde na perspectiva dos catadores de lixo, está muito ligado a não contrair uma doença grave, como AIDS ou tuberculose. As doenças como, alergias, problemas respiratórios e dermatológicos ou problemas de colunas na visão deles não é doença, conforme postulam abaixo:

Ter saúde está muito vinculado à possibilidade de poder trabalhar, indiferentemente das condições que o trabalho ofereça. Essa concepção denuncia o quanto está distante a noção de salubridade que busca contemplar condições adequadas de trabalho e a separação do lixo, não apenas pelo caráter informal, mas principalmente pelos riscos que oferece, é legalmente considerada insalubre. (DALL’AGNOL & FERNANDES, 2007, p. 4).

Conforme avalia Gonçalves (2005), a situação de doença desses trabalhadores pode ser intensificada, “levando-se em consideração que muitos residem em habitações precárias, sem sistemas de abastecimento de água e de esgotamento sanitário, além de também estarem expostos à carência nutricional de álcool e de cigarro”. (p.97).

Tal afirmação aplica-se ao estudo em tela, pois todos os sujeitos ora pesquisados residem localidades desprovidas de infraestrutura urbana, acrescendo-se a isso o fato de que, suas rendas na maioria das vezes são insuficientes para a compra de alimentos e medicamentos necessários.

Visando orientar o trabalhador sobre os riscos ergonômicos, o Ministério do Trabalho, formulou uma norma regulamentadora a NR-17, que trata de Ergonomia, diz: “Todos os equipamentos que compõem o sistema de trabalho

devem estar adequados às características psico fisiológicas dos trabalhadores e à natureza do trabalho a ser executado.” (NR-17.4.1).

Essa norma também considera uma idade que define trabalhadores jovens e limita o tipo de trabalho que eles podem realizar; determina que quando os postos de trabalho puderem ser executados na posição sentada, deve-se adaptar o posto de trabalho; preocupa-se quanto a iluminação do local de trabalho; determina ainda que a empresa deve incluir um tempo de pausa para descanso.

Quanto aos catadores de rua, estes realizam seu trabalho geralmente sozinhos e com muita dificuldade, pois poucos contam com a ajuda da população da área, recebendo o material já separado. Esse percurso é trilhado pelos trabalhadores por diversas ruas de Maracanaú, empurrando o carrinho até que fique totalmente cheio, o que leva em média, pelo menos quatro horas, segundo os entrevistados.

Na observação da atividade, percebemos que estes trabalhadores levam muito tempo para catar o lixo das ruas, que apesar de muito diversificado, por não haver coleta seletiva, é misturado e os catadores demoram a separar o material e guardar no carrinho. Em algumas falas também foi recorrente o discurso de que no manejo com o lixo eles se machucam.

É importante ressaltar que os catadores não tem dia fixo para catar, mas, acabam realizando a atividade quase todos os dias, pois um dia sem trabalhar significa menos material e, conseqüentemente, menor renda, haja vista que os materiais são vendidos por um baixo preço, conforme revela a tabela abaixo, com valores informados pelos próprios catadores.

Acresce-se a isso o fato de que três dos nossos entrevistados, submetem-se ao valor pago pelos deposeiros, devido ao fato de que o carrinho utilizado não é próprio e eles não tem liberdade na comercialização do material. No que se refere aos catadores do aterro sanitário, identificamos uma parcela de trabalhadores que não sabem o preço dos materiais vendidos e recebem apenas 20,00 para encher o BAG⁵²(Cf.figura 17).

⁵² Esse termo é muito utilizado entre os catadores para denominar as grandes sacolas que encham de material.

Figura 16- BAG

Fonte: Elaborada pela autora.

Outro fator observado é que, o ambiente – as ruas – torna a rotina bem mais desgastante e cansativa, não tendo os catadores, uma organização de seu percurso para melhor aproveitamento do trabalho. No aterro a situação não é tão diferente, pois, além de terem que subir uma grande barreira para chegar ao local, os trabalhadores não dispõem de sombra e ficam a espera dos caminhões carregados de lixo para então começar o trabalho.

Dentre as dificuldades relatadas, destacamos também a divisão de espaço criada pelos próprios catadores no aterro. Os catadores mais ágeis coletam maior quantidade de material e jogam no “seu espaço”, marcado por cordas ou outros objetos para só depois iniciar a separação. Segundo relato dos entrevistados, aqueles que não respeitam esta determinação são ameaçados por outros catadores.

Quanto à rotina de trabalho na cooperativa, esta funciona de segunda a sexta-feira e as atividades iniciam às 07h00 e terminam às 17h00, com intervalos nos horários de 9h00 e 15h00. Os cooperativados costumam se deslocar de bicicleta até ao local de trabalho. Em relação à carga horária de trabalho dos cooperativados, é fixa, mas depende do volume de materiais. Embora preconizem uma carga horária de 08h/dia, as atividades são finalizadas quando terminados

todos os afazeres. Abaixo, apresentamos um registro da cooperativa, no momento da triagem do material na esteira:

Figura 17– Galpão de triagem – Cooperativa Coomvida



Fonte: Elaborada pela autora.

O espaço, um prédio com área de 800m², se torna quente devido a cobertura das telhas de amianto, mesmo com os vãos abertos. Foi cedido pelo Governo à Prefeitura de Maracanaú, que por sua vez, cedeu à cooperativa. Seus materiais permanentes são uma carregadeira, duas balanças eletrônicas (300 e 500 kg), duas esteiras transportadoras, quatro contêineres e duas prensas hidráulicas.

Possui também uma mesa; seis cadeiras; três microcomputadores com; uma impressora; uma cafeteira; um quadro de avisos; um armário; uma estante. Além disso, possui também um caminhão Mercedes de grande porte, poli guindaste para remover contêineres.

Nos dias com maior carga de trabalho, grandes quantidades de materiais, carregamento ou quando há reuniões finalizam após as 17h00 e aos sábados realizam a limpeza da cooperativa. Possuem autonomia para fazerem pequenas pausas durante a jornada, na sede da Cooperativa, quando se

alimentam é apenas com a repartição de lanches, pois no horário de almoço a maioria vai para suas casas. Aqueles que preferem almoçar na cooperativa já trazem o almoço de casa.

Os riscos ergonômicos identificados na organização do trabalho dos catadores são relacionados à divisão do trabalho, dentro da cooperativa e no próprio aterro, jornadas de trabalho extensas (no caso dos catadores informais, principalmente os que trabalham nas ruas, devido aos percursos realizados), ritmo acelerado, movimentos repetitivos, trabalho noturno, organização do espaço, esforço físico intenso (no caso dos catadores de rua, destacamos a sobrecarga, em termos de peso), trabalho em pé, levantamento manual de peso e posturas incorretas.

Os riscos são praticamente os mesmos nas duas formas de trabalho, com um diferencial para os que trabalham no aterro, que por estabelecerem seus horários chegam a trabalhar no horário noturno e para os catadores de rua que precisam se deslocar para obter maiores ganhos. Vale ressaltar que a atividade de catação também oferece riscos mecânicos e de acidente, tais como aqueles ligados à proteção das máquinas, ao espaço físico, a limpeza do ambiente de trabalho e a rotulagem de produtos (BRASIL, 2001; BRASIL, 2002).

5.5 A RELAÇÃO ENTRE ESTADO E CAPITAL: INTERFACES NO TRABALHO DOS CATADORES

“Estado Violência. Estado Hipocrisia. A lei não é minha. A lei que eu não queria [...]”

(Titãs)

No que tange à relação do Estado⁵³ com o trabalho do catador, parafraseando Mota (2002), podemos inferir que “ao fazê-lo também estas instituições se apropriam do trabalho do catador de lixo, integrando-os aos serviços

⁵³ Para Marx, seria por meio da sociedade civil, que se poderia compreender o surgimento do Estado, o seu caráter de classe, a natureza de suas leis, as representações sobre as quais ele se apoiaria. O Estado burguês, por exemplo, protegeria as relações capitalistas de produção, de forma a assegurar o domínio do capital sobre o trabalho, a reprodução ampliada do capital, a acumulação privada do produto social, a redistribuição do fundo público em benefício do capital. Seria, ao mesmo tempo, parte integrante das relações capitalistas de produção e instrumento de defesa das mesmas.

de limpeza urbana” (p. 10).

Dessa forma, a mediação do Estado, através do controle ambiental e das políticas urbanas, é um reflexo do que o Marx denominou de Estado burguês⁴², que se apoia sobre uma estrutura econômica que explora o catador e o aliena quanto a sua própria força de trabalho, pois “o trabalhador de rua materializa na sua atividade um trabalho duplamente explorado, pelas empresas de reciclagem e pelo próprio Estado” (MOTA, 2002, p. 19).

Nessa perspectiva, observa-se o papel histórico do Estado na relação capital x trabalho como garantidor das condições externas à acumulação capitalista, buscando manter a ordem, a segurança e a propriedade privada e, isso sempre dificultou aos trabalhadores uma consciência da sua função na sociedade capitalista, principalmente no que se refere aos nexos existentes entre a sua atividade e os lucros obtidos para o capital.

Segundo Engels (2002), esta instituição surgiu devido aos interesses econômicos da classe dominante, o que por intermédio deste, passa também a dominar politicamente a classe trabalhadora que se encontra em situação adversa, explorando-a, pois o Estado.

Fazendo um recorte dessa condição adversa dos trabalhadores, convém destacar o período correspondente à segunda metade do século XVIII, quando o capitalismo entra em sua fase concorrencial, o que perdura até o último terço do século XIX, momento em que se intensifica o processo de lutas de classes com raízes na contradição entre a burguesia e o proletariado.

Nesse cenário em que os trabalhadores encontravam-se em condições precárias, estes foram impulsionados a se organizarem, gerando a ascensão do movimento proletariado, que por sua vez, os capitalistas tentaram conter, através de repressão e novas técnicas de produção como forma de ameaça ao trabalhador. E, foi nesse ambiente de dominação, que foram criadas instituições sociais, através das quais, objetiva-se reproduzir as relações capitalistas de exploração.

Através de tais instituições o Estado legitima às práticas capitalistas e controla as tensões sociais, facilitando as relações entre capital e trabalho, tal como adverte Engels, quando define que o “Estado moderno é o instrumento que se serve o capital para explorar o trabalho assalariado”. Nesse ínterim, evidencia-se que o Estado é um aliado do capital, sobretudo na gestão de suas crises, como postula Mandel (1985, p.340):

[...] a 'administração das crises' é uma função tão vital do Estado na sua fase tardia do capitalismo quando sua responsabilidade por um volume enorme de 'condições gerais de produção' ou quando seus esforços para assegurar uma valorização mais rápida do capital excedente. Economicamente falando, essa 'administração das crises' inclui todo um arsenal das políticas governamentais anticíclicas, cujo objetivo é evitar, ou pelo menos adiar tanto quanto possível, o retorno de quedas bruscas e catastróficas como a de 1929 e 1932. Socialmente falando, ela envolve esforço permanente para impedir à crise cada vez mais grave das relações de produção capitalistas por meio de um ataque sistemático a consciência de classe do proletariado.

Em meio a esse arsenal de políticas governamentais anticíclicas das quais trata o autor, o Estado se responsabiliza pelo equilíbrio na dinâmica do processo de organização do trabalho, que vai desde a sua gênese até os dias atuais, principalmente quando as contradições do Capital geram o aprofundamento da questão social e a produção de novas contradições como a questão ecológica.

Portanto, cabe notar que, em se tratando de tal questão ecológica, o Estado capitalista, através das instituições urbanas públicas, media o processo de produção de mercadorias, que é velado pelo discurso da preservação ambiental ou da política social.

Suas políticas são ideologicamente incrustadas na consciência do trabalhador; garantindo as possibilidades de manutenção do sistema, apresentando-se como garantidor da ordem e da paz social, do equilíbrio do sistema, mediando os conflitos e contradições da relação capital x trabalho.

Relevante mencionar ainda, o sistema de leis criado pelo Estado que garante proteção social e outras formas de proteção a trabalhadores formalmente contratados, o que não é o caso dos catadores de materiais recicláveis que trabalham na rua, que vítimas das expressões da questão social, sofrem a total ausência de tais benefícios.

De acordo com Mota (2002, p.19) esses trabalhadores "estão integrados ao circuito mercantil e produtivo, mas apartados das condições sociais que lhes assegurem os meios de proteção legais e institucionais relacionados ao seu estatuto de trabalhador". Ou seja, o catador fornece sua força de trabalho que é apropriada pelas indústrias de reciclagem e pelo Estado, mas não estão sendo devidamente recompensados por isso.

Os catadores do município de Maracanaú, assim como os demais que trabalham nos segmentos informais, são alvo das estratégias para a manutenção do poder pelo sistema capitalista com a mediação do Estado, e, em sua maioria

perdem sua identificação de classe como trabalhador, devido à flexibilização das relações de trabalho e a responsabilização do trabalhador pelo seu (des) emprego.

Não deixa Mota (2002) de admitir que, esses trabalhadores na informalidade seguem às regras do mercado e do Estado, mesmo não estando vinculados diretamente a nenhum dos dois. Assim, os catadores que trabalham no aterro, por exemplo, acabam por identificar-se como autônomos, empreendedores, etc., conforme percebemos na fala de RUBI:

Pesquisadora: - O Sr. Se considera um trabalhador autônomo?

Entrevistada: - *É sim aqui num tem ninguém mandando em nós nem enrolando não, eu trabalho pra mim e faço meu horário.*

Pesquisadora:- Mais e o Sr. Vende pra quem?

Entrevistada: - *Eu vendo pro Seu Manoel, que vem comprar aqui, passo tudo pra ele.*

Pesquisadora: - E o Sr. Sabe por quanto o Seu Manoel vende e pra quem ele vende o material que o Sr. Passa para ele?

Entrevistada: - *Não. Ele vende pras firmas.*

No entanto, o que se percebe é que mesmo sob o discurso da autonomia e liberdade, se mantêm a subordinação do trabalho, pois mesmo sendo autônomo ou inserido no setor informal, o catador de lixo está vinculado ao mercado e à lógica do capital, participando ainda, do processo de limpeza urbana gerenciado pelo Estado, sem obter as devidas garantias deste.

No caso dos catadores do aterro, estes tem de trabalhar para catadores mais antigos em troca de valores irrisórios, por não terem poder de barganha, assim como os que trabalham nas ruas e não possuem carrinhos e, por conseguinte, não tem liberdade na comercialização dos materiais.

No que se refere à reciclagem, Figueiredo (2012, p.1) afirma que esta é mediada pelas condições sociais e pela decisiva ação do Estado, que visa satisfazer majoritariamente aos interesses econômicos das grandes empresas, deixando-se em segundo plano a contribuição ambiental. Segundo o referido autor o discurso a favor da reciclagem perde a relevância, haja vista que há uma priorização do fator econômico em detrimento do ambiental.

“Recicla-se o que é mais rentável no mercado nacional, e principalmente no mercado internacional da reciclagem. O discurso ambiental oficial e empresarial em prol da reciclagem perde relevância já que o fundamento

desse discurso é o econômico, em detrimento do ambiental". (p.1).

Em Maracanaú, muitas indústrias se beneficiam do trabalho dos catadores e algumas até realizam ações pontuais com esse público apostando na responsabilidade social. Mas o interesse do Estado e das indústrias pelos catadores e pela atividade de reciclagem não traduz somente a formação de uma consciência de preservação ecológica. Inclui-se aí, também interesses econômicos, haja vista que, a reciclagem tanto gera lucro e economia para as empresas como para o Estado.

Analisando a Lei 12.305/2010, percebe-se que sua proposta envolve a necessidade de incluir esses trabalhadores socialmente no processo de gestão de resíduos sólidos⁵⁴, através do incentivo à criação de cooperativas⁵⁵ de trabalho. Nesse contexto as cooperativas e associações emergem como alternativas de sobrevivência dos explorados no mundo do trabalho, para gerar renda, criando, ao mesmo tempo, o fortalecimento dos valores dos trabalhadores, como por exemplo, a autonomia, a cooperação e organização.⁵⁶

Em Maracanaú, a prefeitura municipal tem conhecimento e assessora apenas a cooperativa Coomvida, para a qual repassa por mês o valor de 12.500,00 para a manutenção dos equipamentos e pagamento de água, luz e segurança, que é realizada por uma empresa terceirizada.

A cooperativa COOMVIDA foi criada em 01 de julho de 2003, com apoio do Governo do Estado e da Cáritas Arquidiocesana, tendo atribuição de operar e gerenciar a Unidade de Triagem e Beneficiamento de Resíduos – UTBR, anexa ao Aterro Sanitário Metropolitano Sul, em Maracanaú.

Em março de 2008, devido à municipalização do aterro, a Prefeitura de Maracanaú passou a se responsabilizar legalmente pela área e pela situação dos catadores no aterro, onde se iniciou um trabalho de recuperação da estrutura física

⁵⁴ Art. 8º São instrumentos da Política Nacional de Resíduos Sólidos, entre outros: [...] IV - o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis; Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.html

⁵⁵ A legislação que apoia a formação do cooperativismo já se encontrava no artigo 174 da Constituição Federal. Par.2º - Lei 5.764/71 que surge, buscando reverter o quadro de desemprego e reunir os trabalhadores com o fim de fazer uma conexão entre o mercado e o trabalhador.

⁵⁶ Mészáros, (2002), concorda que as cooperativas e associações de trabalhadores são experiências práticas de auto-organização dos trabalhadores, mas acrescenta que estas podem ser potencializadas numa conjuntura de transformação social que tenha em vista a transcendência do trabalho alienado.

da usina e de capacitação dos catadores para operá-la em regime de cooperativa.

Maracanaú conta com a atuação de alguns importantes órgãos ambientais: A Superintendência Estadual do Meio Ambiente - Ceará - SEMACE – compõe o Sistema Nacional de Meio Ambiente na função de órgão Seccional do Estado do Ceará.

Tem por finalidade: Executar a Política Estadual de Controle Ambiental do Ceará; Estabelecer os padrões de qualidade ambiental; Exercer o controle das fontes de poluição, de forma a garantir o cumprimento dos padrões de emissão estabelecidos; Adotar as necessárias medidas de preservação e conservação de recursos ambientais, entre outras funções.

A SEMAM - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Controle Urbano foi criada em 26 de dezembro de 2005, através da Lei 986/05 com a finalidade formular normas e diretrizes, planos, programas e projetos, coordenação, implementação, supervisão, acompanhamento e avaliação da política local de saneamento básico e meio ambiente, compatibilizando-os com as políticas dos governos estadual e federal. Além de executar o controle urbano para o racional desenvolvimento do Município, realizar o planejamento e articulação intersetorial com as demais Secretarias Municipais.

A gestão dos resíduos sólidos urbanos em Maracanaú está sob a responsabilidade administrativa da Secretaria Municipal de Infraestrutura e Controle Urbano. Esta secretaria, através da Coordenadoria de Limpeza Urbana, planeja, coordena e fiscaliza a execução do sistema de limpeza urbana do Município. O sistema é operado por empresas contratadas pela Prefeitura Municipal. Atualmente existem três contratos de execução dos serviços de limpeza urbana.

A empresa WF Projetos, Cálculos e Construções LTDA realiza a coleta dos resíduos domiciliares e comerciais, bem como dos resíduos de serviços de saúde (RSS); a Marquise é responsável pelos serviços de capina, varrição e pintura de meio fio; a coleta de resíduos da construção civil e da poda de árvores em logradouros públicos são executadas pela empresa Trena Construções e Serviços LTDA.

A disposição final dos resíduos sólidos em Maracanaú é feita no aterro sanitário do município (figuras 6.21 e 6.22). Este recebe o lixo do próprio município,

de Maranguape, município vizinho, e de algumas empresas da Região Metropolitana de Fortaleza.

O Aterro Sanitário Metropolitano Sul fica situado no bairro Alto da Mangueira, próximo ao Mutirão Vida Nova, onde moram os catadores que lá trabalham. Funciona desde agosto de 1997 e possui uma área total de 89,29 ha, sendo 18,30 ha destinados a uma área de preservação e o restante, 70,99 ha, compreende a sua área útil.

A localização do Aterro Sanitário próximo à comunidade Vida Nova e distante dos demais bairros contribui para a invisibilidade dos trabalhadores que recorrem ao lixo para obter o sustento de sua família. O aterro também representa um meio de vida para muitos catadores que todos os dias vasculham o lixo em busca de alimentos e algum material que pudesse ser aproveitado. A seguir, apresentamos o registro do Aterro Sanitário:

Figura 18 – Aterro Sanitário



Fonte: Elaborada pela autora.

Vale ressaltar que a localização distante do Aterro Sanitário⁵⁷, contribui ainda para que crianças exerçam a atividade de catação, juntamente com adultos,

⁵⁷ As informações sobre o Aterro Sanitário Metropolitano Sul serão explicitadas no decorrer deste trabalho.

trazendo à tona a questão do trabalho infantil⁵⁸, expondo as crianças e adolescentes a diversas situações de violações de direito.

Segundo os trabalhadores entrevistados, o poder público tem conhecimento do trabalho infanto-juvenil no local, mas nunca tomou nenhuma medida. Essa condição causa grandes impactos na infância e adolescência, comprometendo o futuro e mantendo o ciclo de exploração que pode ser constatado no relato dos catadores entrevistados, já que a grande maioria nunca teve outra atividade que não fosse a catação de lixo.

O município procura atender a um dos objetivos da Política Nacional de Resíduos Sólidos que é a “inclusão” social do catador através do trabalho, já que fomentou a instituição da cooperativa Coomvida desde 2003 e até hoje apoia financeiramente.

A Lei referida confere competência aos Municípios para a gestão integrada dos Resíduos Sólidos⁵⁹ e, a partir de sua implementação, prevê a integração dos catadores de materiais recicláveis nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos, visando a “inclusão” desses trabalhadores, que devem vincular-se a cooperativas ou associações para se tornarem alvo das políticas.

Entretanto essa não é a realidade dos catadores de rua, os quais, por sua vez, não são alvo de nenhuma ação do o município que sequer possui quantitativo oficial deste segmento. Segundo informações da gestão de resíduos sólidos de Maracanaú, por várias vezes já intentou-se a inclusão dos catadores do aterro sanitário nos serviços de capina, varrição, pintura de meio fio, coleta de resíduos do município, mas estes optam por não realizar estes serviços alegando que no aterro ganham muito mais.

A ação dos órgãos de controle ambiental e de limpeza urbana em Maracanaú, assim como nas diversas cidades do Ceará, volta-se para a promoção

⁵⁸ Para Lima (2001), corresponde a criança ou adolescente pertencente a famílias pobres, que deixam de estudar e de brincar devido ao trabalho precoce para ajudar a complementar a renda da família.

⁵⁹ O Art. 10 da citada Lei dispõe o seguinte: “Incumbe ao Distrito Federal e aos Municípios a gestão integrada dos resíduos sólidos gerados nos respectivos territórios, sem prejuízo das competências de controle e fiscalização dos órgãos federais e estaduais do Sisnama, do SNVS e do Suasa, bem como da responsabilidade do gerador pelo gerenciamento de resíduos, consoante o estabelecido nesta Lei”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm.

de programas destinados ao tratamento do lixo urbano metropolitano com ênfase na coleta seletiva de resíduos sólidos, que visa à diminuição da quantidade de lixo encaminhado ao aterro. O município não implantou a coleta seletiva e essa é uma das maiores dificuldades apontadas no trabalho dos nossos interlocutores.

Fazendo uma comparação do trabalho dos catadores da cooperativa e dos que atuam na informalidade, percebemos que, de uma maneira geral, a questão ambiental em si e as próprias condições de trabalho do catador são fatores secundários, haja vista que, o Estado, através do discurso da inclusão social, promove e fomenta a capacitação dos trabalhadores visando uma profissionalização destes, no sentido de contribuir para o processo de organização do trabalho.

Porém, o que se percebe no trabalho dos catadores cooperados é que essa profissionalização só influencia na qualidade da mercadoria que será fornecida a indústria de reciclagem e não nas condições de trabalho, saúde e ate mesmo na lógica destrutiva da produção de mercadorias, pois, dentro da cooperativa os catadores nem sempre utilizam EPI's ou trabalham em condições dignas.

É importante fazer também uma leitura da própria Política Nacional de Resíduos Sólidos a partir de seus objetivos transparece uma preocupação do Estado em resolver um problema social e a questão dos resíduos, porém beneficiam muito mais as empresas de reciclagem que lucram com o material vendido pelos catadores do que os próprios trabalhadores estão na linha de frente do processo de reciclagem.

Nesse íterim, verifica-se o papel do Estado na relação capital-trabalho, que atua garantindo o equilíbrio do sistema, através da mediação dos conflitos de classe e dos lucros do capital. A vista disso confirma-se o pensamento marxista acerca do Estado moderno, quando afirma que este é um comitê para os negócios da burguesia (MARX; ENGELS, 2001, p. 27).

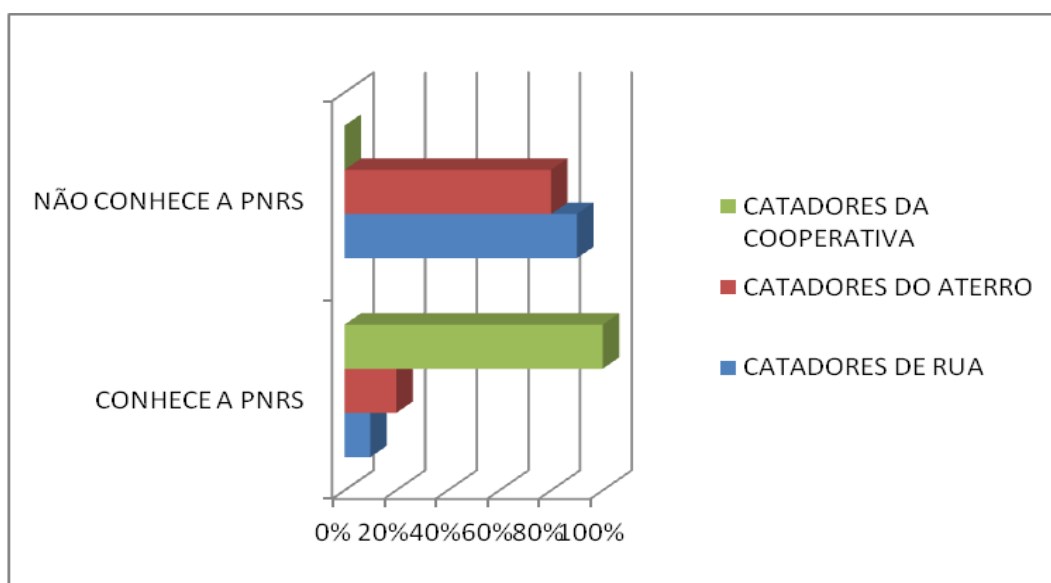
É oportuno, assim, destacar que, considerando o conjunto de problemáticas acima exposto, a participação do Estado no processo de organização dos catadores de materiais recicláveis se dá de forma a proporcionar o atendimento das exigências da empresas para com a qualidade dos materiais vendidos, já que a 'inclusão' através do trabalho visa a capacitação dos

trabalhadores para a seleção adequada do material e não a melhoria das suas condições de vida e de trabalho.

Uma das maiores vantagens de ser vinculado à cooperativa sem dúvida é o acesso à informação, pois conforme ilustrado no gráfico 10, todos os cooperados sabem do que se trata a Lei 12.305/10, devido às capacitações que participam.

Em se tratando da realidade estudada, os catadores informais entrevistados, em sua maioria, sequer conhecem a Política de Resíduos Sólidos, conforme ilustra o gráfico abaixo:

Gráfico 10 – Conhecimento sobre a PNRS



Fonte: Elaborada pela autora.

Alguns catadores que trabalham o aterro só tem conhecimento da Política por que os cooperativados, como forma de convencê-los a se juntar a eles, dizem que a política vai obrigá-los a sair do aterro e que eles não terão escolha e logo terão que trabalhar na cooperativa ou morrerão de fome.

Os catadores de rua em sua maioria não conhecem nem a política, nem a cooperativa ou alguma ação que a prefeitura tenha realizado junto a esse grupo, conforme o diálogo a seguir:

Pesquisadora: - O Sr. Já ouviu falar na Política Nacional de Resíduos Sólidos, uma política pra melhorar o trabalho de vocês?

Entrevistado: - *Política? Já ouvi falar faz tempo, mais nunca saiu não.*

Pesquisadora: -E o Sr. Conhece a cooperativa daqui de Maracanaú?

Entrevistado: *-Não conheço não*

Pesquisadora: -A prefeitura realiza alguma ação de melhoria do trabalho de vocês ou apoio?

Entrevistado: *-Não, já trabalhei varrendo pela prefeitura mas num gosto não. Prefiro catar.*

Figura 19 – Catadores trabalhando no Aterro Sanitário



Fonte: Elaborada pela autora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, identificamos a pluralidade da ocupação do catador de material reciclável e as particularidades a que cada grupo deste segmento está submetido. Os catadores de Maracanaú formam um grupo relativamente heterogêneo, não só quanto às situações de trabalho (isolados, organizados, em aterros ou nas ruas), mas também no que se refere às atividades exercidas antes da catação. Independente dos motivos que os levaram a tornarem-se catadores sejam eles por expulsão do mercado formal de trabalho ou o não acesso a ele, todos desembocam no cerne da discussão desta pesquisa: as contradições de modo de produção capitalistas e suas inflexões no trabalho.

A observação de campo e o contato com os catadores durante o percurso da pesquisa, assim como o contato informal durante as visitas e a análise documental, contribuíram para a compreensão de que os catadores que trabalham no aterro sanitário, não optaram por não se associar à cooperativa. Eles apenas não encontram perspectivas de melhores rendimentos se tornando cooperados, por isso submetem-se às condições precárias de trabalhar no aterro. Suas condições de trabalho revelam que o mercado do lixo não é excludente e absorve até os mais velhos.

Porém os ganhos são mínimos e vão depender, no caso dos catadores do aterro, principalmente da disposição, saúde e energia para encarar mais de 12 horas de trabalho. Já no caso dos catadores de rua, seus ganhos irão depender da quantidade de ruas que conseguem percorrer, fator que demonstra o quão perversa é a realidade de quem trabalha com o lixo, pois, além do esforço físico que se despende para vasculhar sacolas de lixo e empurrar o carrinho, que só para quando já está lotado, há o fato de ter que se deslocar por vários locais.

Quanto aos catadores da cooperativa, observamos que suas condições de trabalho são um pouco melhores que dos que catam nas ruas e no aterro, pois há o ponto fixo de trabalho, salário fixo e horário comercial, além do acesso à informação e capacitações. Entretanto, os catadores também trabalham em condições insalubres não utilizam equipamentos de segurança individual, assim como o valor recebido é bem inferior ao que os catadores que atuam na informalidade recebem.

Foi possível também identificar aspectos das relações de trabalho, tais

como as regras informais e hierarquia a que estes trabalhadores estão submetidos. Essa hierarquia é condição para que dentro dessa lógica de exploração, onde o lixo possui valor de uso e valor de troca, os catadores mais antigos⁶⁰ obtenham algumas vantagens na comercialização dos materiais que chegam diariamente ao aterro.

Em suas falas, os trabalhadores denotaram certa resistência em se organizar, pois era constante o discurso de que trabalhando sozinho e fazendo seus horários, era possível obter uma renda maior com a atividade. Acreditam que quanto mais esforços individuais mais chances de atingir seus objetivos.

A Prefeitura de Maracanaú acompanha os catadores da cooperativa, desenvolvendo um trabalho de assessoramento e possui convênio formalizado, através do qual é possível repasse de verba. Os catadores de rua, por sua vez, continuam a trabalhar sozinhos, vítimas de preconceito e exploração por parte dos deposeiros.

Os que trabalham no aterro também são explorados e, talvez até “mais esquecidos” já que seu ponto de trabalho é distante dos outros bairros de Maracanaú, não possuindo sequer transporte público nas proximidades. É visível que o número de catadores tem crescido bastante em Maracanaú, mas apesar disso não há um diagnóstico dessa população no município e, não existe nenhuma ação prevista para os catadores que trabalham nas ruas, apenas a promessa de que a Política Nacional de Resíduos Sólidos seja efetivada.

O catador não é um personagem novo, mas tem despertado o interesse de pesquisadores e da mídia, devido à desigualdade social e à produção exagerada de lixo, características próprias da sociedade capitalista. Mas apesar disso, o que se observa é que estes trabalhadores continuam sendo negados pela sociedade e sua condição, não mudou mesmo com toda ênfase conferida à questão ambiental nos últimos anos.

Estudar os catadores de lixo em todas as suas dimensões, nos leva há um constante crescimento do conhecimento da realidade objetiva minada, pela questão social atual, com isso, abrimos possibilidade de se realizar ações que visem contribuir para uma transformação da realidade posta ao conjunto desses

⁶⁰ Foi possível conversar com 04 catadores, os quais estão há mais de 10 anos trabalhando no Aterro e, devido ao tempo de experiência, estes trabalhadores pagam aos catadores que

trabalhadores.

Com o presente estudo tratamos de um tema relevante e atual cujos questionamentos não se esgotam aqui, o que nos leva a pensar em outras pesquisas nas quais possamos desdobrar o objeto que esteve em foco, no sentido de aprofundá-lo, com efeito.

iniciaram depois deles no Aterro, um preço mais barato pelo material separado e os vendem aos deposeiros, que recolhem o material no próprio local.

Figura 20 – Rampa de lixo do Aterro Sanitário



Fonte: Elaborada pela autora.

REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 10004: Resíduos sólidos classificação, set. 1987.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? : Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 6. ed. Campinas, SP: Cortez, 1995.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial; 2000.

ARAÚJO, Liana Brito de C. **A questão do método em Marx e Lúkács. O desafio da reprodução ideal de um processo real**. MENEZES, In: Ana Maria Dorta de (Org.). Trabalho, sociabilidade e educação: uma crítica à ordem do capital – Fortaleza: Editora UFC, 2003. P.369.

BARROCO, Maria Lucia Silva. **Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos**.5°. Ed. São Paulo, Cortez: 2007.

BAUMAN, Zygmunt, *Confiança e Medo na Cidade*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. pp 13-51.

BANDEIRA, L.; BATISTA, A. S. **Preconceito e discriminação como de violência**. Rev. Estud. Fem. Florianópolis, v. 10 n. 1, 2002.em<
<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 01 set. 2010.

BLOCH, D. **Criança, catador, cidadão: experiência de gestão participativa do lixo urbano**. Brasília: UNICEF, 1999.

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. Vigilância ambiental em saúde. Brasília: Funasa, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

CATANI, Afrânio Mendes. **O Que é Capitalismo**. 30 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. Coleção Primeiros Passos.

CBO. Classificação brasileira de ocupações. Disponível em:
<<http://www.mtecbo.gov.br>> Acesso em: 01 mar. 2012.

CERTEAU, Michel e GIARD, Luce: **A invenção do Cotidiano: 2. Morar e Cozinhar**, Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1996.

COELHO, Diego Bonaldo e GODOY, Arilda Schmidt. **De catadores de rua a recicladores cooperados: um estudo de caso sobre empreendimentos solidários**. Rev. De Adm. Púb. Rio de Janeiro, 2011, vol.45, n.3, pp. 721-749. Disponível em< <http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 05 jul. 2012.

COUTO, Hudson de A. Ergonomia aplicada ao trabalho: manual técnico da

máquina humana. Belo Horizonte: Ergo, 1995.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1996.p.51-66.

CUNHA, G.C. **Dimensões da luta política nas práticas de economia solidária**. In:

SOUZA, A.R.; CUNHA, G.C.; DAKUZAKU, R.y. (Org.). Uma outra economia é possível. São Paulo: Contexto, 2003.

DALL'AGNOL, Clarice Maria; FERNANDES, Fernanda dos Santos. **Saúde e autocuidado entre catadores de lixo: vivências no trabalho em uma cooperativa de lixo reciclável**. Revista latino-americana de Enfermagem. setembro-outubro; 15 (número especial), 2007.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**, 1876. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores. Rocketdition de 1999 a partir de HTML em WWW. Jah.org acessado em 16/02/2011.

EIGENHEER, Emílio Maciel. **Lixo, Vanitas e Morte**. Niterói: EdUFF, 2003.
FALCÃO, Maria do Carmo; NETTO, José Paulo. **Cotidiano conhecimento e crítica**. 2ª Ed. São Paulo, Cortez, 1989.

FALEIROS, V. de P. Serviço Social: questões presentes para o futuro. **Serviço Social & Sociedade**, nº 50, Ano XVII, São Paulo: Cortez, Abril, 1996. P.09-39.

FOLADORI, Guillermo. *A crise ambiental e o capitalismo*. In: Revista Raízes. Ano XXVIII. n 19, maio/1999. Publicação da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul (SP).

_____. *Limites do desenvolvimento sustentável*. São Paulo: UNICAMP, 2001.

GONÇALVES, Raquel de Souza. **Catadores de materiais recicláveis: Trajetórias de vida, trabalho e saúde**. Dissertação (Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca-FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Catadores de materiais recicláveis: trabalhadores fundamentais na cadeia de reciclagem do país**. In: Revista serviço social & sociedade. Ano XXVI. N.82, São Paulo, Cortez, 2005.

GONÇALVES, Rúbia Cristina Martins. **A voz dos catadores de lixo em sua luta Pela sobrevivência**. Dissertação (Mestrado). Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará, 2005.

GONÇALVES, Ruth Maria de Paula. **A catação de lixo como (de)formação da criança como ser social**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará, 2006.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas. In:_____ Metodologias Qualitativas na Sociologia. 2. Ed. Petropolis. Rio de Janeiro, Vozes, 1990. (p. 55-92)

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura. **Mais que sobras e sobranes: trajetórias de sujeitos no lixo**. Tese (Doutorado em Saúde Pública) Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/FIOCRUZ. 2004.

LEFF, Henrique. *Epistemologia ambiental*. Tradução de Sandra Valenzuela; Revisão técnica de Paulo Freire Vieira. 4 ed.rev. São Paulo: Cortez, 2007.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Áti1991.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007.

LESSA, Sérgio. *Introdução à filosofia de Marx*. São Paulo. Ed. Expressão Popular, 2008.

LUKÁCS, G. In.: **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Temas de Ciências Humanas. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas Ltda., 1978.

LUKÁCS, György. “**As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**”. In COUTINHO, C. N.; NETTO, J. P. (Org.). O jovem Marx e outros escritos de filosofia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

LUDKE, M & ANDRÉ, M.E.D.A. *A pesquisa na educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARACANAÚ. **Diagnóstico Social do Município de Maracanaú**: mapeamento preliminar das vulnerabilidades e riscos pessoais, 2012.

_____. Secretaria de Assistência Social de Maracanaú. **Relatório de gestão**, 2006

MAGERA, Márcio. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. 2ª ed. São Paulo: Átomo, 2005.

MARX, Karl, **A Ideologia Alemã**. Tradução de Bruni, José Carlos e Nogueira, Marco Aurélio. Livraria e Editora Ciências Humanas. São Paulo, 1982.

MARX, KARL. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições, 1964.

MARX, K. **O capital**, Livro I, capítulo VI (inédito). São Paulo: Editora da USP-Ciências Humanas, 1978.

MARX, Karl. *O Capital*, Vol. 1/1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

MEDEIROS, Luiza Ferreira de Rezende; MACEDO, Kátia Barbosa. **Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. v. 3, n. 2 Disponível em <<http://www.rbgdr.net>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

MEIRELES, Gustavo Fernandes. **Entre refugos precarizantes e refugos precarizados: precarização e catação de materiais recicláveis em Fortaleza**. Fortaleza, 2009.

MÉSZÁROS, I. A necessidade do controle social. São Paulo: Ensaio, 1987.

MÉSZÁROS, I. A teoria da alienação em Marx. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MORRONE, C. F.; MENDES, A. M. A **Resignificação do sofrimento no trabalho informal**. Revista Psicologia Organizações e Trabalho, Florianópolis, v. 3, n.2, p. 91-118, 2003

MINC, Carlos. *Trabalho*. In: TRIGUEIRO, André (coord). **Meio ambiente no Século 21: especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MNCR – Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Sítio virtual oficial do movimento. Disponível em: < <http://www.movimentodoscataadores.org.br> >. Acesso em: 17/10/11.

OLIVEIRA, Cláudio Antonio Dias de. **Riscos ambientais e riscos físicos**. In: Manual Prático de Saúde e Segurança do Trabalho. São Caetano do Sul: Yendis, 2009.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e fundamentos**. 8.ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PORTO, Marcelo Firpo de Souza ; JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura; GONÇALVES, Raquel de Souza; FILHOTE, Maria Izabel de Freitas. **Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro**, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE E SERVIÇOS URBANOS e INSTITUTO MUNICIPAL DE PESQUISAS, ADMINISTRAÇÃO E RECURSOS HUMANOS. **Diagnóstico da situação socioeconômica e cultural do(a) catador(a) de materiais recicláveis de Fortaleza-CE**. Fortaleza, 2006.

ROMANSINI, Sandra Regina Medeiros. **O catador de resíduos sólidos recicláveis no Contexto da sociedade moderna**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2005.

SANTOS, R. S. **A expansão urbana de Maracanaú: uma análise cartográfica – 1970 a 1998**. Dissertação (Mestrado em Geografia), UECE, Fortaleza, 1998.

SCHWARTZ, I. DURRIVE, L. Trabalho & Ergologia. **Conversas sobre a atividade humana**. Editora da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

SINGER, P. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. Petrópolis: Vozes, 1998a.

SILVA, J. B. **A região metropolitana de Fortaleza**. In: _____; CAVALCANTE, T.; DANTAS, E. (Org.). Ceará: um novo olhar geográfico. 1 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005, p. 101-124.

_____. **Economia solidária: um modo de produção e distribuição**. In: SINGER, P.; SOUZA, A.R. (Org.). A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

SISINNO, C. L. S. & OLIVEIRA, R. M. **Resíduos sólidos, ambiente e saúde: uma visão multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 2000.

SWEEZY, Paul Marlor. *Teoria do desenvolvimento capitalista: princípios de economia política marxista*. 2 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1986

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Sistema de Bibliotecas. **Guia de Normalização de Trabalhos Acadêmicos/Sistema de Bibliotecas**. Fortaleza, CE, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Estadual do Ceará – UECE
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – ProPGPq
Centro de Estudos Sociais Aplicados – CESA
Curso de Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Em duas vias, sendo uma para o sujeito da pesquisa)

Eu, _____,
do sexo _____, de _____ anos de idade, residente
_____, declaro ter sido
informado e estar devidamente esclarecido sobre os objetivos e intenções deste estudo, sobre
as técnicas a que estarei sendo submetido, sei que este estudo não oferece nenhum risco ou
prejuízo para o participante. Recebi garantias de total sigilo e de obter esclarecimentos
sempre que o desejar. Fui informado também que será utilizado como instrumento de
pesquisa o gravador eletrônico, filmadora, máquina fotográfica e a observação de campo não
participante, a qual o pesquisador ficará observando o cotidiano do catador e anotando em
relatório específico. As imagens poderão ser divulgadas na apresentação deste trabalho como
enriquecimento da pesquisa. Sei que minha participação está isenta de despesas. Concordo
em participar voluntariamente deste estudo e sei que posso retirar meu consentimento a
qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou perda de qualquer benefício.

Assinatura do sujeito de pesquisa

Maracanaú (CE) ____/____/____

Pesquisador responsável

Eu, ANA KARINA DA SILVA ALVES, responsável pelo projeto intitulado: DA
PRECARIZAÇÃO À ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO INFORMAL: a Política Nacional de
Resíduos Sólidos e o trabalho dos catadores de materiais recicláveis no contexto da crise
estrutural do capital, declaro que obtive espontaneamente o consentimento deste sujeito de
pesquisa (ou do seu representante legal) para realizar este estudo.

Assinatura _____

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Semiestruturada



Universidade Estadual do Ceará – UECE
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – ProPGPq
Centro de Estudos Sociais Aplicados – CESA
Curso de Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social

SOBRE O TRABALHO DOS CATADORES

Entrevistado n.º: _____

IDENTIFICAÇÃO

PERFIL: Feminino _____ Masculino _____ Idade: _____ Sexo: _____
 Estado civil: Casado _____ Solteiro _____ Separado _____ União Estável _____ Outros _____
 Filhos? _____

Escolaridade: _____

Naturalidade: _____

Possui documento Sim _____ Não _____

Recebe algum benefício Sim _____ Não _____

Atividade profissional anterior: _____

Motivo da saída do último emprego: _____

Há quanto tempo trabalha com reciclagem aqui (Aterro)? _____

Participa de alguma cooperativa ou associação? _____

Se sim, quais as vantagens? _____

Se não, quais as vantagens? _____

Já trabalhou com reciclagem antes? Sim _____ Não _____. Se sim, onde? _____

Que tipo de material reciclável você trabalha: _____

Qual material reciclável você considera mais rentável? _____

Horário de trabalho – Turno _____ / Quantas horas _____ / dias _____
Processo de catar e vender. Quanto ganha? Para quem vende?

Tipo de material coletado e preço por quilo

Ex: papel : _____ kg _____ R\$

A família ajuda na no trabalho? Qual a sua idade?

Guarda material em casa?

Existe divisão de espaço?

Você tem outro vínculo empregatício? Sim _____ Não _____.

Se sim, o que faz? _____

Renda pessoal e familiar: Pessoal: _____ Familiar: _____ Comprometimento
de renda (Alimentação/Vestuário/Água/Luz/Medicamento/Aluguel/Transporte)

Tempo de moradia:

Tipo de moradia: Próprio/Alugado/Cedido

Estrutura: Tijolo/Madeira/Taipa/Misto

Nº. de cômodos:

Tem banheiro/água/luz:

Considera a catação um trabalho ou apenas um “bico”?

O que você acha sobre a atividade de catar lixo?

Você gosta do que faz?

Em sua opinião, o que as pessoas pensam sobre a atividade de catação?

Existe algum tipo de preconceito? Qual? Você já passou por alguma situação?

Quais as dificuldades?

Você acha que o trabalho do catador é importante para a sociedade? Por quê?

Quais os planos futuros?

Horário de trabalho – Turno / Quantas horas / dias

Participa ou já participou de algum grupo/associação/cooperativa

Antes? Se sim por que saiu? Ficou quanto tempo?

Utiliza alguma proteção? Sim _____ Não _____
Doenças mais frequentes?

O que sugere para melhorar as suas condições de trabalho?

Qual sua opinião sobre o Aterro?

Se tem acesso às políticas publicas (se crianças estão estudando)

Fale um pouco sobre suas condições de trabalho aqui. Faça uma comparação do seu trabalho anterior com o aterro.

7) O que você gostaria de encontrar em um outro trabalho, o que você não tem aqui?

8) Se fosse para melhorar as condições de trabalho aqui no aterro, o que você sugere?

9) Você gostaria de falar mais alguma coisa?

Como é trabalhar aqui?. E em sua opinião o trabalho que você desenvolve aqui pode afetar sua saúde?

APÊNDICE C – Roteiro para observação não participante



Universidade Estadual do Ceará – UECE
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – ProPGPq
Centro de Estudos Sociais Aplicados – CESA
Curso de Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social

VISÃO SOBRE O TRABALHO DOS CATADORES

- Condições gerais do ambiente de trabalho.
- Riscos ocupacionais evidenciados no ambiente de trabalho.
- Catadores usam EPIs?
- Catadores realizam pausas durante jornada de trabalho?
- Há trabalho em equipe?
- Condições gerais de saúde (higiene corporal, condições sanitárias e alimentação e acidentes de trabalho)
- Outras observações:
 - _____
 - _____
 - _____
 - _____

ANEXO

ANEXO A - Fontes Primárias

Entrevista com Atravessador 1, realizada pela autora em novembro de 2013 em seu local de trabalho.

Entrevistas com Atravessadores 2 realizada pela autora em novembro de 2013 em seu local de trabalho.

Entrevista com catador 1, realizada pela autora em novembro de 2013 em seu local de trabalho.

Entrevistas com catador 2 realizada pela autora em novembro de 2013 em seu local de trabalho.